a revista para quem gosta de cinema

SET

EXEMPLAR DE ASSINANTE • VENDA PROIBIDA •

Editora Abril

NO BRASIL
As novidades que vêm por aí e uma volta ao passado com Paulo Betti no set de Mauá

CHRISTOPHER REEVE
"Daqui a cinco anos vou andar de novo"

NOS CINEMAS
Garotas Selvagens, um sério candidato ao posto de filme mais sensual do ano

EWAN McGREGOR
Beber e tirar a roupa são as especialidades dele

TV POR ASSINATURA
O charme de Sinfonia em Paris

ARMAGEDDON
Será que o público agüenta ver o mundo ser destruído mais uma vez? Entenda por que o cinemão americano vai ter de mudar

JOHN WAYNE
Quase vinte anos depois de sua morte, o caubói ainda é o maior

Agosto, 1998 - Ed. 134 - Ano 12 - Nº 8 - R$ 5.70 - 5633

OS 100 MAIORES FILMES DO SÉCULO
A lista que está causando polêmica

ISSN 0104-1592

9 770104 159003 00134

ARQUIVO X
o filme

A série mais falada da TV vai dar certo na telona? A verdade sobre a nova aventura de David Duchovny e Gillian Anderson está na pág. 20

A comédia mais surpreendente do ano!

STONI

OU TUDO OU NADA

(THE FULL MONTY)

Dublado ou Legendado

Indicado para 4 Oscars® incluindo Melhor Filme e Melhor Diretor.

Vencedor de 1 Oscar® 98.

Em agosto nas locadoras.

Abril Vídeo

©1997 Twentieth Century Fox Film Corporation. Todos os Direitos Reservados. ©1998 Twentieth Century Fox Home Entertainment, Inc. Todos os Direitos Reservados.
"Twentieth Century Fox", "Fox" e seus logos são propriedade da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença.
© Oscar® é marca registrada de serviço da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas. Vencedor do Oscar® de Melhor Trilha Sonora de Comédia.

CARTA ao LEITOR

As coisas mudam, e nem sempre é para pior. Pense só no cinema nacional: dado como morto e enterrado alguns anos atrás, ele conseguiu contrariar todos os diagnósticos mais pessimistas e renasceu com uma força que desde os anos 70 não se via. Neste exato momento, há mais ou menos umas sessenta equipes espalhadas pelo país planejando seu próximo trabalho, rodando uma nova produção ou dando os retoques finais a um filme que breve vai estar chegando às telas. E já que as coisas mudaram (e para melhor), a SET tem de mudar também. A partir deste mês, o cinema nacional marca presença decisiva em nossas páginas, com reportagens, perfis e uma seção dedicada às novidades que os cineastas e atores brasileiros estão preparando, a ***Radar Brasil***. Mas as mudanças não param por aí: você vai saber mais sobre os atores que andam acontecendo em ***Sob os Holofotes***, vai conhecer melhor os diretores que fazem os filmes que você está vendo em ***Atrás da Câmera***, vai poder selecionar os melhores vídeos e livros que estão à venda em ***Cinema para Guardar*** e vai saber tudo sobre uma grande obra do cinema que sua TV paga está exibindo em ***Clássico por Assinatura***. Tomara que você goste!

Os Editores

O diretor Fábio Barreto

Paulo Jares

NESTA edição

Na Capa:
David Duchovny e Gillian Anderson (Gamma)

20 ARQUIVO X - O FILME
O clima de mistério é o mesmo da série da TV, mas o desafio de conquistar um novo público é bem maior

24 DAVID DUCHOVNY
O cético que ganha a vida fingindo acreditar em alienígenas

28 ARMAGEDDON
Bruce Willis tem a missão de salvar a Terra da destruição. Mas será que ele vai conseguir salvar o cinema de ação?

Columbia Buena Vista

34 CHRISTOPHER REEVE
Depois do acidente que o paralisou, o Super-Homem reconstrói sua vida e planeja andar de novo

Continental

40 OS 100 MAIORES FILMES DO SÉCULO
O American Film Institute divulga sua seleção e causa o maior batafá

42 MAUÁ - O IMPERADOR E O REI
SET foi conferir como Paulo Betti e o diretor Sérgio Rezende estão contando a história de um dos poderosos do Brasil Imperial

46 JOHN WAYNE
Mulherengo, reacionário, cabeça-dura: ainda assim, o maior caubói do cinema continua sem rivais

Reserva Especial

SEMPRE em SET

5 TAKES
8 RADAR BRASIL
12 ATRÁS DA CÂMERA com Fábio Barreto
13 SOB OS HOLOFOTES com Ewan McGregor
14 O QUE ELES DIZEM
16 PAPO RÁPIDO com Jean Reno
54 10 coisas que não podem faltar em um filme de ação
55 NOVOS FILMES *Garotas Selvagens* + 10 lançamentos
58 HOLLYWOOD BOULEVARD por Dulce D. de Brito
59 VIDEOLANÇAMENTOS *Sete Anos no Tibet*
64 CINEMA PARA GUARDAR
65 CLÁSSICO POR ASSINATURA *Sinfonia em Paris*
66 O QUE EU AMO & ODEIO com Al Pacino
68 CARTAS
69 PRÓXIMAS ATRAÇÕES
70 NOSTALGIA

LANÇAMENTOS
COLEÇÕES

Preços não incluindo o valor do sedex
Promoção válida até 31/09/98 ou enquanto durarem os estoques

Promoção Coleção TRILOGIA ALIENS

R$ 58,00 PACK

COLEÇÃO JAMES DEAN

R$ 68,00 PACK

INDIVIDUAL

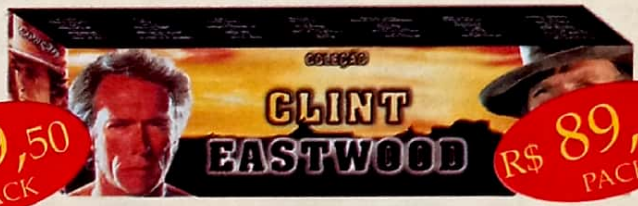
R$ 22,50 cada

Juventude transviada

Assim Caminha a humanidade

Vidas Amargas

COLEÇÃO CLINT EASTWOOD



R$ 89,50 PACK

R$ 89,50 PACK

COLEÇÃO TARZAN

R$ 18,50 cada

VOLUME 2

- O HOMEM DE MALPASSO
- OS GUERREIROS PILANTRAS
- O ÚLTIMO GOLPE
- MAGNUM 44

VOLUME 3

- SEM MEDO DA MORTE
- JOSEY WALLES-O FORA DA LEI
- ROTA SUICIDA
- DOIDO BRIGAR
- LOUCO PARA AMAR

R$ 22,50 cada

R$ 22,50 cada

R$ 22,50

R$ 16,50

R$ 19,90

Av. Sumaré,1744
Tel:(011)3872-4912
Todos os dias até a meia noite
Estacionamento Próprio
São Paulo-SP

Av. Cidade Jardim,1000
Tel:(011)813-7546
Todos os dias até a meia noite
Estacionamento Próprio
São Paulo-SP

Av. Paulista,726
Tel:(011)288-4788
De segunda á sábado
até as 21:00
São Paulo-SP

videoteca

www.2001video.com.br e-mail 2001video@2001video.com.br

ENVIAMOS PARA TODO BRASIL VIA SEDEX / ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

TAKES o que vem por aí

O GORILA DO NATAL

Não, o gorila gigante que vai invadir as telas no próximo Natal não é King Kong – embora suas histórias sejam bastante parecidas. *Mighty Joe Young* mostra a amizade entre uma jovem e um gorila gigantesco que é levado para Los Angeles por um produtor de espetáculos inescrupuloso. É claro que o bichão se liberta e passa a aterrorizar a cidade, colocando o exército em seu encalço. Parece familiar? Claro, mas da última vez a protagonista não era a belíssima Charlize Theron – um detalhe que faz toda a diferença.

MADONNA E SCHWARZIE

estranha união

A *Variety*, a mais influente publicação de cinema dos EUA, revelou que Madonna está em negociações secretas com Arnold Schwarzenegger para fazerem juntos um filme de ação – e que poderia muito bem ser a seqüência de *O Vingador do Futuro*, que há tempos está nos planos de Schwarzie. Ou mesmo o aguardado *Crusade*, um projeto que ganhou força depois que o diretor Paul Verhoeven concluiu *Tropas Estelares*. Uma terceira hipótese seria um musical, no qual o astro mostraria a força de suas cordas vocais. Humm, talvez seja melhor não.

Os astros: juntos na tela?

TOM CRUISE E STEVEN SPIELBERG

PROJETO PARA O PRÓXIMO MILÊNIO

Tom Cruise e Spielberg estão a um passo de assinar um acordo para trabalhar juntos. O problema é tirar da frente os projetos que eles têm na agenda. O próximo filme do diretor deve ser *Memoirs of a Geisha*, sobre uma garotinha japonesa vendida como escrava que vira estrela durante a Segunda Guerra. Já Tom está louco para começar a rodar a seqüência de *Missão Impossível*, talvez com John Woo na direção. Do modo como vão as coisas, o projeto Cruise/Spielberg vai ficando só na vontade e pode chegar às telas só no terceiro milênio.

Cruise e Spielberg: parceria

JURASSIC PARK 3

passeio no parque

A Universal anunciou no final de junho que *Jurassic Park 3* deverá chegar aos cinemas no verão americano do ano 2000. O filme será produzido por Steven Spielberg, escrito por Michael Crichton e terá algumas diferenças significativas em relação às aventuras anteriores. A mais importante é que a direção não será de Spielberg. Fica a pergunta: será que esse novo passeio no parque será algo além de um caça-níqueis de luxo?

AGUARDE! ***SEIS DIAS, SETE NOITES*, aventura com Harrison Ford, chega ao Brasil em 4 de setembro; e *A MÁSCARA DO ZORRO*, com Antonio Banderas e Anthony Hopkins, estréia em 9 de outubro.**

TAKES bastidores

BEN AFFLECK

é melhor prevenir

Ben: estoque

Em uma entrevista, o ator Ben Affleck disse que a coisa mais estúpida já publicada a seu respeito envolvia uma loja de conveniência e sexo seguro. O namorado de Gwyneth Paltrow contou que, segundo um tablóide, ele foi visto em uma loja no estado do Wisconsin comprando preservativos da marca Trojan. O problema é que Affleck nunca colocou os pés em Wisconsin – o que não impediu que o fabricante dos preservativos lhe enviasse um estoque de emergência: cinco mil camisinhas. Pobre Gwyneth...

PHIL HARTMAN

TRAGÉDIA EM CASA

Hartman: tragédia

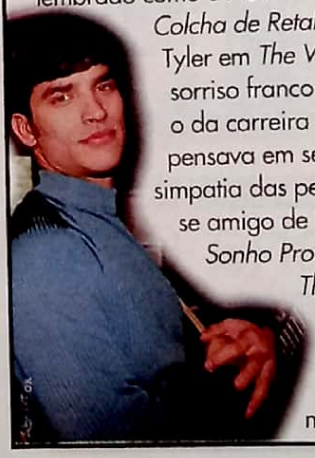
Tudo ia bem na vida do comediante Phil Hartman. Aos 49 anos, ele fazia sucesso na série *NewsRadio* e se preparava para o lançamento da aventura *Pequenos Guerreiros* no cinema. Mas na madrugada de 5 de junho Hartman levou dois tiros na cabeça, supostamente disparados por sua mulher, a ex-modelo Brynn Omdahl, que se matou horas depois. Embora as circunstâncias da morte do ator ainda não estejam esclarecidas, amigos próximos ao casal dizem que Brynn tinha problemas com álcool e drogas, mas parecia estar se recuperando. A morte de Phil Hartman seguiu a do diretor John Derek, que faleceu em 22 de maio, aos 71 anos, vítima de um ataque cardíaco. No final dos anos 70, Derek catapultou para a fama sua mulher, Bo, dando-lhe o papel principal de *Mulher Nota 10*. Outra perda foi a da atriz Maureen O'Sullivan – que interpretou Jane, a companheira do Tarzan, nos filmes protagonizados por Johnny Weissmuller na década de 30. Maureen morreu em 23 de junho, aos 87 anos, também de parada cardíaca. Mãe da atriz Mia Farrow, ela iniciou a carreira em musicais dos anos 30 e trabalhou até 1986, na comédia *Hannah e Suas Irmãs*, ao lado da filha e do então genro Woody Allen.

Derek: infarto

Maureen: a Jane de Weissmuller

COMO É MESMO O NOME DELE?

johnathon schaech
UM ADONIS SORRIDENTE

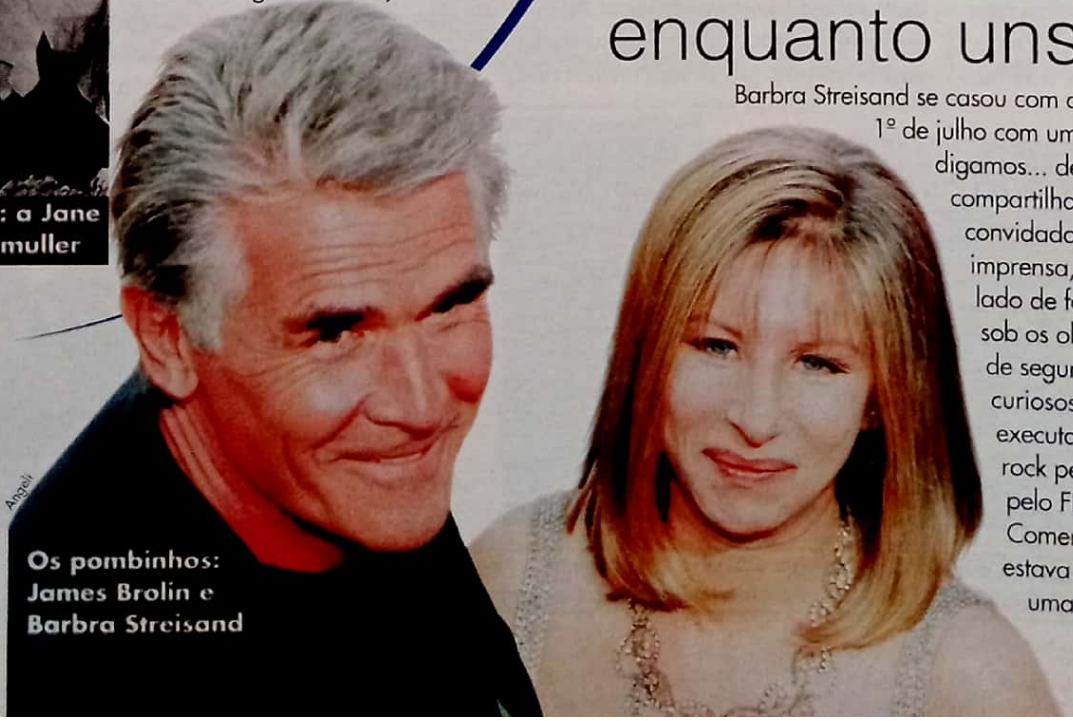


Ele ainda precisa de um grande sucesso para se tornar conhecido internacionalmente, mas Johnathon Schaech, de 28 anos, já colhe louros por sua aparência. O ator pode ser lembrado como o Adonis que seduz Winona Ryder em *Colcha de Retalhos* e como o namorado de Liv Tyler em *The Wonders*. O rosto anguloso e o sorriso franco o motivaram a ser ator, afastando-o da carreira de economista e advogado que pensava em seguir. Introspectivo, ele conquista a simpatia das pessoas com quem trabalha – tornou-se amigo de Franco Zeffirelli, que o dirigiu em *Sonho Proibido*, e de Tom Hanks, o diretor de *The Wonders*, que o escolheu para ser o mágico Harry Houdini em *Believe: The Houdini Story*, a ser lançado ainda este ano. Seu filme mais recente foi *Segredo de Sangue*.

BARBRA STREISAND & JAMES BROLIN

enquanto uns casam...

Barbra Streisand se casou com o ator James Brolin na noite de 1º de julho com uma cerimônia digna de... digamos... de Hollywood. A celebração foi compartilhada com mais de cem convidados, mas bem longe da imprensa, que acompanhou tudo do lado de fora da mansão de Barbra, sob os olhares atentos de um pelotão de seguranças. Para manter os curiosos afastados, caixas de som executaram mais de quatro horas de rock pesado – a mesma tática usada pelo FBI para desorientar atiradores. Comentário de um cinegrafista que estava no local: "Pelo menos não era uma música da Barbra".


Os pombinhos: James Brolin e Barbra Streisand

JULIA ROBERTS

A VIDA IMITA A ARTE

Parecia aquela cena de *Uma Linda Mulher*, na qual Julia Roberts era enxotada de uma loja sofisticada em Beverly Hills por não estar vestida de acordo. Mas a edição de julho da revista *W* diz que a bela atriz, que estava em Londres rodando uma comédia ao lado de Hugh Grant, foi esnobada na porta de uma butique sofisticada: ela tocou a campainha e o vendedor disse para ela dar o fora. Quando uma cliente perguntou se o sujeito sabia quem era a moça de lábios carnudos, a resposta foi: "Ah, uma modelo qualquer". Depois que viu a besteira que fez, o mané ainda correu atrás de Julia, mas a atriz nem deu bola.

Julia: esnobada em uma butique londrina

NICOLE KIDMAN

salário mínimo

Nicole: no teatro

Depois de passar mais de um ano morando em Londres enquanto rodava suas cenas no conturbado *Eyes Wide Shut*, que Stanley Kubrick vem filmando desde novembro de 1996, Nicole Kidman parece ter tomado gosto pela atmosfera britânica. Apesar do risco de ser chamada para refazer cenas do filme, ela não vai deixar a cidade tão cedo: mês que vem, a sra. Tom Cruise faz sua estréia nos palcos londrinos na peça *The Blue Room*, ganhando o salário mínimo dos atores ingleses, 410 dólares semanais. Com um pagamento tão merreca, e a ameaçadora sombra de Kubrick pairando sobre ela, só o amor à arte segura Nicole no Velho Mundo. Ah, e a presença do maridão também ajuda.

BRUCE & DEMI

...outros se separam

Bruce Willis e Demi Moore estão colocando um ponto final em seu casamento de quase onze anos. Sem dar maiores detalhes sobre os motivos da separação, o casal ainda não determinou a guarda de seus três filhos ou a situação de suas propriedades. Bruce e Demi se casaram em 21 de novembro de 1987, em uma cerimônia que custou 900 mil dólares – mas levando-se em conta a milionária conta bancária dos astros, que ganham uma média de 10 milhões por filme, o divórcio pode sair bem mais caro.

e Bruce: o fim de um casamento

BEM-VINDO

Um sonho impossível? De jeito nenhum. O cinema nacional voltou

A tão alardeada ressurreição do cinema nacional já deixou de ser o sonho de cineastas, atores e técnicos para se tornar uma realidade. Depois que *Carlota Joaquina – Princesa do Brazil*, de Carla Camurati, foi lançado em 1995, a produção cinematográfica brasileira – apoiada em leis federais para captação de recursos – deu um salto até então inimaginável.

E não só na quantidade, mas também na qualidade: de *Carlota* para cá, o cinema brasileiro voltou a competir em Cannes (*Coração Iluminado*), concorreu duas vezes ao Oscar (*O Qu4trilho*

TÍTULO	DIRETOR	ELENCO	A HISTÓRIA
● *Adágio ao Sol*	Xavier de Oliveira	Claudio Marzo	Um fazendeiro deixa a família por problemas financeiros, mas entra em crise ao descobrir o suicídio de sua mulher.
● *Alô?*	Mara Mourão	Betty Lago, Myriam Muniz, Herbert Richers Jr.	Quatro espertalhões, que resolvem seus problemas na base do "jeitinho", metem-se em uma enorme confusão.
● *Amazônia Misteriosa*	Ivan Cardoso	Cristina Mortágua, Júlio Medaglia, Paul Naschy	Na Amazônia, nazistas fazem experiências com filhos de guerreiras, enfrentando um cientista e um lobisomem.
● *Amor & Cia*	Helvécio Ratton	Marco Nanini, Patrícia Pillar, Alexandre Borges	No século 19, um comerciante vive um triângulo com sua mulher e seu sócio. O impasse será resolvido nos negócios.
● *O Caso Morel*	Suzana Amaral	a ser definido	Um artista esquece o que aconteceu no dia do assassinato de sua amante e divide a opinião de dois investigadores.
● *Chatô*	a ser definido	a ser definido	Adaptado do livro de Fernando Morais sobre Assis Chateaubriand, uma das mais poderosas figuras da imprensa brasileira.
● *Copacabana*	Carla Camurati	a ser definido	A história de Copacabana desde seu início, passando pelo glamour dos anos 50 e 60, até a decadência de hoje.
● *Coração Iluminado*	Hector Babenco	Miguel Angel Solá, Xuxa Lopes, Maria Luiza Mendonça	Neste filme autobiográfico, passado na Argentina dos anos 60, um cineasta lida com um trauma ligado à sua mulher.
● *Cronicamente Inviável*	Sérgio Bianchi	Betty Goffmann, Dira Paes, Daniel Dantas, Cecil Thiré	Os aspectos mais duros da vida brasileira são expostos por vários personagens, que ao fim se encontram num restaurante.
● *O Dia da Caça*	Alberto Graça	Marcello Antony, Paulo Vespúcio, Barbara Schulz	Um relatório americano sobre as drogas no Brasil detona uma investigação sobre o tráfico na América Latina.
● *Estorvo*	Ruy Guerra	Jorge Perugorria, Bianca Byington, Xando Graça	Baseado no livro de Chico Buarque, narra o desespero de um homem sem nome que foge de perseguidores enigmáticos.
● *Eu Não Conhecia Tururu*	Florinda Bolkan	Florinda Bolkan, Maria Zilda, Ingra Liberato, Suzana Gonçalves	Depois de anos sem se ver, quatro irmãs se reencontram em seu Ceará natal. A reunião traz à tona seus dramas.
● *Guerra e Liberdade*	Nelson Pereira dos Santos	Maria de Medeiros	Na São Paulo do final do século 19, o jovem poeta Castro Alves vive um romance com a portuguesa Eugênia Câmara.
● *A Hora Mágica*	Guilherme de Almeida Prado	Raul Gazzola, Júlia Lemmertz, Maitê Proença, José Lewgoy	Com a chegada da TV ao Brasil, dois profissionais do rádio e do cinema têm de se adaptar à nova mídia.
● *Kenoma*	Eliana Café	José Dummond, Matheus Nachtergaele	Um humilde visionário do norte de Minas Gerais tenta construir uma máquina que prove a teoria do moto-perpétuo.
● *Lavoura Arcaica*	Luiz Fernando Carvalho	Selton Mello, Raul Cortez, Leonardo Medeiros, Simone Spoladori	Em São Paulo, um filho de libaneses deixa a família após se apaixonar por sua irmã. Sua volta trará a tragédia.

● PRONTO ● EM FINALIZAÇÃO ● EM FILMAGEM ● EM PREPARAÇÃO

AO BRASIL

de vez, e com gás total: quantidade com qualidade é o novo lema

e *O Que É Isso, Companheiro?*) e saiu do Festival de Berlim com o Urso de Ouro (*Central do Brasil*).

A SET não poderia ficar de fora desse cenário tão promissor – e por isso inauguramos uma nova seção, dedicada à efervescência do cinema nacional, na qual mostramos o que andam fazendo as pessoas que trocaram os sonhos pelo trabalho para provar que é possível fazer cinema de primeira no Brasil. O quadro abaixo é uma pequena amostra dos mais de sessenta filmes que estão em produção no país. E mês que vem estaremos de volta com muito mais. Bem-vindo ao *Radar Brasil*!

TÍTULO	DIRETOR	ELENCO	A HISTÓRIA
Lúcia de Lá Menor	Flávio de Souza	Marília Pêra, Marisa Orth, Mira Haar, Catarina Fisher	Uma cantora lírica, ridicularizada por outras artistas, planeja a morte das rivais durante uma festa.
Mauá – O Imperador e o Rei	Sérgio Rezende	Paulo Betti, Malu Mader, Othon Bastos	O diretor de *Guerra de Canudos* narra a vida do Visconde de Mauá, um dos homens mais ricos do Brasil imperial.
No Coração dos Deuses	Geraldo Morais	Antônio Fagundes, Roberto Bonfim, Ângelo Antônio	Aventureiros encontram um mapa feito por um bandeirante e, durante a jornada, são levados para o tempo das Bandeiras.
Norma	Norma Bengell	a ser definido	Depois de *O Guarani*, a atriz e diretora comanda sua cinebiografia – e quer ter Mira Sorvino como protagonista.
Páscoa em Março	Ana Carolina	Béatrice Agenin, Miriam Muniz, Camila Amado	A atriz Sarah Bernardt faz uma excursão pelas Américas na tentativa de reacender sua paixão pelo teatro.
Primeiras Estórias	Pedro Bial	Giulia Gam, Sílvia Buarque, Juca de Oliveira, Cacá Carvalho	Vários contos de Guimarães Rosa ganham vida nesta estréia do jornalista Pedro Bial atrás das câmeras.
Santo Forte	Ricardo Dias	–	Documentário do mesmo autor de *Cabra Marcado para Morrer* sobre o cotidiano místico e religioso do brasileiro.
Silêncio da Chuva	Murilo Salles	a ser definido	Baseado no romance de Luiz Alfredo Garcia Rosa, mostra a investigação de um suicídio confundido com assassinato.
A Terceira Morte de Joaquim Bolívar	Flávio Cândido	Sérgio Siviero, Othon Bastos, Maria Lúcia Dahl, Jonas Bloch	Em um vilarejo do Rio, um barbeiro descobre um golpe e enfrenta um coronel, em uma disputa que dura décadas.
Tônica Dominante	Lina Chamie	Fernando Alves Pinto, Vera Holtz, Rodrigo Santiago, Vera Zimmermann	Mostra três dias na vida de um jovem clarinetista antes de um concerto. A ação é desenvolvida em função da música.
O Toque do Oboé	Claudio MacDowell	Paulo Betti, Leticia Vota, Mario Lozano	Um músico acompanha filmes mudos e dá vida nova a uma cidade – mas ninguém sabe que ele foi até lá para morrer.
Traição	Claudio Torres, Arthur Fontes e José Emilio Fonseca	Fernanda Torres, Daniel Dantas, Fernanda Montenegro	Três curtas baseados em Nelson Rodrigues abrem uma nova área para a Conspiração Filmes, que produz videoclipes.
Um Copo de Cólera	Aluizio Abranches	Alexandre Borges, Júlia Lemmertz	Um casal se encontra em uma chácara e se enfrenta em um cáustico duelo de palavras – que acaba na cama.
Uma Aventura do Zico	Antônio Carlos da Fontoura	Zico	Um garoto rico contrata um cientista para clonar o jogador Zico, que tem sua personalidade dividida em duas.
O Viajante	Paulo César Saraceni	Marília Pêra, Jairo Mattos, Nelson Dantas, Leandra Leal	Nos anos 40, no interior de Minas Gerais, um caixeiro viajante desperta a paixão de uma viúva e de uma jovem.
Xangô de Baker Street	Miguel Faria	a ser definido	Sherlock Holmes investiga o roubo de um violino no Rio imperial. Baseado no best-seller homônimo de Jô Soares.

Central do Brasil: cinema no interior

Lumiere

COMO SER SOLTEIRO

a caminho da telinha

A diretora Rosane Svartman está trocando os cinemas pela televisão: ela é a responsável pela direção geral da série *Como Ser Solteiro*, baseada em seu filme homônimo, que deve chegar ao canal Multishow mês que vem. Os protagonistas do filme – uma dupla de solteiros convictos – voltam a aprontar na TV, mantendo-se firmes em sua cruzada contra qualquer relacionamento que ultrapasse uma noite.

Lumiere

Embora o restante do elenco do filme dê as caras apenas em participações especiais, uma coisa permanece inalterada: o palco de *Como Ser Solteiro* continua sendo o ensolarado Rio de Janeiro.

CINEMA ITINERANTE

NO CORAÇÃO DO BRASIL

Se a sua cidade não possui um cinema, ou se a única sala só passa os lançamentos de dois anos atrás, fique de olhos abertos: a cada seis meses, o Espaço Unibanco organiza o projeto Cinema Itinerante, que exibe filmes nacionais em cidades do interior do Brasil. O projeto teve início em 1995, e a última edição foi realizada no semestre passado, com *Central do Brasil*. Durante o dia os filmes são projetados para estudantes, e à noite a sessão é aberta ao público. A próxima edição do Cinema Itinerante, com o filme e a cidade ainda a serem definidos, deve ser realizada até o final do ano.

FESTIVAL DE GRAMADO

a serra gaúcha prepara a festa

A cidade de Gramado, no Rio Grande de Sul, volta a ser a capital brasileira do cinema entre os dias 8 e 16 deste mês: é quando será realizado o 26º Festival de Cinema de Gramado. Quatorze filmes latino-americanos já estão confirmados para a mostra competitiva – que é acompanhada de diversos eventos paralelos para médias e curtas-metragens, além de outras que exibem filmes fora da competição. Uma das mais importantes é a Mostra Informativa do Cinema Brasileiro, destinada a apresentar produções nacionais para a imprensa internacional.

A maior novidade deste ano são as Premières Gramado – exibições de filmes inéditos no Brasil que posteriormente irão entrar em circuito nacional. Entre os novos trabalhos dos diretores Pedro Almodóvar e Bruno Barreto, a grande atração promete ser o esperadíssimo *O Show da Vida*, uma fábula sobre um homem cuja vida é um programa de televisão, dirigida pelo australiano Peter Weir e protagonizada por Jim Carrey.

GUILHERME FONTES

POR ONDE ANDARÁ *CHATÔ*?

Desde que deixou para trás a carreira de ator e se autoproclamou produtor de cinema, Guilherme Fontes vem captando recursos para transformar *Chatô*, o best-seller de Fernando Morais sobre a vida do jornalista Assis Chateaubriand, em filme. Três anos e uma arrecadação de 7 milhões de reais depois, *Chatô – O Rei do Brasil* ainda não passa de um megaprojeto de 12 milhões, o maior já visto no país.

A polêmica em torno do filme foi levantada pelo produtor Luiz Carlos Barreto, no último Cine Ceará. O responsável por *O Qu4trilho* e *O Que É Isso, Companheiro?* disse durante uma entrevista coletiva que, durante os anos em que Guilherme vem captando recursos, ele, Barreto, já fez quatro filmes.

Para responder a seus detratores, Guilherme deu uma entrevista ao jornal carioca *O Globo* em junho passado, mas só levantou mais dúvidas. Evasivo em suas respostas, o ator-produtor afirmou que não existem produtores no Brasil e que as filmagens começam com certeza ainda neste segundo semestre.

Segundo disse à SET o jornalista Hugo Sukman, que fez a entrevista, "Guilherme não deu uma resposta objetiva e não apresentou números, mas mostrou um projeto grandioso e encoberto de desconfiança". Para que Guilherme Fontes acabe com essa desconfiança do meio cinematográfico, a solução é simples: é só fazer o filme.

Guilherme Fontes: entrevista polêmica

Isabel Becker

Não Perca !!!

1ª FEIRA DE VÍDEO JOINTVIDEO

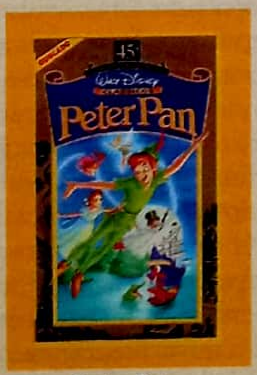
De 05 a 08 de Agosto
das 9 às 18:00 h.

Para Locadoras e Colecionadores

Grandes Sucessos do Cinema a preços incríveis !!!

- ★ Fitas novas e usadas a partir de **R$ 2,00**
- ★ Descontos de até 80%
- ★ Acervo de 40.000 fitas dos mais diversos títulos
- ★ Aceitamos todos os cartões de crédito
- ★ Estacionamento próprio na loja

Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana
Próximo à Estação Carandirú do Metrô
São Paulo - SP
Fone: (011) 290-0811 / Fax: (011) 267 6120
E-mail: jointvideo@jointvideo.com.br
http://www.jointvideo.com.br



Peter Pan
Dubl. ou Leg.
Disney - R$ 25,90

A Pequena Sereia
Dubl. ou Leg.
Disney - R$ 25,90

CD-ROM
Guia Mundial
de Filmes e Vídeos
Blockbuster - R$ 59,00

CD-ROM
Nossa Língua
Portuguesa
Publifolha - R$ 49,00

JOINTVIDEO
CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.

fábio barreto

O HERDEIRO DO CLÃ

O amor pelo cinema ele aprendeu com a família. Mas o que o diretor do novo *Bela Donna* queria mesmo era ser fazendeiro

Durante a adolescência, Fábio Barreto foi a exceção à tradição de sua família. Mesmo sendo filho dos produtores Lucy e Luiz Carlos Barreto, irmão do cineasta Bruno Barreto e íntimo de diretores como Gláuber Rocha, seu sonho não era trabalhar no cinema. Era ser fazendeiro.

Mas a tradição gritou mais alto quando ele foi prestar vestibular e teve de se decidir entre a escola de agronomia e o curso de cinema. "Foi minha primeira crise existencial", conta. "Queria morar no campo, mas achei que era hora de exigir a atenção que merecia." Trabalhando como auxiliar de produção em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, que seu irmão dirigiu em 1976, percebeu que tomara a decisão certa. Ironicamente, porém, largou a faculdade após seis meses, por achá-la uma farsa: "Era o auge da repressão, então me enfiei na floresta amazônica para trabalhar com Oswaldo Caldeira em *Ajuricaba*".

Paulo Jares

Aos dezenove anos, ele fez seu primeiro filme, um curta chamado *A História de José e Maria*. A mãe temia que o filho não tivesse talento, mas o pai resolveu produzir sua estréia em longas: *Índia – A Filha do Sol*, de 1982. Fábio conta que trabalhar com os pais tem vantagens e desvantagens, já que, no jogo entre diretor e produtor, a intimidade pode atrapalhar – mas ele não reclama dos resultados. Em seguida vieram *O Rei do Rio*, de 1985, e *Luzia Homem*, de 1988. E veio também a crise do cinema nacional.

Com o fim da Embrafilme, Fábio passou sete anos sem filmar, trabalhando em comerciais e na TV. Foi um período para os cineastas brasileiros criarem uma nova estrutura, diz: "O modelo anterior, tutelado pelo Estado, estava errado". E foi também o tempo necessário para ele dar início a *O Qu4trilho*, que marcou, ao lado de *Carlota Joaquina*, de Carla Camurati, o renascimento do cinema brasileiro.

O filme – considerado por Fábio o melhor momento de sua carreira, em especial pela indicação ao Oscar – também serviu para acirrar a competição com o irmão, Bruno, dois anos mais velho. "Há uma disputa muito natural", conta. "Criticamos os roteiros um do outro, dividimos projetos. A indicação me colocou à frente, mas, como ele concorreu com *O Que É Isso, Companheiro?*, estamos empatados."

O Qu4trilho também trouxe a idéia de uma carreira fora do Brasil – mesmo que ele considere remota a chance de deixar o país. Fábio passou a receber dezenas de roteiros, na maioria desinteressantes. A exceção foi um que tratava da vida da pintora mexicana Frida Kahlo, mas uma briga com a roteirista o afastou do projeto.

Envolvido com o lançamento de *Bela Donna* (*leia mais em Novos Filmes*), Fábio diz que está com pelo menos oito novos projetos em desenvolvimento – um deles sobre a vida do cantor Cazuza. "É o filme no qual vou poder falar sobre a minha geração, colocar muita coisa para fora", sonha. "Faço cinema por isso. É uma maneira de me relacionar melhor com o mundo."

Nem parece o jovem diretor que, à época do lançamento de seu primeiro filme, não queria saber dos clichês do cinema comercial. Agora, aos 41 anos, Fábio Barreto deixou a impetuosidade para trás: "Não tenho nenhuma pretensão de investigar uma nova linguagem ou fazer 'cinema de autor'. Faço filmes para divertir e emocionar o público".

Roberto Sadovski

ewan mcgregor

NU COM A MÃO NO COPO

Ele adora beber, tirar a roupa e fazer festa. Só trabalho é coisa séria para este escocês que está de volta em dois novos filmes

O ator Ewan McGregor se parece mais com seu personagem de *Trainspotting*, o viciado que mergulhou em uma privada imunda atrás de um supositório de ópio, do que com o heróico guerreiro Obi-Wan Kenobi, que encarna na nova trilogia *Guerra nas Estrelas* – com estréia prevista para maio do ano que vem. Apesar de não usar drogas, Ewan gosta de extremos: fuma sem parar, é o último a sair da festa e bebe todas as cervejas, margueritas e doses de scotch que lhe forem servidas. Não à toa, seu ídolo é o falecido ator Richard Burton, que atuava com níveis impressionantes de álcool no sangue.

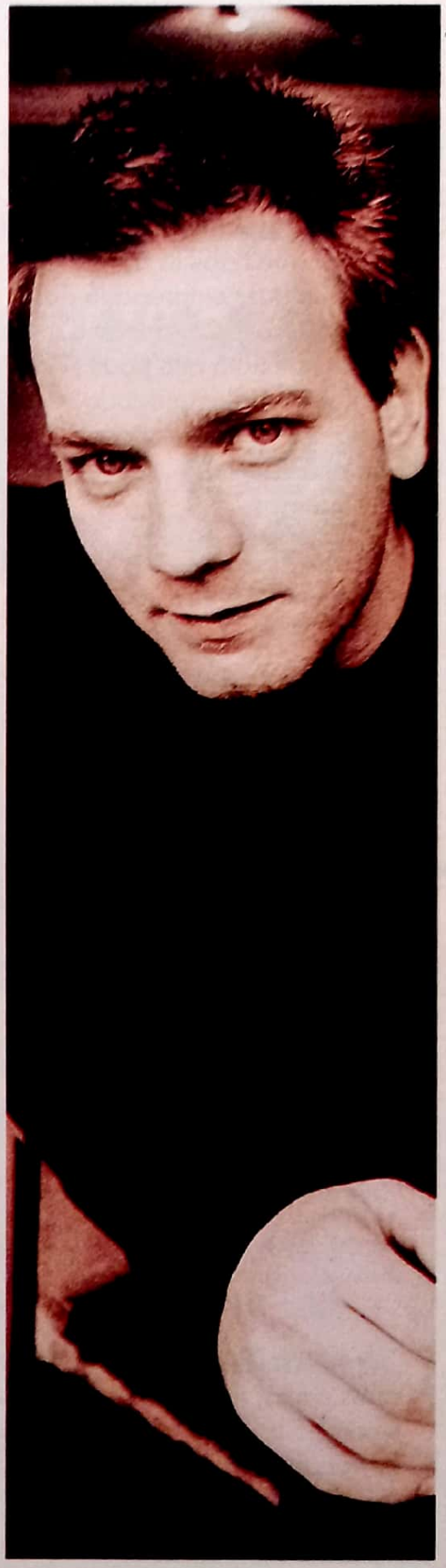
Ewan aproveita todas as ocasiões possíveis para se divertir – hábito que cultiva desde a adolescência nas ruas de Crieff, uma cidadezinha escocesa. Também nunca teve papas na língua e é capaz de mandar qualquer chato para aquele lugar sem cerimônias. "Tenho a boca grande; preciso aprender a não contar certas histórias", admite. O trabalho, porém, é coisa séria. "Sou feliz quando atuo. Trabalho como louco e sou ambicioso, a ponto de parecer arrogante." Em cinco anos de carreira, Ewan já participou de mais de quinze filmes – e dois de seus trabalhos mais recentes, *Por uma Vida Menos Ordinária* e *O Principal Suspeito*, devem estrear este mês no Brasil.

Péssimo aluno, ele sempre quis atuar. Na infância, fascinava-se com as visitas do tio bicho-grilo, o ator Denis Lawson, que vinha de Londres descalço, vestindo roupas de pele e distribuindo flores. Para Ewan, aquilo sim é que era viver. Com a carreira consolidada depois de *Trainspotting*, ele une o útil ao agradável: gosta de tirar a roupa e não hesita em topar projetos nos quais tenha de ficar nu. "Lembro que quando *O Livro de Cabeceira*, de Peter Greenaway, foi lançado, fiquei apreensivo com a reação de meus pais, já que passo quase o filme inteiro pelado. Mas meu pai me mandou um fax orgulhoso: 'Vejo que você herdou uma de minhas maiores qualidades!', ele dizia. Agora não vejo a hora de mostrar meu verdadeiro sabre de luz em *Guerra nas Estrelas*", brinca.

Embora irrequieto, o ator leva uma vida doméstica sem sobressaltos. Casado com a francesa Eve Mavrakis, ele é pai de Clara Mathilde, de dois anos. Ewan, de 27 anos, espera que a filha se divirta ao vê-lo nas telas como Obi-Wan, assim como ele se divertiu ao ver seu tio Lawson interpretando Wedge, um piloto que aparecia nos três filmes da série *Guerra nas Estrelas*.

Enquanto isso, ele tenta desfrutar ao máximo seus últimos meses de relativa tranqüilidade: em menos de um ano, será impossível beber uma cerveja em paz em qualquer pub do planeta. Ou da galáxia.

Christian Petermann



O QUE eles dizem

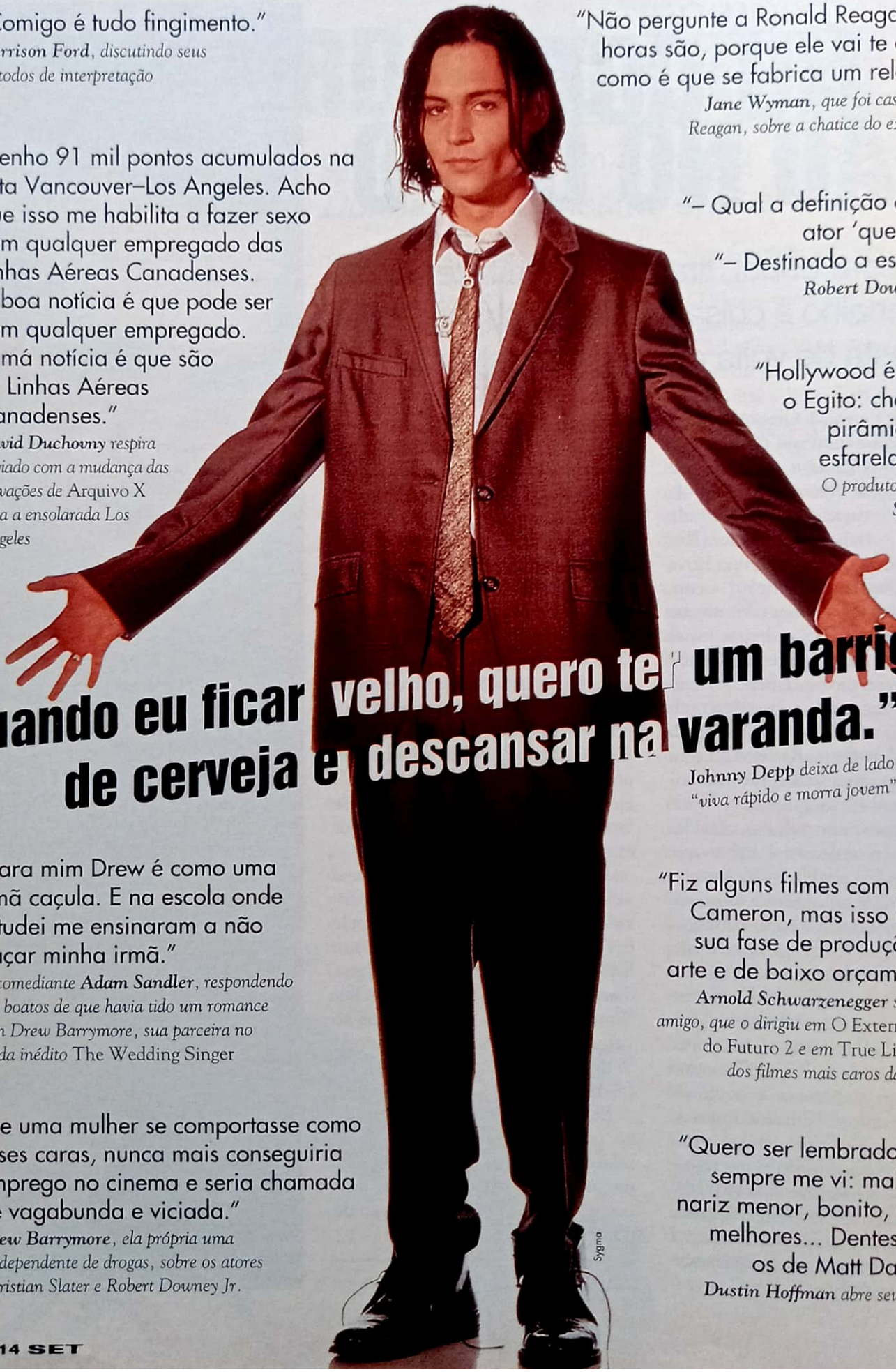
"Comigo é tudo fingimento."
Harrison Ford, *discutindo seus métodos de interpretação*

"Não pergunte a Ronald Reagan que horas são, porque ele vai te contar como é que se fabrica um relógio."
Jane Wyman, *que foi casada com Reagan, sobre a chatice do ex-marido*

"Tenho 91 mil pontos acumulados na rota Vancouver–Los Angeles. Acho que isso me habilita a fazer sexo com qualquer empregado das Linhas Aéreas Canadenses. A boa notícia é que pode ser com qualquer empregado. A má notícia é que são as Linhas Aéreas Canadenses."
David Duchovny *respira aliviado com a mudança das gravações de* Arquivo X *para a ensolarada Los Angeles*

"– Qual a definição de um ator 'quente'?"
"– Destinado a esfriar."
Robert Downey Jr.

"Hollywood é como o Egito: cheia de pirâmides se esfarelando."
O produtor **David Selznick**



"Quando eu ficar velho, quero ter um barrigão de cerveja e descansar na varanda."
Johnny Depp *deixa de lado o bordão "viva rápido e morra jovem"*

"Para mim Drew é como uma irmã caçula. E na escola onde estudei me ensinaram a não traçar minha irmã."
O comediante **Adam Sandler**, *respondendo aos boatos de que havia tido um romance com Drew Barrymore, sua parceira no ainda inédito* The Wedding Singer

"Fiz alguns filmes com James Cameron, mas isso foi em sua fase de produções de arte e de baixo orçamento."
Arnold Schwarzenegger *sobre seu amigo, que o dirigiu em* O Exterminador do Futuro 2 *e em* True Lies *– dois dos filmes mais caros da história*

"Se uma mulher se comportasse como esses caras, nunca mais conseguiria emprego no cinema e seria chamada de vagabunda e viciada."
Drew Barrymore, *ela própria uma ex-dependente de drogas, sobre os atores Christian Slater e Robert Downey Jr.*

"Quero ser lembrado como sempre me vi: mais alto, nariz menor, bonito, dentes melhores... Dentes como os de Matt Damon!"
Dustin Hoffman *abre seu coração*

Sygma

NÃO ESQUEÇA DE PARTICIPAR DESTA GRANDE PROMOÇÃO!

ESQUECERAM DE MIm 3

(HOME ALONE 3)

ALUGUE O FILME,

EXIJA O CUPOM NA LOCADORA

E RESPONDA A PERGUNTA:

"QUAL A COR DO CARRINHO DE BRINQUEDO DE ALEX ?"

ENVIE O CUPOM, ATÉ 31/08/98, PARA:
ABRIL VÍDEO - CAIXA POSTAL 11.079
CEP 05422-970 - S.PAULO - SP
"PROMOÇÃO ESQUECERAM DE MIM 3".

ASSISTA O FILME E CONCORRA A 1.000 PRÊMIOS!

Leia o regulamento desta promoção no cupom.

Abril Vídeo

CA/MJ/SDE/N01/695/98

©1997 Twentieth Century Fox Film Corporation. Todos os Direitos Reservados. ©1998 Twentieth Century Fox Home Entertainment, Inc. Todos os Direitos Reservados.
"Twentieth Century Fox", "Fox" e seus logos são propriedade da Twentieth Century Fox Film Corporation e são usados sob licença.

jean reno

O MELHOR DE DO

Onde é melhor atuar, no Velho Mundo ou no Novo? Jean Reno mostra

De Juan Moreno, filho de espanhóis nascido em Casablanca, pouca gente ouviu falar. Mas de Jean Reno, um dos mais queridos atores de sua França adotiva, fala-se cada vez mais. Seja em papéis cômicos, como o de *Os Visitantes* (recordista de bilheteria na França), seja vivendo um taciturno assassino em *O Profissional*, Jean é sempre a melhor coisa dos filmes em que aparece. E *Godzilla*, no qual ele faz um vilanesco agente secreto, não é exceção à regra.

É legal ver a França marcar presença em *Godzilla*. É sempre um ator inglês...

...que faz o papel do vilão? Você por acaso está falando do Gary Oldman? Cuidado, ele é meu amigo. Mas eu já interpretei caras legais, caras ruins, comédias, dramas... Gosto de mudar o tempo todo, porque só tenho uma vida, e porque é bom trabalhar com pessoas legais. Esta é a minha meta: passar a vida com boas histórias e boas pessoas.

Você é famoso na França, mas *Godzilla* deve torná-lo conhecido também nos EUA. Você está preparado para a celebridade?

Não mesmo. Na primeira vez que visitei Los Angeles depois de fazer *Nikita*, fui ao açougue com um amigo – e o açougueiro sapecou: "Humm, você não é aquele cara que limpava a cena do crime?". Tomei um susto. Até o açougueiro?

O roteiro de *Godzilla* foi escrito com você em mente. Mas e se você não gostasse do script?

Veja a coisa por outro lado: atores costumam ser paranóicos e ter um ego enorme. Então o que você tem a fazer é dizer para eles coisas como: "Não se preocupe, vai dar tudo certo". Entendeu?

Você já disse que no cinema americano tudo é maior do que no francês – até as refeições. Que tal foi fazer algo como *Godzilla*?

Tenho uma história para contar. Eu estava do lado de fora do set fumando um cigarro quando chegou o entregador de pizzas. "Quantas você trouxe hoje?", eu perguntei. "Ah, não muitas. Só oitenta." Isso é a América. Você pode imaginar o tamanho da equipe? Eles pagaram 7 mil pessoas neste filme. Mas, depois de passar a manhã cumprimentando esse batalhão, você se vê sozinho em frente à câmera, como em qualquer filme de pequeno orçamento. Eles dizem "Ação", e você atua, como sempre. O tamanho de um filme é algo que você percebe antes e depois, mas não durante a filmagem.

Então, ao contrário do que se diz, tamanho não é documento?

Para mim, não.

E as equipes? Também são iguais na Europa e nos EUA?

Exatamente iguais. Se você é legal com todo mundo, todo mundo é legal com você. Se não, é como viver no deserto. Trabalhei com Alain Delon – ele é francês, então eu posso criticá-lo –, e ele não dá bola para ninguém. Portanto, passa o tempo sozinho no trailer dele.

Com seu sotaque francês, foi difícil fazer aquela imitação de Elvis Presley em *Godzilla*?

Bem, eu tentei fazê-la o melhor possível, porque Elvis é um ícone. Mas tive de repetir a cena várias vezes, com a ajuda de um professor.

Você consegue imitar um americano qualquer, um cara que a gente encontra na rua?

Não. Encontrei o Robert De Niro e disse para ele, "Are you talkin' to me?" (*a fala mais famosa de De Niro em Taxi Driver*), e ele perguntou, "O quê?" (*risos*).

Diz a piada que os franceses detestam os americanos.

Detestam os americanos? Não...

Ou pelo menos pensam que eles são meio rudes.

Olhe, eu nasci em Casablanca, no Marrocos, e me mudei para a França quando tinha dezoito anos. Depois fiz o serviço militar na Alemanha, e meus pais são espanhóis. Então eu sempre disse para mim mesmo que não se deve sair por aí criticando os outros, ou você nunca vai conhecê-los de verdade.

Segundo o roteiro, o monstro Godzilla nasceu de uma mutação provocada pelos testes nucleares que a França detonou no Pacífico. O que você acha disso?

Fizeram essa pergunta para mim no Japão, porque lá esse é um assunto realmente importante. Para mim, o monstro é uma espécie de consciência internacional que sai do fundo do mar para nos punir – "Se vocês querem destruir o planeta, vou tratar de destruí-los antes que o planeta esteja morto". Você não concorda com isso? Aliás, estive com Jacques Chirac (*o primeiro-ministro francês*) no Japão, mas não conversei com ele sobre isso – eu queria que ele visse o filme primeiro. Mas é claro que estou feliz por ele ter interrompido os testes – não sou louco. E veja o que está acontecendo entre a Índia e o Paquistão (*os dois países rivais e fronteiriços que recentemente adquiriram bombas atômicas*). Talvez devêssemos exibir *Godzilla* na Índia.

Talvez o monstro pudesse invadir Bombaim em *Godzilla 2*.

E o pior é que isso não é piada.

IS MUNDOS

por que nenhum deles resiste à sua simpatia

Quando você viu um filme de Godzilla pela primeira vez?

Foi lá pelo começo dos anos 60. Como eu tinha asma, meus pais me mandaram para o clima mais seco do sul da França. Meu primo, que morava lá, era fanático por ficção científica e me levou para ver um Godzilla. O que ficou na memória são aquelas imagens em preto-e-branco da fera saindo do mar, as pessoas correndo e os cabos elétricos faiscando.

Você trabalhou várias vezes com o diretor Luc Besson – em *O Profissional* e *Imensidão Azul*, por exemplo. Você está também em *Joana D'Arc*, o novo filme dele?

Não. Pedi para interpretar Joana, mas Luc recusou (*risos*). Agora vou fazer uma comédia com John Hughes, *The Visitors*. Não é uma refilmagem de *Os Visitantes*; é o mesmo conceito, mas com um roteiro totalmente novo, escrito por Hughes.

Tantos filmes franceses têm sido refeitos por Hollywood – *Três Solteirões e um Bebê* e *True Lies*, por exemplo. Isso é bom?

É, por que não? Pense em quantos franceses adaptaram Shakespeare e mudaram a época, os figurinos. Não tenho nenhuma vaidade a esse respeito.

E o que você acha do domínio que Hollywood hoje exerce no mundo todo?

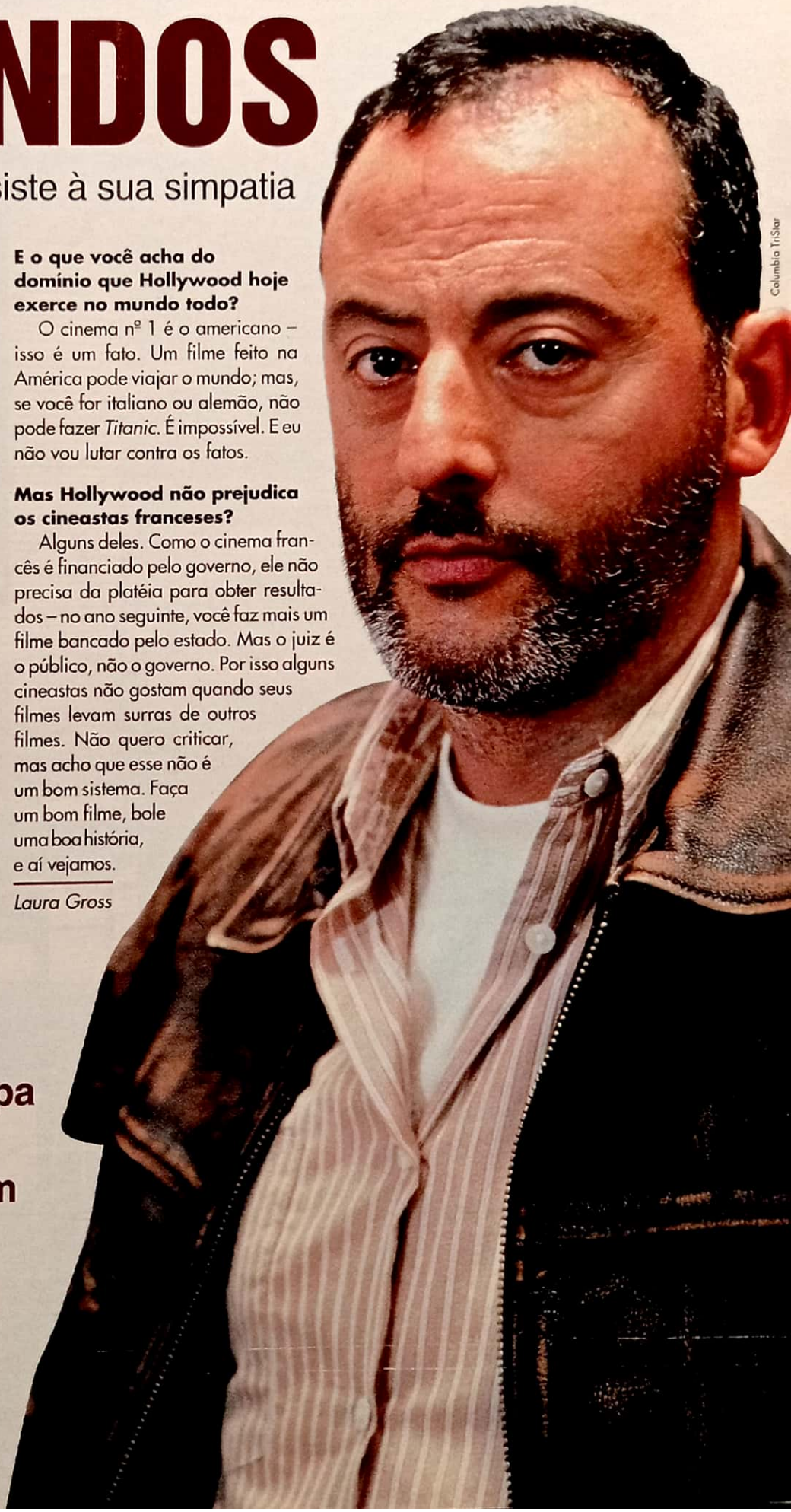
O cinema nº 1 é o americano – isso é um fato. Um filme feito na América pode viajar o mundo; mas, se você for italiano ou alemão, não pode fazer *Titanic*. É impossível. E eu não vou lutar contra os fatos.

Mas Hollywood não prejudica os cineastas franceses?

Alguns deles. Como o cinema francês é financiado pelo governo, ele não precisa da platéia para obter resultados – no ano seguinte, você faz mais um filme bancado pelo estado. Mas o juiz é o público, não o governo. Por isso alguns cineastas não gostam quando seus filmes levam surras de outros filmes. Não quero criticar, mas acho que esse não é um bom sistema. Faça um bom filme, bole uma boa história, e aí vejamos.

Laura Gross

"Trabalhar na Europa e nos EUA é igual. Se você é legal com todos, todos são legais com você. Se não, é como viver no deserto"



Columbia TriStar

"Nossa Casa Foi Decorada em Dois Estilos: Diego e Mari"

Diego Calissi, arquiteto,
e Mari Calissi, gerente de loja.
Leitores de CASA CLAUDIA

Quando finalmente o Diego e a Mari Calissi conseguiram comprar um cantinho para ter a liberdade que todo recém-casado sonha, chegou a hora mais complicada: decorar. Carpete ou taco? A cor das paredes. Móveis e cortinas. Mas, com uma mãozinha, conseguiram unir beleza e conforto. Com uma mãozinha de CASA CLAUDIA. Com CASA CLAUDIA, o Diego e a Mari finalmente puderam encontrar as referências que queriam. Acharam um belo tapete para combinar com a cortina. E móveis que ficaram perfeitos na sala.

CASA CLAUDIA faz parte da vida do Diego e da Mari. E de qualquer pessoa que sabe dar valor ao lugar onde vive. Só com CASA CLAUDIA é possível encontrar a beleza e sobriedade de uma casa tradicional, a alegria e o colorido dos apartamentos modernos. O melhor de todas as tendências em decoração e arquitetura está sempre nas suas páginas.

CASA CLAUDIA faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem acha que "living" e "hall" são os nomes de mais alguma dupla de policiais de seriado americano.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

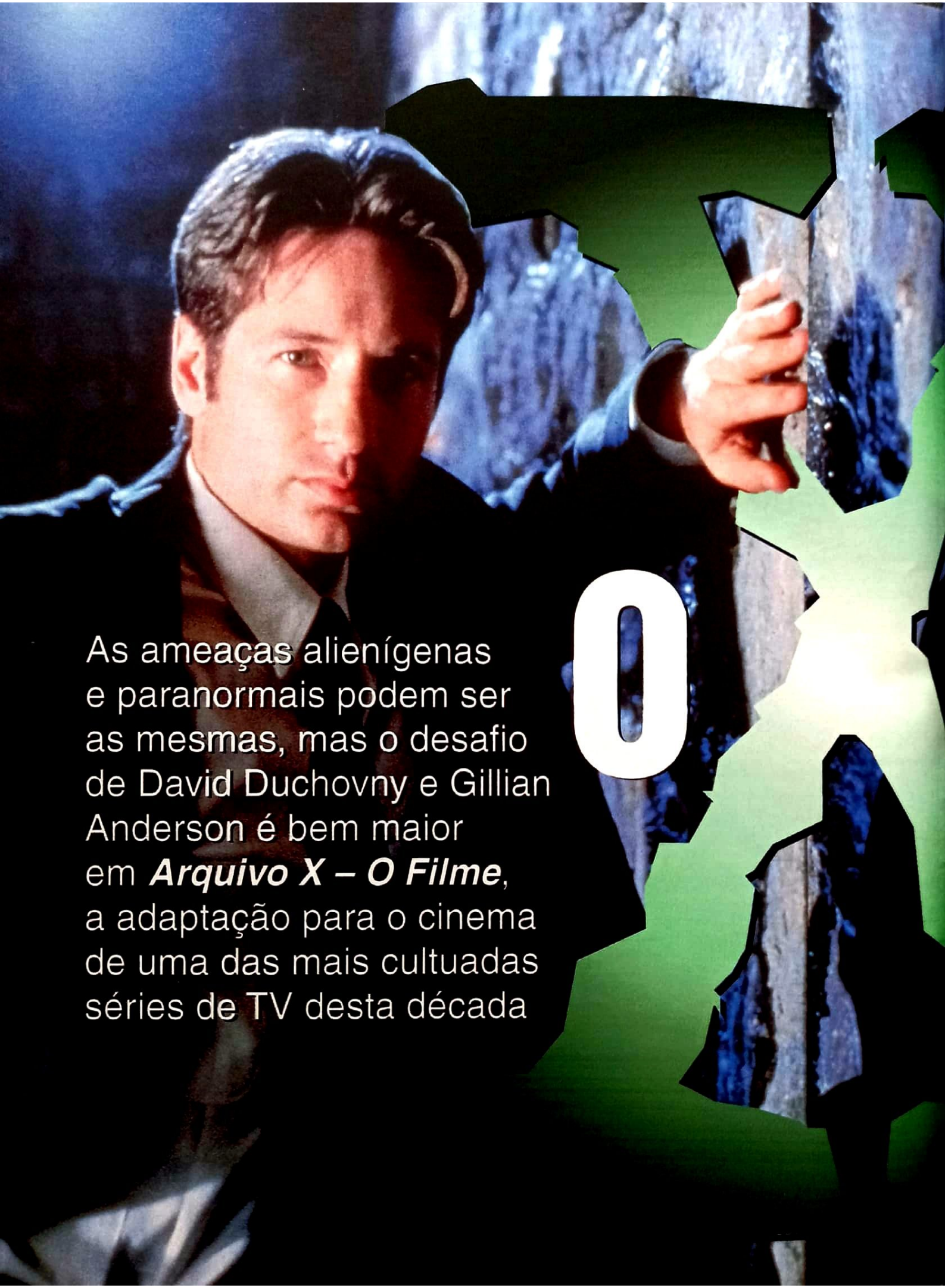
E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 13 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

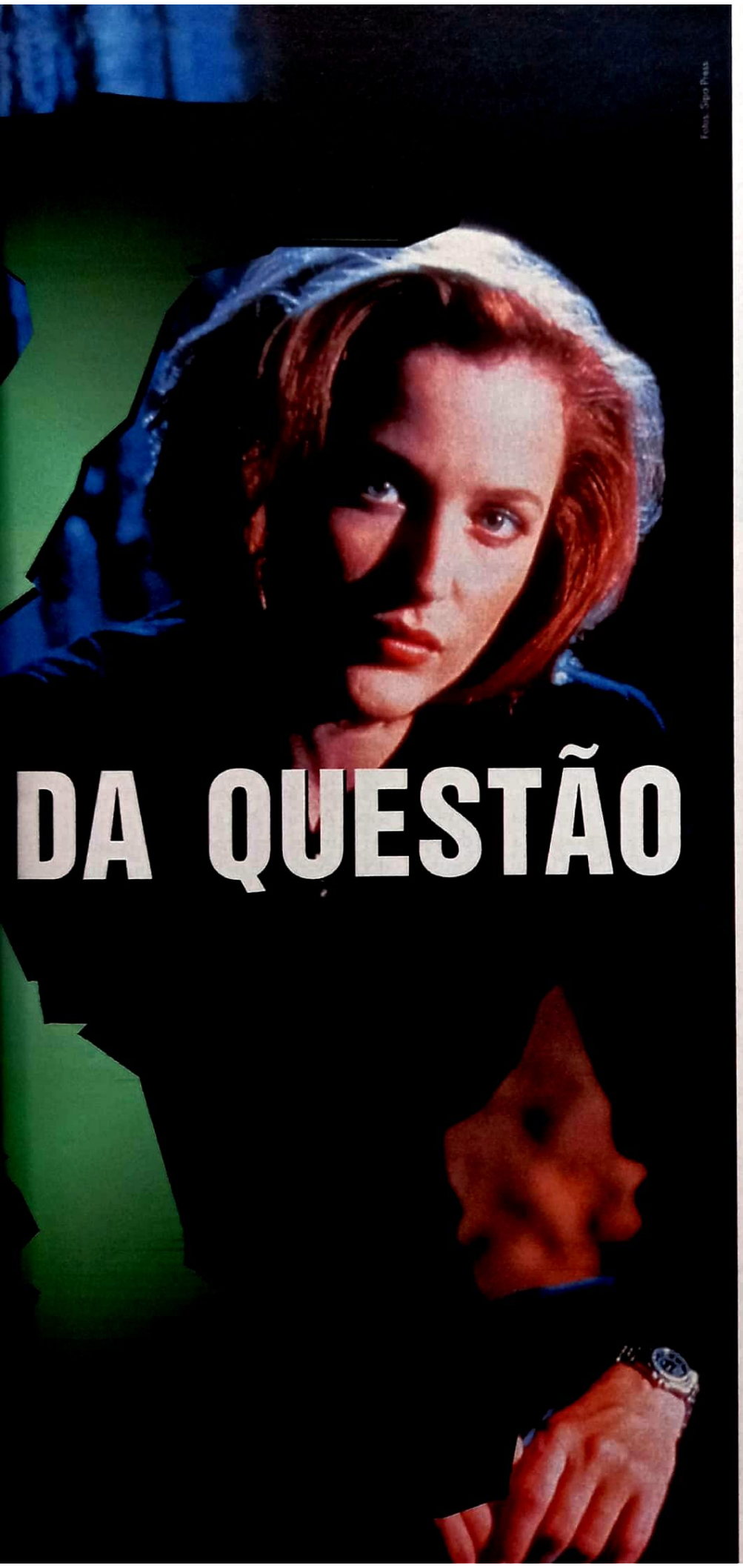
Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · QUATRO RODAS · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV · Guia QUATRO RODAS · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Pato Donald · HBO BRASIL · Ação GAMES · ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · Bravo Brasil · HORÓSCOPO · AD · UNIVERSO ONLINE · Terra · EURO CHANNEL · CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR



As ameaças alienígenas e paranormais podem ser as mesmas, mas o desafio de David Duchovny e Gillian Anderson é bem maior em ***Arquivo X – O Filme***, a adaptação para o cinema de uma das mais cultuadas séries de TV desta década



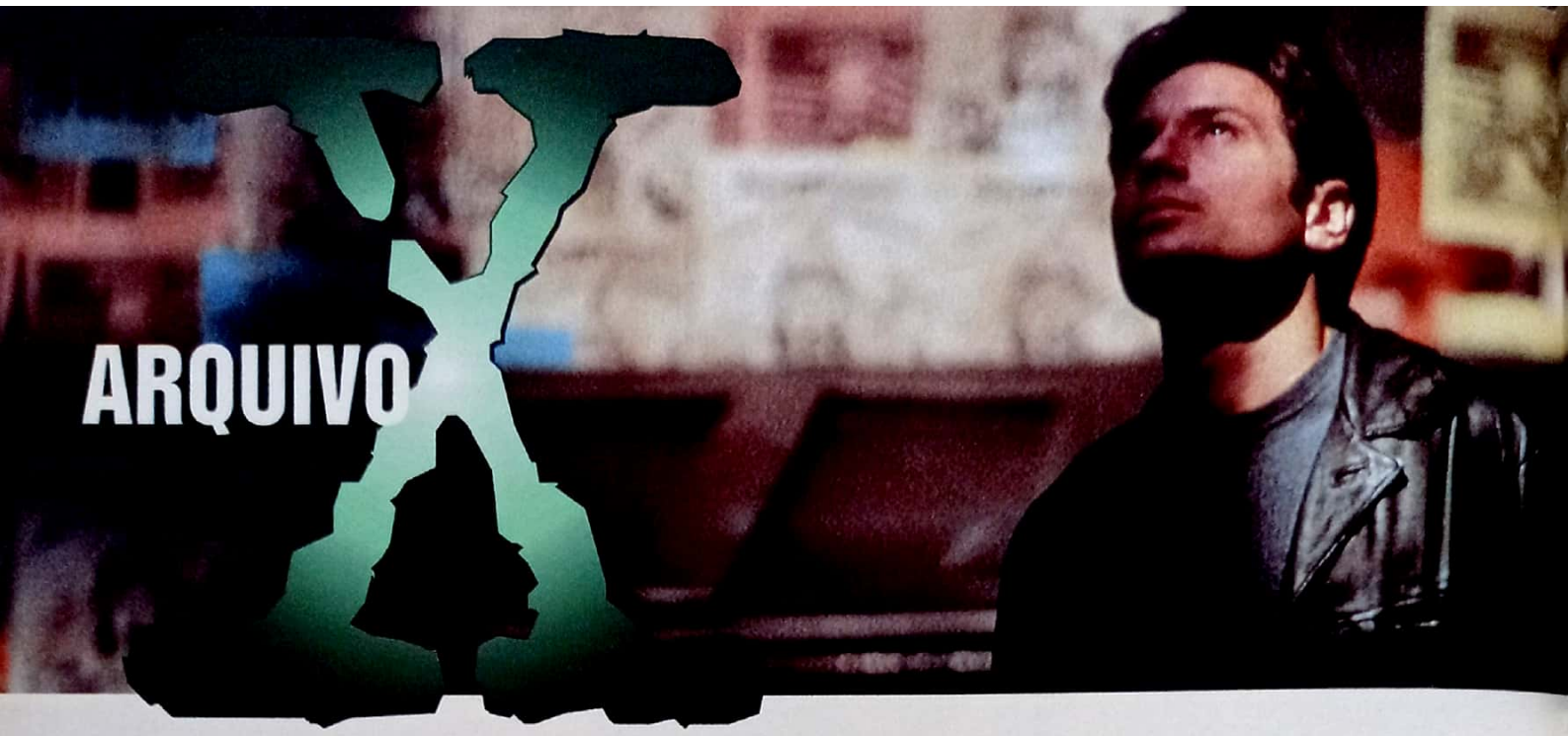
Fotos: Sigla Press

DA QUESTÃO

Poucas vezes uma produção foi cercada de tanto segredo e mistério quanto a de *Arquivo X – O Filme*. Chris Carter, criador da série de TV e produtor da versão para o cinema, obrigou todos os membros da equipe técnica a assinar contratos de confidencialidade. O roteiro foi impresso em papel especial, vermelho, impossível de ser copiado. Cenas falsas foram acrescentadas em todas as cópias existentes do roteiro, para detectar a fonte de um eventual vazamento de informações. Jornalistas que visitaram o set de filmagens só puderam assistir a cenas isoladas, que nada revelavam sobre a trama. "O sigilo é nosso grande trunfo", diz Carter, um ex-surfista de 41 anos.

Os atores David Duchovny, que interpreta o agente federal Fox Mulder, e Gillian Anderson, que faz sua parceira, Dana Scully, foram orientados a não revelar nada aos jornalistas. Duchovny, dono de um senso de humor finíssimo, anunciou que o filme terminava com uma tórrida cena de sexo entre Mulder e Scully. "Fazemos amor por quatro dias seguidos, sem parar", brincou o ator. "E na última cena nós dois estamos lendo *As Pontes de Madison* na cama."

Dá para entender a preocupação de Chris Carter em manter o suspense: o fator surpresa é, de fato, o que vem segurando o interesse pela série ao longo dos últimos cinco anos. *Arquivo X* constantemente surpreende os telespectadores com histórias cada vez mais elaboradas e conspirações intermináveis – recentemente, o criador do programa convidou os escritores Stephen King e William Gibson para roteirizar dois de seus episódios. O filme é sua nova grande empreitada para expandir o universo de adoradores de Mulder e Scully. "Tentamos fazer um filme que agradasse não apenas aos fãs da série, mas também àqueles que nunca a assistiram", diz Carter. "Qualquer um que vá ao cinema vai poder curtir uma produção assustadora e emocionante, mesmo que não conheça os personagens." ➔



Os opostos se atraem Com todo esse cuidado para universalizar a série, será que existe alguém no planeta que ainda não conheça Mulder e Scully? Claro que sim. Nos Estados Unidos, *Arquivo X* atrai semanalmente vinte milhões de telespectadores. Isso significa que há pelo menos duzentos milhões de americanos que não fazem idéia do que se trata o programa – e é justamente esse público que Carter quer atrair.

Para quem não sabe nada sobre *Arquivo X*, aí vai um pequeno resumo: Fox Mulder e Dana Scully são os únicos membros de uma unidade secreta do FBI chamada Arquivo X, dedicada a pesquisar eventos paranormais, seres extraterrestres e qualquer outro fenômeno que não tenha explicação racional. Mulder é o impetuoso da dupla: quando criança, viu sua irmãzinha ser seqüestrada por alienígenas e agora quer se vingar – ou descobrir o paradeiro da desaparecida. Scully é mais reservada e cerebral – ou pelo menos era. Inicialmente cética em relação às crenças do parceiro, ela vê seu pensamento lógico desmoronar a cada nova evidência que testemunha. Os dois são lindos e desejáveis, mas aparentemente assexuados.

Além da dupla central, a série tem vários personagens recorrentes: o diretor Skinner (Mitch Pileggi) é o chefe da dupla; o Canceroso (William B. Davis) é, como o próprio nome sugere, um fumante inveterado – e também o grande vilão da história, representante de uma organização criminosa internacional chamada O Sindicato, que faz negócios escusos com extraterrestres e tem inúmeros planos de dominação mundial. Mulder e Scully às vezes são ajudados por um trio de nerds autodenominado "os cavaleiros solitários", que edita um jornalzinho sobre alienígenas e conspirações.

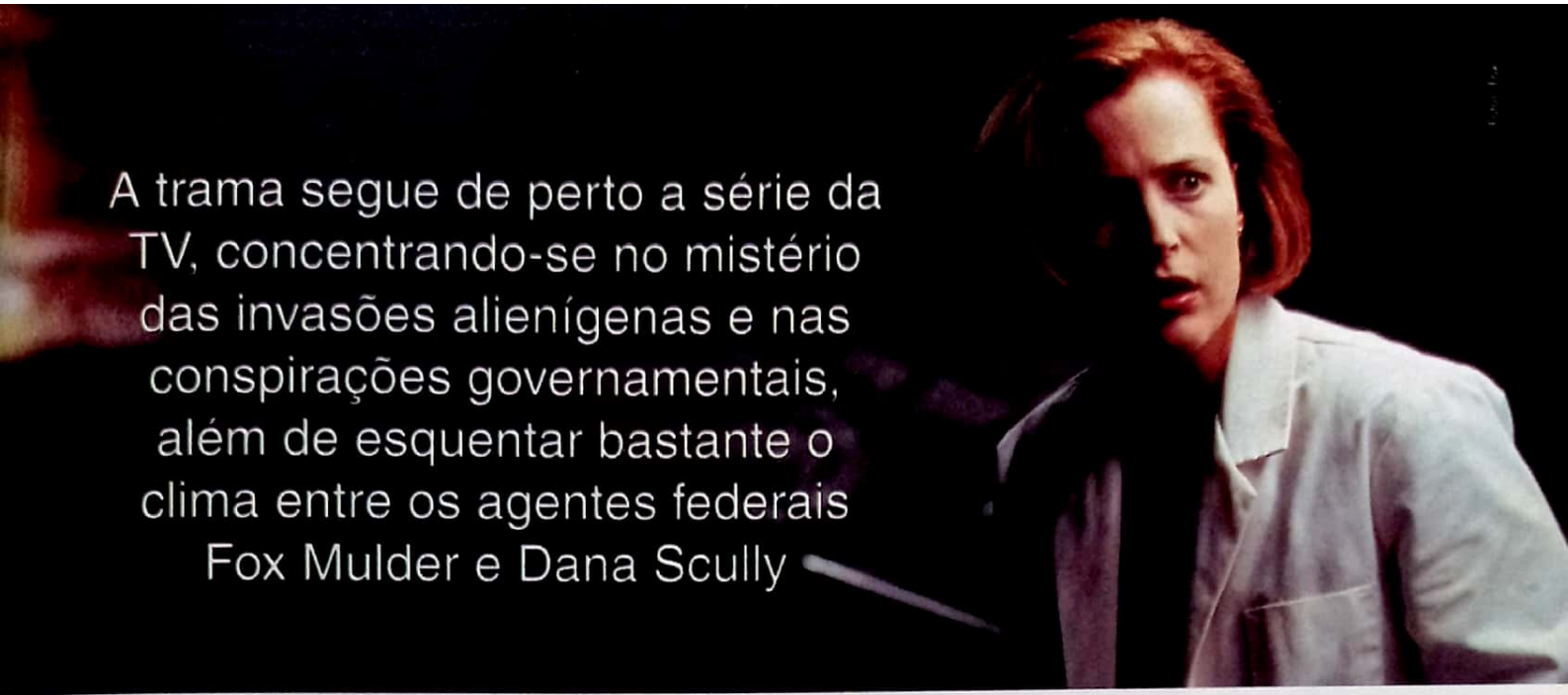
A versão para o cinema apresenta ainda alguns personagens inéditos: Armin Mueller-Stahl (o pai do pianista de *Shine*) interpreta o milionário alemão que é chefe do Sindicato, e Martin Landau (que ganhou o Oscar por sua interpretação como Bela Lugosi em *Ed Wood*) faz um médico especialista em conspirações governamentais que ajuda Mulder a salvar o planeta.

Arquivo X – O Filme não é mais do que uma versão esticada da série de TV, mas concentra sua trama na chamada "mitologia" desenvolvida por Chris Carter: a grande conspiração mundial envolvendo O Sindicato e alienígenas que permeia todos os episódios da série (mesmo aqueles que nem sequer mencionam os famigerados ETs). A história do longa começa em 35.000 a.C., quando dois homens das cavernas encontram um alienígena e são infectados por um líquido gosmento. Não vamos contar a história toda para não estragar a surpresa, mas basta dizer que o líquido misterioso acaba por ameaçar toda a raça humana, e que Mulder e Scully precisam se virar para evitar que O Sindicato alcance seu objetivo.

Conspirações à parte, a questão que mais vem intrigando os fãs da série é: será que no filme Mulder e Scully finalmente vão ceder àquele clima que rola entre eles desde o início, quebrar o gelo e partir para o abraço? Várias páginas na Internet sobre *Arquivo X* conduziram pesquisas entre os aficionados, e os resultados provam que os fãs querem mais é ver os dois apaixonados. Para não arruinar a surpresa, vamos nos limitar a dizer que, no cinema, a coisa esquenta *bastante* entre os parceiros.

Mais dinheiro e mais demora

Chris Carter tomou todos os cuidados para que o filme tivesse o mesmo clima e visual da série. Sua primeira providência foi chamar Rob Bowman, diretor de 25 episódios de *Arquivo X*, para tomar as rédeas da superprodução. Contando também com vários membros da equipe técnica da série, as únicas coisas que mudaram de verdade foram a demora para rodar e o orçamento: enquanto Carter e sua equipe fazem cada episódio em uma semana e a um custo de 2,5 milhões de dólares, o longa-metragem levou três meses e custou 63 milhões. "Fazer o quê?", desculpa-se Carter. "Cinema é assim mesmo: tudo é mais lento e difícil. Um efeito especial



A trama segue de perto a série da TV, concentrando-se no mistério das invasões alienígenas e nas conspirações governamentais, além de esquentar bastante o clima entre os agentes federais Fox Mulder e Dana Scully

custa dez vezes mais no cinema do que na TV." Pelo menos o dinheiro foi bem investido: os efeitos especiais e os cenários são nota dez – especialmente na seqüência final, passada na vastidão gelada da Antártica.

Mas as longas horas de trabalho e a lentidão das filmagens tiveram um preço, percebido principalmente no humor irritadiço dos atores. David Duchovny não parava de reclamar: "Eu passava o dia inteiro sentado, esperando os técnicos acertarem tudo, e no fim das contas trabalhava por uns cinco minutos. Não é de se admirar que filmes custem tanto!". O clima ruim gerou boatos sobre brigas no set, e vários jornais noticiaram desentendimentos entre Duchovny e Anderson.

Os atores, no entanto, negam qualquer picuinha. "É tudo mentira", jura Gillian, que foi vista conversando alegremente com seu parceiro na festa de lançamento do filme nos Estados Unidos. "Nunca brigamos em cinco anos de trabalho juntos. Nosso relacionamento é o melhor possível." O próprio Chris Carter tratou de esfriar os ânimos dos fãs preocupados com os atritos entre os protagonistas de *Arquivo X*. Ele comparou o relacionamento da dupla a um casamento e disse que, como em qualquer parceria, as complicações e as brigas são perfeitamente compreensíveis. "O que importa", ressalta Carter, "é que este relacionamento em particular já passou no teste do tempo."

De olho em outras telas Mas as evidências mostram que nem tudo corre às mil maravilhas no universo de *Arquivo X*: David Duchovny já disse que não agüenta mais trabalhar na série e que esta deverá ser sua última temporada. No ano passado, o ator exigiu a mudança do local das filmagens – de Vancouver, no Canadá, para Los Angeles – para poder ficar mais próximo de sua mulher, a atriz Téa Leoni. E, ao que parece, Duchovny quer tentar uma carreira no cinema.

É um risco tremendo. Outro ator de enorme sucesso na TV, David Caruso, que fazia o policial ruivo de *Nova York Contra o Crime*, só se estrepou ao passar da telinha para a telona. Tido como a grande revelação daquele momento, Caruso deixou que o sucesso lhe subisse à cabeça, abandonou a série e, em questão de meses, enterrou sua carreira com fracassos como *O Beijo da Morte* e *Jade*. "Sei que essa mudança é muito arriscada", diz Duchovny, "mas estou disposto a tentar. Não quero ser lembrado apenas por *Arquivo X*." Se depender de seu mais recente filme, *Playing God*, um tremendo abacaxi, Duchovny não deveria nem pensar em largar seu emprego na TV.

Gillian Anderson também está empenhada em conseguir trabalho no cinema: ela participa do ainda inédito *The Mighty*, em que interpreta uma alcoólatra. "É um papel bem diferente de Scully", afirma. "Eu não fico apenas fazendo cara de assustada." O filme, que tem a participação de Sharon Stone e que foi exibido durante o último Festival de Cannes, deve estrear no início do ano que vem.

Chris Carter, porém, não desiste tão facilmente. Ele espera convencer Duchovny a voltar para mais duas temporadas e diz que pretende fazer de *Arquivo X* uma série cinematográfica ao estilo de *Batman* ou *Jornada nas Estrelas*. O astro aprova a idéia com entusiasmo. "Estou cansado de fazer o programa, mas adoraria fazer um filme a cada dois ou três anos", comenta. "Isso me permitiria trabalhar em outras coisas."

Enquanto os engravatados da Fox não decidem que rumos a série vai tomar, os fãs estão lotando as salas. No primeiro fim de semana de exibição nos Estados Unidos, *Arquivo X – O Filme* arrecadou 31 milhões de dólares, ficando à frente do superelogiado desenho da Disney, *Mulan*, que estreou no mesmo dia. Se continuar assim, com certeza veremos muitas outras conspirações de Chris Carter nas telas dos cinemas.

André Barcinski

(The X-Files: Fight the Future, EUA, 1998) ***Direção****: Rob Bowman.* ***Com*** *David Duchovny, Gillian Anderson, Martin Landau, Armin Mueller-Stahl, Blythe Danner, William B. Davis, John Neville, Mitch Pileggi, Jeffrey DeMunn, Terry O'Quinn, Glenne Headly. 120 min.*

david
duchovny
OH

Em *Arquivo X*, ele é quase tão soturno quanto os aliens que persegue. Longe da rotina da série, porém, revela que não se incomoda em comer os jantares queimados de sua mulher, diz que prefere morrer a sentir dor e jura que está cheio de repetir o mesmo papel há cinco anos

O HOMEM que caiu na TERRA

Texto por Isabela Boscov
Entrevista por Jenny Peters

Depois que deixou a universidade a meio caminho de completar um Ph.D em literatura, o nova-iorquino David Duchovny tentou várias vezes dar certo no teatro, no cinema ou na TV. Até 1993, porém, tudo o que tinha para mostrar era um punhado de pequenos papéis nada memoráveis. As exceções ficavam por conta do filme *Kalifornia* e do seriado *Twin Peaks*, no qual interpretava um detetive que gostava de se travestir. Pena que, no primeiro caso, Brad Pitt tenha roubado o show, e que, no segundo, David aparecesse tão caracterizado que pouca gente sabe que era ele quem estava ali.

Ele acabou dando certo justamente no lugar no qual punha menos fé: ao lado da atriz Gillian Anderson na série *Arquivo X*, na qual eles vivem Fox Mulder e Dana Scully, dois agentes federais encarregados de resolver casos que envolvem alienígenas ou paranormalidade. "Nunca achei que a série fosse passar do primeiro ano – o que explica por que não sou produtor", brinca David, que já está há cinco anos enredado nas conspirações de *Arquivo X*, sempre com enorme sucesso – a não ser pelo fato de que a dupla nunca soluciona seus casos, já que vive esbarrando em forças ocultas do governo americano.

Mas, ao contrário de seu personagem – um solitário "obcecado por alienígenas como alguns homens o são por sexo" –, David anda empenhado em achar tempo para a vida pessoal. Transformado em símbolo sexual por conta de *Arquivo X*, solteiro convicto e um dos recordistas de páginas na Internet (uma delas, intitulada Sociedade para Prevenção da Crueldade Contra David Duchovny, tem mais de dois mil sócios), ele causou surpresa ao se casar com a atriz Téa Leoni, de *Impacto Profundo*, em maio de 1997, após rápidos quatro meses de namoro.

Tudo o que o agente Mulder tem de crente, também, David tem de cético. Ele não dá bola para essa história de extraterrestres, satiriza as intermináveis buscas de seu personagem e, em entrevistas, tem pouca paciência com perguntas que considera sem imaginação. No dia em que falou com a jornalista Jenny Peters, porém, estava inspirado. Acabou provando que, embora Mulder quase nunca sorria, ele próprio tem um ótimo senso de humor.

Quem é o melhor caçador de aliens: você ou Will Smith?
Bem, Will só pegou o meu cetro emprestado. E ele tem traquitanas melhores. Ele usa armas. Se você prestar atenção, perceberá que eu sempre apanho dos alienígenas. Que eu me lembre, Will nunca passou por isso.

Participar de *Arquivo X* não faz você sonhar sonhos estranhos?
Não. Só me deixa tão cansado que não consigo nem lembrar dos meus sonhos.

O que você faria se houvesse uma invasão alienígena?
Imagino que os aliens teriam sentimentos ternos em relação a mim. Eu abri caminho para eles. Mas, pensando bem, talvez eles gostem mais do Spielberg.

Até se casar com Téa Leoni, ano passado, você era um solteiro convicto. Você se arrepende de não ter casado antes?
Não, porque acho que casei com a pessoa certa. Se fosse antes não seria com Téa, porque eu não a conhecia. Bem que eu gostaria de tê-la conhecido antes, mas esse é o tipo da especulação inútil.

Téa disse que quando vocês se encontraram pela primeira vez, no→

david duchovny

programa de entrevistas *Tonight Show*, ela falou sem parar. E qual é o seu lado da história?

Esse é o meu lado da história.

Ela disse que você a detestava.

Eu não a conhecia o suficiente para detestá-la. Mas me surpreende ela ter mencionado essa história, porque ela vive dizendo para eu não contá-la. Vê como ela fala demais?

Ela disse também que você a pediu em casamento todos os dias durante um ano.

Foi. Mas agora parei. Já faz um tempo que não a peço em casamento (*risos*). O que aconteceu no *Tonight Show* foi que ambos estávamos fazendo um teste para o programa – isso era 1991 ou 1992, e nenhum de nós dois era famoso. Por alguma razão incompreensível, Téa e eu fomos convidados pela produção para um almoço. Era um desses testes estranhos em que você tem de demonstrar suas habilidades de conversação. Téa foi charmosa, extrovertida e engraçada, e eu não. Fiquei louco com ela. Depois disso, toda vez que eu ouvia o nome dela eu pensava: "Aquela fominha!" (*risos*).

Téa diz que é péssima cozinheira e que queima o jantar. É verdade?

Que eu me lembre, ela só queimou o jantar uma vez. Mas não sou fresco com comida. Comi tudo.

Alguns meses atrás, você me disse que *Arquivo X – O Filme* seria um musical (*risos*). Por que vocês mudaram de idéia?

Não sei, mas estou desapontado. Fui a uma exibição antes da estréia e descobri que tinham cortado toda a música – ou pelo menos as cenas em que eu cantava.

Há pouco a *Vanity Fair* publicou um artigo no qual sugeria-se que você está cansado de interpretar Fox Mulder e dizer coisas como "a verdade está lá fora". Confere?

O problema não é a série ou Mulder, é interpretar o mesmo papel durante cinco anos. Não é um reflexo do roteiro: a mesma coisa aconteceria se eu passasse cinco anos fazendo uma série chamada *Hamlet*. Eu já estaria cheio de pressionar minha mãe a admitir que ela dormiu com meu tio, assim como estou meio cheio de pressionar o Canceroso a admitir que ele dormiu com a minha mãe.

Você é o equivalente atual de William Shatner (*o ator idolatrado pela interpretação do capitão Kirk na série Jornada nas Estrelas*).

(*Sarcástico*) Você quer me adular.

> "Minha mulher diz que cozinha mal, mas até hoje ela só queimou um jantar. Como não sou fresco, comi tudo"

Você tem medo de, no futuro, não conseguir separar sua imagem de *Arquivo X*?

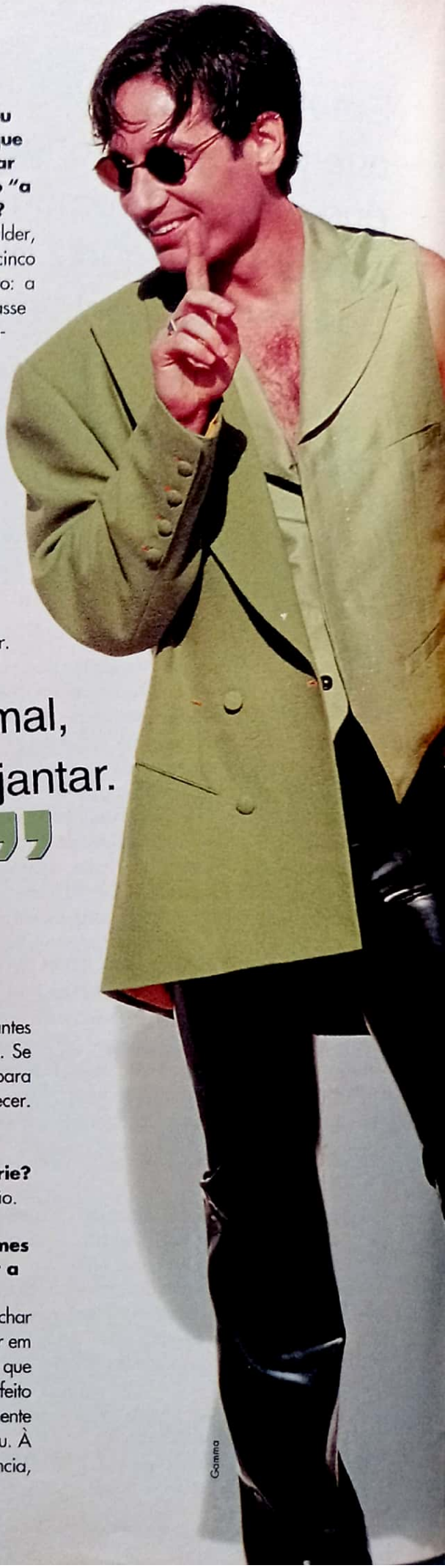
Isso é besteira. Fiz outros papéis antes de *Arquivo X*, e farei outros depois. Se ninguém quiser me ver neles, pior para mim, mas não acho que isso vá acontecer.

Se você não fizesse parte de *Arquivo X*, você assistiria à série?

Gosto da série, mas acho que não.

Você pretende fazer outros filmes enquanto não começa a filmar a nova temporada do seriado?

Não, estou muito cansado. É difícil achar um filme que esteja pronto para entrar em produção nesse hiato de oito semanas que tenho à disposição. Este ano, se algo perfeito tivesse surgido eu teria pensado seriamente no caso – mas nada perfeito apareceu. À medida que você fica mais em evidência,



percebe que é preciso esperar pelas coisas perfeitas, ou que pareçam perfeitas. Mais do que lutar contra a mesmice do meu papel no seriado, é contra o calendário que eu brigo. Se eu pudesse fazer Mulder por só cinco meses do ano, seria o ideal. Isso me deixaria tempo para fazer outros papéis e *não* me transformar em William Shatner.

A partir da próxima temporada, *Arquivo X* passa a ser rodado em Los Angeles, e não mais em Vancouver, no Canadá, por exigência sua. O que isso vai mudar no programa?

Bem, uma das conseqüências é que os coadjuvantes americanos que aparecem na série não vão mais falar com sotaque canadense. Mas, a sério, é claro que o programa vai ficar diferente. O visual vai ter de mudar, e o trabalho vai ficar mais duro. Tínhamos um esquema muito azeitado em Vancouver, que é a cidade perfeita para rodar a série. Mas, cinco anos atrás, quando fomos para lá, a idéia era rodar só o piloto em Vancouver. E todo ano dizia-se: "No ano que vem nos mudamos para Los Angeles", mas isso nunca acontecia. Até que tive de bater o pé; minha vida mudou, minha mulher está em Los Angeles.

Você é muito assediado pelos fãs?

Só na rua, mas acho que essa é uma reação meio geral, e não específica dos fãs de *Arquivo X*. As pessoas reagem de um jeito peculiar quando vêem alguém conhecido.

Qual foi o lugar mais estranho em que você foi reconhecido?

Quando eu estava saindo do chuveiro – e, portanto, pelado – na academia de ginástica, três anos atrás.

Já faz alguns anos também que você às vezes aparece no programa *Larry Sanders Show*, no papel de um sujeito meio apaixonado pelo Larry. O que o público acha disso?

Adoro esse programa. Apareci nele pela primeira vez há uns três anos, e foi aí que fiquei conhecendo Garry Shandling (*o ator que interpreta Larry, o personagem-título*). Ficamos amigos, e surgiu a idéia de eu fazer esse cara que é meio a fim do Larry, mas não é gay. É só essa coisa meio estranha de "humm, gosto de você".

As pessoas entendem essa sutileza?

Não sei. E não ligo muito. É engraçado quando chega alguém e diz...

..."Puxa, David, eu não sabia que você é gay".

É, tem muita gente que diz isso. Ou então me acham corajoso e desinibido por não ser gay mas interpretar um personagem assim. É estranho que as pessoas reajam dessa forma ao meu papel no *Larry Sanders Show*, considerando que todo mundo acha muito normal um ator representar um assassino.

Sempre houve o maior clima entre Fox Mulder e Dana Scully. Você acha que eles deveriam começar um romance?

A esta altura, não *mesmo*. Acho que Chris Carter (*o criador de Arquivo X*) tomou a decisão certa, e hoje esse lance de castidade entre Fox e Dana é até divertido. Depois de tantas temporadas de seriado, há coisas demais entre eles para caber em um único encontro carnal.

Na capa da *Vanity Fair* você aparece coberto de moscas, e em *Arquivo X – O Filme* você é atacado por um enxame de abelhas. O que foi pior?

Sem dúvida as abelhas. Elas estavam todas vivas.

Então as moscas estavam mortas?

Mas não fui eu quem as matou.

E as abelhas?

Essas estavam bem vivas – e picando. A maior parte das abelhas que se vêem no filme são feitas em computador, mas ainda assim havia toneladas delas no cenário. Deu um pouco de medo. Eu não queria ser picado. Não me importo de morrer; só não quero sentir dor. E, para piorar, as abelhas querem ir para casa depois do pôr-do-sol. Elas ficam confusas, rabugentas e começam a picar. Então nosso produtor, Daniel Sackheim, me avisou que ia pedir uma chamada forçada, que é quando você tem de voltar ao set menos de doze horas depois de ter saído dele. "Mas por quê? Não temos muito trabalho pela frente", perguntei. "É que as abelhas têm de parar às quatro da tarde", ele respondeu. "Me desculpe", eu disse, "mas essas porcarias dessas abelhas por acaso têm um agente melhor que o meu?" Dan adorou a piada. Como nota de rodapé, faltou dizer que houve só cinco picadas durante a filmagem. Eu ganhei uma, Gillian outra e Dan levou três. As abelhas parece que sabiam. "Ele é o produtor! Peguem-no!"

Será que o agente Fox Mulder algum dia vai ser feliz?

Não. A felicidade não é para ele. É para os outros.

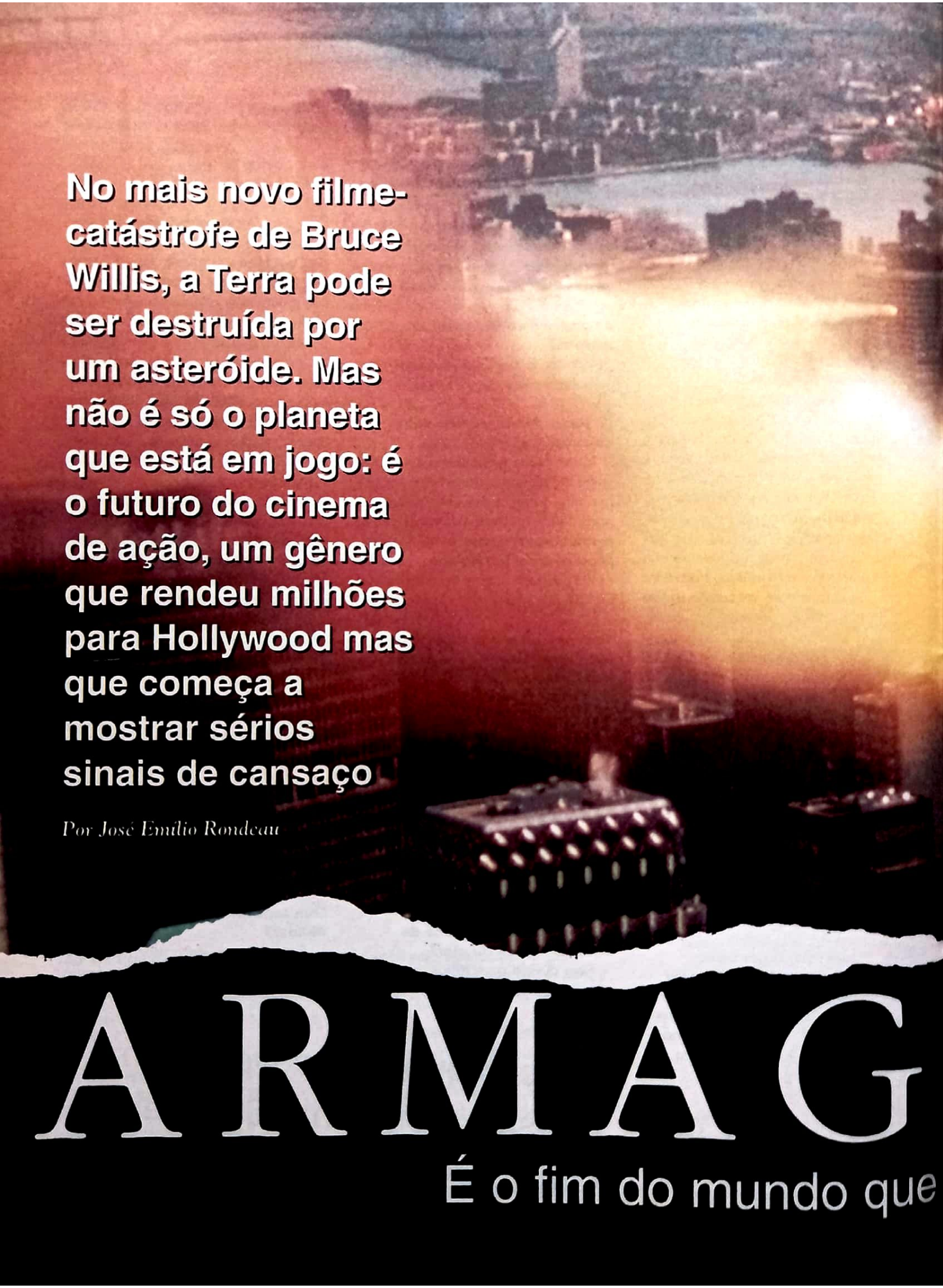
Por que não?

Porque Mulder é um herói em busca de algo. Se eu fosse um fã, não ia querer ver Mulder feliz, e sim em busca de alguma coisa; é para isso que ele existe.

Que conselho você daria a Fox Mulder?

Eu diria a ele para usar um coldre no calcanhar (*risos*). Ele vive perdendo a arma.■

"Acho que, se houvesse uma invasão alienígena, Spielberg seria mais bem tratado do que eu"



No mais novo filme-catástrofe de Bruce Willis, a Terra pode ser destruída por um asteróide. Mas não é só o planeta que está em jogo: é o futuro do cinema de ação, um gênero que rendeu milhões para Hollywood mas que começa a mostrar sérios sinais de cansaço

Por José Emílio Rondeau

ARMAG

É o fim do mundo que

EDDON

conhecemos. Mas e daí?

ARMAGED

O futuro da Disney depende do fim do mundo. Mas as perspectivas trazidas pelo apocalipse, ao que tudo indica, não são das mais promissoras. *Armageddon*, o filme-catástrofe que foi milimetricamente planejado para reerguer o estúdio do Mickey de uma penosa entressafra, teve uma estréia decepcionante nos Estados Unidos.

Os números iniciais da superprodução, lançada no lucrativo feriado de 4 de julho (quando se comemora a independência americana), prenunciaram uma carreira bem menos espetacular do que a esperada por seus realizadores. Ninguém é louco de desprezar uma renda inicial de 53 milhões de dólares nos cinco dias do feriado, mas essa cifra ficou bem aquém de outros filmes lançados no mesmo período em anos anteriores – os quase 80 milhões de *Homens de Preto* no ano passado, ou os 85 milhões coletados por *Independence Day* em 1996.

Culpa do filme ou sinal dos tempos? Um pouco de cada coisa, a julgar pela quase unanimidade da crítica – que simplesmente trucidou *Armageddon* – e pela mudança que vem se operando no gosto do público. Ou, no caso da indústria de cinema, no perfil do consumidor.

Nas bilheterias não está em jogo apenas a vida comercial de *Armageddon*. Delas depende também a sobrevivência de um tipo de filme muito comum nos anos 80 e na primeira metade dos 90, mas que pode estar com seus dias contados: o chamado "grande filme de verão". Concebida para os estúdios por um comitê de produtores e roteiristas, essa "criatura" segue quase uma fórmula fixa: perseguições de carro, explosões carregadas de decibéis, tiros a granel, efeitos especiais cada vez mais impressionantes, violência pela violência e sem conseqüências realistas. Esmagada pelo peso de tanta embalagem, a trama fica em segundo plano – às vezes até em terceiro.

Esse tipo de ação eletrizante costuma funcionar com os adolescentes que fazem parte do público-alvo de *Armageddon*, mas não cai bem num segmento que cada vez mais lota os cinemas e impõe seu gosto: aquela grossa fatia formada pelas adolescentes, pelas jovens mulheres e, por último, pelos adultos. Foram eles, por exemplo, que garantiram a assombrosa renda de *Titanic*, um filme que foge completamente a essa fórmula. Além de não ter violência, contabilizar só uns dois ou três tiricos de revólver e ser um romance, *Titanic* não foi elaborado por aquele comitê citado lá em cima: saiu inteirinho da cabeça de uma única pessoa, o diretor James Cameron, que botou para correr todos os incautos que tentaram palpitar em sua obra.

CONTRA O RELÓGIO O diretor Michael Bay – jamais conhecido por sua humildade – louva as qualidades de *Armageddon*, mas admite que não consegue escapar da armadilha dos filmes de ação. "Ainda sou incapaz de trabalhar numa produção pequena, mais sutil, que não dependa de certo tipo de música para provocar emoção e que tenha apenas personagens", decreta. "Mas isso vem com o tempo."

Então é bom apressar o relógio. Até Bruce Willis, o papa do cinema de ação, anda entediado por ter de bater ponto em filmes do gênero. "Estou de saco cheio de sempre ter de salvar o mundo", ele dizia em uma entrevista em Beverly Hills, semanas antes do lançamento de *Armageddon*. "Eu queria que chamassem Tom Hanks ou outro cara qualquer para fazer esse trabalho." O problema é que Hanks está ocupado com um outro tipo de filme – desses que têm personagens, como descrevia Michael Bay, e que parecem ser a nova grande descoberta de Hollywood.

Se há alguma dúvida de que a velha fórmula dos filmes de ação anda perto de pedir a aposentadoria é só prestar atenção nos caminhos que Steven Spielberg – responsável por *Tubarão*, o avô dos filmes típicos do verão – começa a trilhar. Spielberg é o produtor executivo de uma das aventuras mais divertidas e criativas da atual temporada, *A Máscara do Zorro*. Ao mesmo tempo, está tratando de subverter as regras do jogo: lançou

Filmes como *Armaged*
fatia do público que cre
meninas e os adultos q

Fotos: Columbia Buena Vista

em pleno verão seu novo filme como diretor, o drama de guerra O *Resgate do Soldado Ryan*, que é muito sério e tem à frente do elenco justamente Tom Hanks – que, por isso, não pode salvar o mundo bem agora.

Spielberg não está sozinho nessa nova moda. O *Show da Vida*, uma comédia dramática estrelada por Jim Carrey e dirigida pelo sóbrio Peter Weir de *A Testemunha*, juntou dinheiro com rodo no início de junho, uma data que é território tradicional da pancadaria. O drama romântico O *Encantador de Cavalos*, lançado pouco antes por Robert Redford, caminha para a marca dos 100 milhões de bilheteria, apesar de ter quase três horas de duração. E *Out of Sight*, o thriller inteligente assinado pelo Steven Soderbergh de *sexo, mentiras e videotape* e estrelado por George Clooney, fez 23 milhões em dez dias do final de junho.

don esquecem uma
sce cada vez mais: as
ue enriqueceram *Titanic*

Bruce Willis e Ben Affleck à frente, um time de perfuradores de petróleo tem de embarcar no ônibus espacial e pulverizar o asteróide

"*Armageddon* estabelece novos padrões não apenas de estupidez", disparou Joe Morgenstein, o equilibrado crítico de cinema do *Wall Street Journal* e um dos maiores antagonistas do filme de Michael Bay, "mas também pelo desprezo com que trata seu público-alvo. E como seria doce se esse mesmo público desprezasse esse atestado de má qualidade".

O desempenho bem abaixo do esperado de *Armageddon* cumpre, ainda que parcialmente, a profecia de Morgenstein e deposita um punhado de nuvens negras sobre o prédio da Disney. Ferida por doze meses de vacas magérrimas – quase todos os seus filmes recentes resultaram em prejuízo, de *A Tribo dos Krippendorf* a *Mr. Magoo* e *Kundun* – e com apenas uma brisa de alento trazida pelo ótimo desempenho do desenho animado *Mulan* nas bilheterias americanas, o estúdio corre o risco de amargar um ano fiscal no mínimo preocupante.

Na verdade, *Armageddon* não é a única munição guardada nos cinturões da Disney para neutralizar essa onda negativa. Daqui até o final do ano, o estúdio lançará uma série de títulos com bom potencial, do thriller *Enemy of the State* (dirigido pelo Tony Scott de *Top Gun* e estrelado por um dos garotos da hora, Will Smith) ao novo desenho animado da Pixar (a mesma produtora de *Toy Story*), *A Bug's Life*. Mas *Armageddon* destaca-se dos demais por ser uma daquelas criaturas peculiares de Hollywood: o filme-evento, cuja mera existência é um grande acontecimento.

DOU LUCRO, LOGO EXISTO E acontecimento *Armageddon* é. Com 150 milhões de dólares consumidos na produção (mais 75 milhões empregados em marketing), ele é o filme mais caro do ano e também o mais caro da história da Disney. A liderança do projeto ficou nas mãos do produtor Jerry Bruckheimer, responsável por *Top Gun*, *Maré Vermelha* e *Con Air*. E Bruce Willis, um dos maiores astros desse filão, lidera o elenco eclético, que conta com Steve Buscemi, Liv Tyler e Ben Affleck.

Para garantir que o mundo inteiro saiba que *Armageddon* existe, nenhum esforço foi poupado. No ano passado, quando foi ao Festival de Cannes lançar *Con Air*, Jerry Bruckheimer já caitituava *Armageddon* nas entrevistas. Doze meses depois, com a aventura ainda em fase de montagem, o produtor estava de volta a Cannes, acompanhado de Bruce Willis, de outros astros do elenco e do diretor Michael Bay para promover o filme em sessões para a imprensa, bateladas de entrevistas e uma festa de arromba.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, onde *Armageddon* estrearia primeiro, entrava em vigor uma campanha promocional avaliada em 150 milhões de dólares, envolvendo parcerias com a rede de lanchonetes McDonald's, a fábrica de brinquedos Mattel e até os chocolates Nestlé – que lançaram a nova "barra atômica". E mais 40 milhões eram investi→

dos em anúncios de televisão. Por fim, elenco e celebridades compareceram ao Kennedy Space Center, na Flórida, para uma première de gala que deve ter consumido o orçamento de pelo menos dois filmes brasileiros dos bons – e que ganhou destaque em toda a imprensa dos Estados Unidos.

"IMPACTO" FULMINANTE "Há tanta algazarra por aí que você precisa gritar 'olha, estreamos em tal dia! Venham ver nosso filme!' ", pondera Bruckheimer, comentando as dimensões da campanha de *Armageddon*. "Mas o volume de divulgação que esses eventos geram compensam seu custo", acredita. Já Bruce Willis raciocina de maneira no mínimo surreal ao falar de suas expectativas sobre o desempenho de *Armageddon* nas bilheterias: "Sucesso e fracasso são apenas rótulos escolhidos pela imprensa," esquiva-se.

Por trás das considerações de Bruckheimer e Willis há muita coisa não dita. Primeiro, *Armageddon* saiu nos Estados Unidos quando os cinemas ainda exibiam outro filme sobre um cometa em rota de colisão com a Terra, *Impacto Profundo*, com produção executiva de Steven Spielberg. Em cada entrevista dada para promover *Armageddon*, astro e produtor admitiam o parentesco – culpando o inconsciente coletivo de Hollywood –, mas faziam questão de enfatizar as diferenças entre os dois filmes.

Enquanto isso, *Impacto Profundo* – que pende muito mais para o drama do que para o filme-catástrofe – já havia coletado quase 140 milhões de dólares de todo o dinheiro faturado nas bilheterias durante o verão, ajudando a esvaziar o bolso do público freqüentador de cinemas. Não foi só por coincidência que cenas adicionais de *Armageddon* – mostrando a destruição de Paris – estavam sendo filmadas ainda em maio, quando *Impacto* começava a mostrar-se bem mais popular do que inicialmente se imaginava.

Feitas as contas, o efeito de *Impacto Profundo* foi arrasador: se o filme protagonizado por Bruce Willis coletou 35 milhões em três dias de exibição, seu principal concorrente, sem uma única grande estrela no elenco, bateu nos 42 milhões.

E é bom não esquecer que ainda está no ar a ressaca de *Godzilla*, que era considerado o grande filme-evento de 1998 – até transformar-se em um constrangimento monstruoso para a Sony. Bombardeado desde março de 1997 com uma campanha promocional maciça, o público começou a rejeitar *Godzilla* após meras duas semanas de exibição. Se o tiro pela culatra atingiu o lagartão, nada impedia que o mesmo acontecesse também com *Armageddon*.

CARA OU COROA Dos principais nomes ligados a *Armageddon*, apenas Bruckheimer receberá uma porcentagem – 6 por cento – da renda bruta. Conforme os estatutos da Disney, somente em seu quarto filme para o estúdio o diretor Michael Bay poderá ter participação na renda – este ainda é o terceiro. E Bruce Willis, que quase sempre coleta parte dos lucros de seus filmes (de onde vem, aliás, uma porção de seu cachê habitual de 20 milhões de dólares), desta vez embolsou um cheque de "apenas" 9 milhões, parte de um acordo de negócios travado com a Disney.

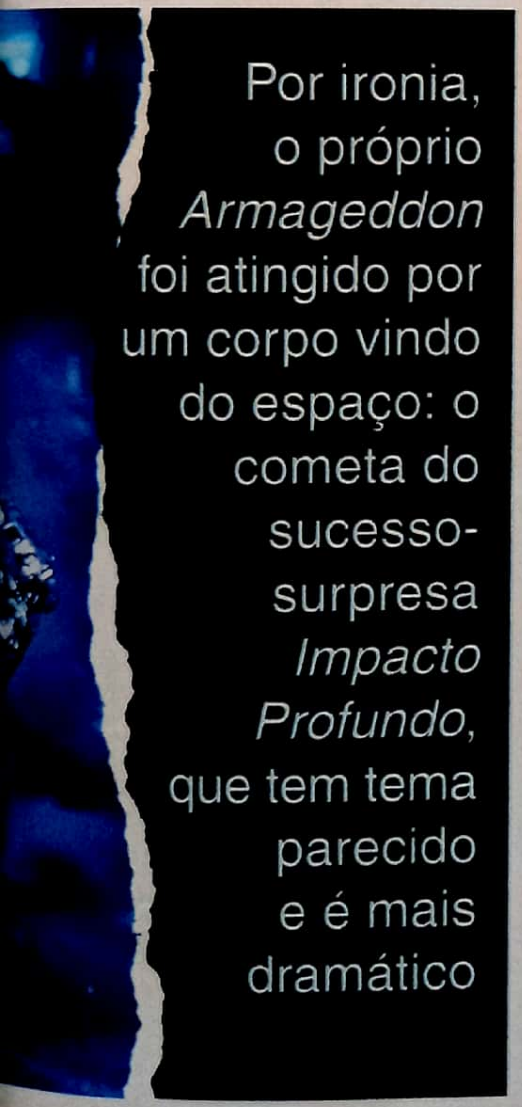
Sendo assim, 94 por cento de todo

Fotos: Columbia Buena Vista

Pousado no asteróide, Willis saúda a bandeira mas não esquece as preocupações com sua filha, Liv Tyler, que namora seu impetuoso colega de equipe, Ben Affleck

o lucro de *Armageddon* irá direto para os cofres do estúdio. Na pior das hipóteses, a superprodução servirá como o anúncio mais caro de toda a história para a nova atração planejada para a Disney World, na Flórida: *Armageddon – The Ride*.

Com tanta pressão sobre seus ombros, Jerry Bruckheimer não conseguia esconder seu nervosismo na véspera do lançamento do filme nos Estados Unidos: "É como tirar cara ou coroa," comparava o produtor. "Não importa o quanto você badale o filme; se o público não gostar, não vai aparecer ninguém no segundo fim de semana." De fato, se a platéia não se interessar por *Armageddon*, todo o investimento será transformado em um prejuízo tão espetacular quanto a visão de um meteorito sublimando Nova York. Para os produtores, isso sim é que seria o verdadeiro fim do mundo. ■



Por ironia, o próprio *Armageddon* foi atingido por um corpo vindo do espaço: o cometa do sucesso-surpresa *Impacto Profundo*, que tem tema parecido e é mais dramático

crítica

MUITO BARULHO, POUCA HISTÓRIA

Visuais bombásticos e a avalanche de decibéis tentam dopar a platéia

Ao sair de um show do Iron Maiden, muitos anos atrás, um bom e velho amigo radialista mostrava-se impressionado com os poderes sedativos do heavy metal. "Depois de todo esse massacre sonoro e visual", ele comentou, "fica todo mundo pianinho, pianinho. E vão todos para casa dormir em paz". Se for assim, está matada a charada: filmes como *Armageddon* são parte de um complô de Hollywood para sedar a juventude que vai aos cinemas do mundo inteiro.

Quem for assistir a *Armageddon* será canhoneado sem clemência por uma avalanche de decibéis e por uma sucessão quase ininterrupta de visuais bombásticos. No meio de tudo isso existiria uma história a ser contada, mas esta é deixada para trás – junto com a plausibilidade – em nome de uma excitação sustentada.

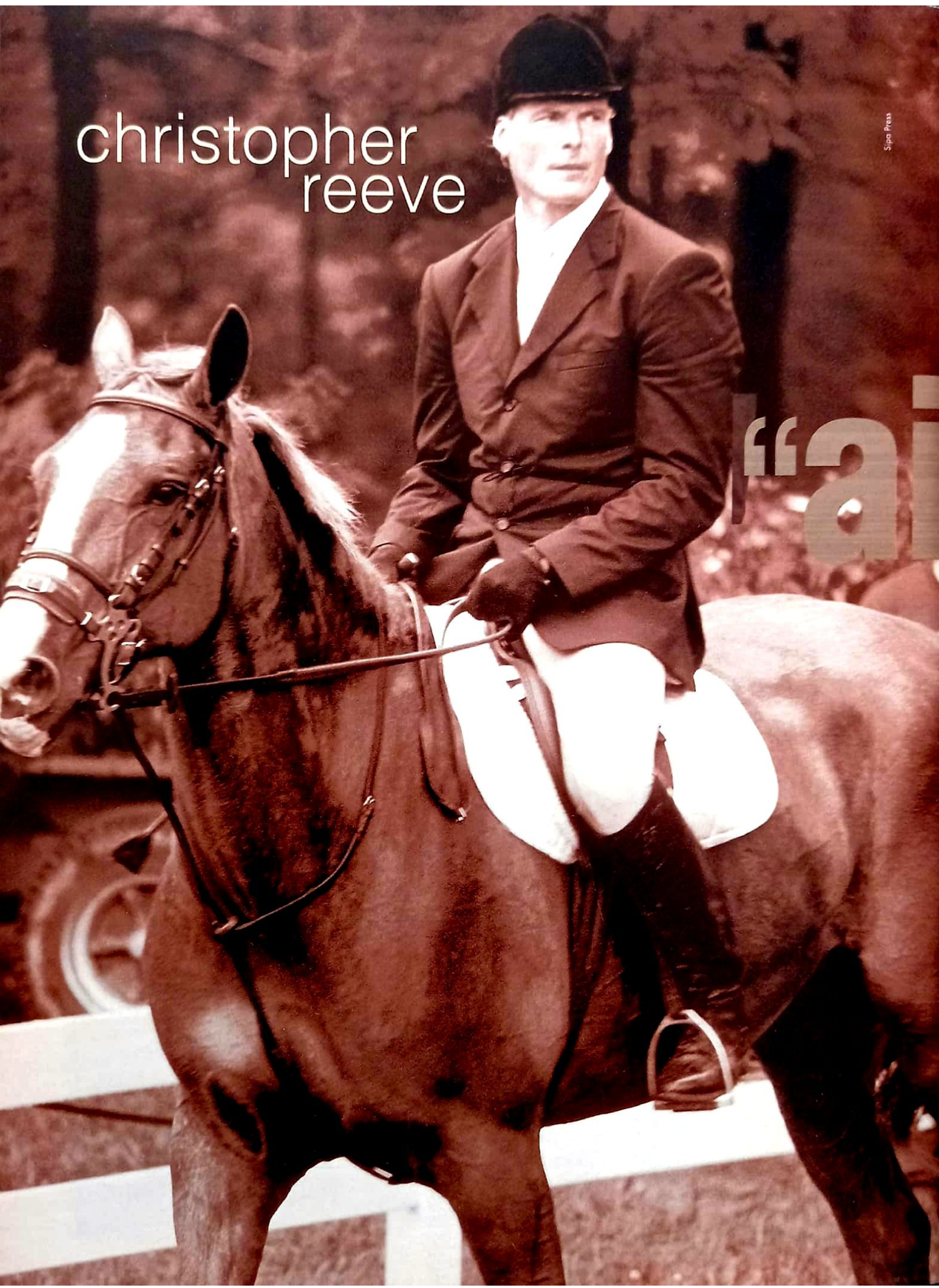
Os que já assistiram a *Os Bad Boys* e *A Rocha* sabem muito bem o que esperar da dobradinha formada pelo produtor Jerry Bruckheimer e pelo diretor Michael Bay: o forte deles é o visual de efeito. Trama e drama, para essa dupla, são quase acidentes, alcançados não por meio da representação ou do roteiro, mas sim com imagens e sons de impacto violento. Se bons atores forem capazes de tirar leite de pedra – como Sean Connery ou Ed Harris em *A Rocha* –, tanto melhor.

Mas agora a dupla exagerou: em *Armageddon*, no qual Bruce Willis lidera um time de perfuradores de petróleo cuja missão é detonar um asteróide do tamanho do Texas antes que ele colida com a Terra e extermine toda a vida no planeta, Bay e Bruckheimer partiram para uma história pseudo-humana de narrativa ginasiana em que os atores ruins (Willis e Liv Tyler) se esforçam para fingir que sabem representar bem, enquanto os atores bons (Steve Buscemi, Billy Bob Thornton e, vá lá, Ben Affleck) parecem obrigados a fingir que não sabem representar.

A bem da verdade, o filme tem bom momentos de humor – como a cena em que o personagem de Bruce lista para o governo americano as condições impostas por ele e sua equipe antes de aceitar a perigosa missão de embarcar em dois ônibus espaciais para aterrissar no asteróide e pulverizá-lo. Mas, quando se leva a sério, o filme se estrepa.

Além do mais, a postura colonialista de produtores como Bruckheimer já cansou: talvez nem mesmo os americanos, patriotas que são, agüentem mais outro filme com montagens de continências, lágrimas, olhares solenes, crianças sorridentes, esquadrilhas de aviões em colorida formação e a bandeira nacional em superclose, ao som de um tema heróico. Para quem não é americano, então, o enjôo é certo.

(EUA, 1998) ***Direção****: Michael Bay.* ***Com*** *Bruce Willis, Billy Bob Thornton, Liv Tyler, Ben Affleck, Will Patton, Peter Stormare, Keith David, Steve Buscemi, Owen Wilson, William Fichtner, Jessica Steen, Udo Kier. 150 min.*


christopher
reeve
Sipa Press

Ele pensou em suicídio quando um acidente com seu cavalo tirou-lhe todos os movimentos. Mas encontrou uma coragem inacreditável, reconstruiu sua vida e quer voltar a andar, como conta na autobiografia *Still Me*

nda sou eu mesmo"

Uma testemunha garante que foi um coelho, outra afirma ter visto apenas sombras. Não se sabe ao certo, portanto, o que levou o puro-sangue Eastern Express (ou Buck, como o apelidou seu dono) a parar subitamente no terceiro salto de uma competição que se realizava em Culpeper, no estado americano de Virgínia. Era um sábado, 27 de maio de 1995, feriado nacional. O dono de Buck – que aprendera a cavalgar dez anos antes, para as filmagens de *Anna Karenina*, vencendo uma alergia a pêlo de cavalo – só acordou na quarta-feira seguinte. Não se recordava de nenhum detalhe do acidente; suas últimas lembranças prendiam-se aos minutos de preparação para a prova.

Mais tarde, pôde reconstituir o que lhe aconteceu, a partir de depoimentos das pessoas presentes à competição e dos paramédicos que o socorreram. Caiu de cabeça no solo, perdeu a respiração e foi levado ao hospital mais próximo, onde se constatou a gravidade do caso: ele fraturara duas vértebras e só respirava com a ajuda de aparelhos. De helicóptero, seguiu para o hospital da Universidade de Virgínia. Ali, já cercado pela família e por amigos, despertou para uma nova vida, comunicado pelos médicos de que não poderia mais andar e talvez nunca mais pudesse mexer os braços ou respirar sozinho.

Os detalhes do acidente, a agonia da família ao receber a notícia e o início do tratamento ocupam os dois primeiros capítulos de *Still Me*, a autobiografia de Christopher Reeve escrita em colaboração (não creditada) com o jornalista Roger Rosenblatt e lançada em maio nos EUA. Apesar da dramaticidade dos fatos, o relato é sóbrio e, embora não fuja da emoção, também não a ressalta. Contribui para isso a frieza usada pelo ator para explicar, de forma didática, a natureza da fratura e os danos causados por ela.

Mais do que um acerto de contas com o passado, o livro tem o objetivo de chamar a atenção para um problema que atinge 300 mil pessoas só nos EUA. Poucas delas têm os recursos de Reeve para bancar as despesas do tratamento, estimado em 400 mil dólares por ano. É provável que poucas também tenham a energia encontrada por ele para iniciar uma formidável volta por cima: mesmo preso a uma cadeira de rodas, na permanente dependência de aparelhos para encher os pulmões, ele não só retornou ao trabalho, dirigindo o telefilme *Armadilha Selvagem*, como se engajou em uma campanha de arrecadação de fundos para pesquisas sobre a medula espinhal, por meio de uma fundação que leva seu nome – envolvida também numa campanha pela alteração dos tetos dos seguros de saúde (o seu era de 1,2 milhão de dólares, suficiente apenas para os primeiros três anos de tratamento).

Still Me reconstitui a descoberta dessa energia, embutida na busca por um motivo capaz de devolver à vida →

algum sentido quando ela já não parecia ter nenhum, exceto o de causar incômodo às pessoas que amava. Foi pensando nisso que Reeve, ao despertar no leito do hospital, considerou seriamente a hipótese de suicídio. Antes disso, sua mãe já insistira aos prantos para que os médicos desligassem os aparelhos que o mantinham vivo, temendo que o filho não suportasse uma vida vegetativa. Coube à mulher do ator, Dana Morosini, lembrar à sogra que a decisão caberia exclusivamente a ele.

Antes, Reeve era um atleta. Hoje, depende de aparelhos para encher os pulmões, mas retomou o gosto pela aventura

A LUZ NO FIM DO TÚNEL Foi também Dana quem ajudou Reeve a enxergar alguma luz no caminho, em seu primeiro diálogo com o marido, do qual sairia também o título da autobiografia. "Talvez vocês devessem me deixar ir", disse Reeve. "Vou apoiar o que você quiser, porque a vida é sua", disse Dana. "Mas estarei a seu lado, não importa o que acontecer. Você ainda é você, e eu te amo."

Belo casal, esse. Descrita por Reeve como "uma maravilhosa cantora e atriz", Dana suportou o tranco de maneira admirável, redirecionando a vida para os cuidados com o marido. Só agora, quando as coisas adquirem novo eixo, começa a retomar a carreira. Houve quem a chamasse de "santa", mas ela parece estar acima desse tipo de simplificação sentimentalóide: adora, segundo Reeve, fazer piadas sobre a própria beatificação. Hoje com 37 anos, é oito mais jovem do que o marido e mãe de seu filho caçula, Will, de cinco.

O quinteto familiar se completa com Matthew, dezoito anos, e Alexandra, quatorze, filhos do ator com a publicitária inglesa Gae Exton, com quem viveu por uma década. Reeve atribui a eles, o "centro de tudo", a redescoberta do prazer pela vida. Nada mal para quem enxergava na palavra "família" quase um palavrão, e que precisou fazer terapia para aceitar a idéia de se casar com Dana, em 1992, cinco anos após tê-la conhecido.

MUITAS CASAS, NENHUMA FAMÍLIA Nem seria preciso recorrer a Freud para explicar seus medos: aproveitando a oportunidade de "olhar para trás", Reeve conta em *Still Me* a história da família – ou melhor, da desagregação da família. Vítimas de paixão fulminante, seus pais casaram-se jovens, em 1951, contra o desejo dos parentes da noiva: Franklin d'Olier Reeve, estudante de literatura na Universidade de Columbia, tinha 23 anos, e Barbara Pitney Lamb, dezenove. Christopher nasceu em 25 de setembro de 1952, seu irmão Benjamin, em outubro do ano seguinte. Mal as crianças aprenderam a andar e o casamento desmoronou. Barbara mudou-se com os filhos para Princeton, para ficar perto dos pais e longe do ex-marido.

Preocupado em acompanhar o crescimento dos meninos, Franklin chegou a prestar concurso para dar aulas na Universidade de Princeton, mas teve seu nome vetado – sob acusação de ser comunista – pela influente família de Barbara, que acabou se casando outra vez, com o empresário republicano Tristam Johnson. Franklin também construiu outra família, com Helen Schmidinger, ex-aluna de Columbia.

O resultado é que Reeve ganhou diversos meio-irmãos e várias casas onde passar as férias, mas nenhuma família na qual se sentisse à vontade, e um pai que, distante na adolescência, transformou-se em estranho na vida adulta. Em parte, o padrasto ocupou seu espaço na formação de Reeve (que, nos anos 70, pensou em mudar seu sobrenome para Johnson). Após um rompimento formal, reaproximaram-se apenas com o acidente. Gente de atitudes discutíveis, na avaliação do próprio ator, mas de personalidade forte.

Still Me torna-se mais saboroso para os admiradores do ator quando a família sai de cena para a entrada do teatro e do cinema. Reeve subiu ao palco pela primeira vez aos nove anos, recrutado para um pequeno papel em uma montagem estudantil apresentada em um teatro de Princeton. "Foi intoxicante", lembra. Aos onze ou doze, fez Janet Mackenzie, um personagem de 65, em *Testemunha de Acusação*, de Agatha Christie. Na noite de estréia, foi aplaudido no meio de uma cena, logo no primeiro ato. "Isso é maravilhoso", pensou.

Aos poucos, foi sendo escalado para produções adultas, ao lado de atores "maravilhosamente excêntricos". Um deles era John Lithgow, mais tarde indicado ao Oscar por *O Mundo Segundo Garp*. Reeve conta que, durante uma matinê de domin-

go, ele, Lithgow e outros atores estavam nos bastidores, entre uma cena e outra, assistindo pela TV a uma partida de basquete entre os Knicks e os Celtics. O jogo teve duas prorrogações, e a ala esportista do elenco, de olho grudado na tela, simplesmente se esqueceu de entrar em cena.

Depois de passagens pelo programa teatral do Williams College e pela Universidade de Cornell, Reeve fez o rigoroso teste para o programa avançado de interpretação da Juilliard School, em Nova York. Daquela turma de pretendentes, só dois foram aprovados: ele e outro jovem, Robin Williams. Depois do acidente de 1995, Williams foi o primeiro a arrancar um sorriso de Reeve, ao invadir seu quarto vestido de médico e falando sobre os exames que precisaria fazer no "paciente".

Still Me passa em seguida para o fim do anonimato. Em 1974, ele participou da novela *Love of Life* pelo cachê "inacreditável" (no bom sentido, para seus padrões da época) de 250 dólares por dia. Em 1975, fez um teste para uma montagem na Broadway de *A Matter of Gravity*, estrelada por Katharine Hepburn. Aprovado, viveu a experiência "intimidadora" de atuar com a atriz, de quem se tornou grande amigo, e a quem chama de "mestra do inesperado", em referência às suas atitudes imprevisíveis – e muitas vezes carinhosas.

Katharine Hepburn só o tratou com frieza quando ele preferiu não seguir com a peça para Los Angeles. "Ela se decepcionou. Havíamos criado um relacionamento especial, e então eu desisti", lembra. O motivo era que Reeve planejava chegar ao cinema. Mas vingou o imprevisto: ele dividia o palco com William Hurt quando seu agente o encaminhou para uma entrevista "no escuro". Foi só ao chegar a um hotel da 5ª Avenida, onde o esperavam o produtor Ilya Salkind e o diretor Richard Donner, que soube tratar-se de um teste para *Superman*. O resto é história.

UM OLHAR PARA O FUTURO

Depois desse olhar para o passado, *Still Me* concentra-se no presente, descrevendo a rotina de Reeve em Bedford (Nova York), onde mora com a família, na casa de verão em Massachusetts (na varanda da qual aparece na capa do livro), e nas viagens pelo país, que exigem uma pequena operação de guerra (para sua participação na cerimônia do Oscar de 1996, a empresa encarregada de seu transporte e segurança elaborou um manual de 75 páginas).

Preocupada em tornar a vida doméstica o mais comum possível, Dana coordenou a reforma da casa em Bedford, instalando rampas e uma pequena academia na garagem. Um outro filho faz parte dos planos do casal. "Sou apenas uma mulher cujo marido caiu do cavalo, e estou tomando conta dele", afirmou em entrevista à apresentadora Barbara Walters, em abril deste ano.

Todo o esforço em recuperar a simplicidade do cotidiano esbarra, porém, nas marcas deixadas pelo acidente. Lembranças que Reeve expõe com muita coragem em *Still Me*, como o desespero provocado certa madrugada, ainda no hospital, quando o tubo de oxigênio soltou-se, deixando-o sem ar até a chegada de uma enfermeira; a revolta contra um médico que insistia em pintar-lhe um quadro otimista contrário a todas as evidências; e o medo, sentido a posteriori, ao saber que as chances de sobreviver à delicada cirurgia realizada dias depois da queda, para unir a cabeça ao corpo por fios de metal, eram de 50%.

As diferentes etapas do processo de recuperação aparecem em várias das 87 fotos do livro, que incluem um "álbum de família" →

Gamma

O ator narra fatos dramáticos mas de forma sóbria. Sua meta é atrair atenção para um problema que atinge milhões de pessoas

christopher reeve

Em maio último, ele afirmou em uma entrevista à BBC que pretende voltar a andar dentro de cinco anos

Com os filhos e a mulher: "o centro de tudo"

e cenas de peças e filmes. A seqüência mais dolorosa, porém, é a do esportista em ação – Reeve esquiava, velejava, mergulhava, jogava beisebol, praticava ciclismo e, claro, cavalgava. A foto mais perturbadora do livro traz Reeve e seu cavalo Buck às 9 horas do dia 27 de maio de 1995, apenas seis horas antes do acidente. Tirada ao que parece por uma fotógrafa amadora, está ligeiramente fora de foco. É o derradeiro registro de Reeve no controle das coisas, algo que ele prezava muito, e que perdeu quase por completo.

Ainda que o otimismo e o bom humor reinantes no livro não tenham a ver com esperanças infundadas de recuperação, há um "PS" animador, revelando que os avanços obtidos por Reeve nos últimos meses indicam a possibilidade de recuperar movimentos antes considerados inteiramente perdidos. Em sentido figurado, o ator já havia dito que, ao completar cinqüenta anos, gostaria de se levantar "para oferecer um brinde a todos os que me ajudaram" (ele recebeu mais de 400 mil cartas enquanto ainda estava no hospital).

No final de maio deste ano, ele foi além: durante uma entrevista à BBC, afirmou que espera poder andar novamente em cinco anos. "Do jeito como as coisas vão, acho que será possível", disse. De concreto, ele já anunciou a intenção de dirigir e estrelar uma refilmagem de *Janela Indiscreta*, mais concentrada no romance original de Cornell Woolrich do que no clássico de 1954, "para escapar da responsabilidade de recriar Hitchcock". Por mais que escapar de responsabilidades não pareça ter a cara de Christopher Reeve, esse sujeito admirável.

Sérgio Rizzo

CANNE'S VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

- Todos os lançamentos
- Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
- Novas promoções
- Venha aproveitar!

CONFIRA!

- Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
- Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA

Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

Para anunciar ligue:

Fone: 3037-4735

NÃO QUEBRE A CABEÇA VIAJANDO POR AI, VÁ DIRETO A WN VIDEO.

MONTE SUA LOCADORA COM A WN VIDEO.
OBSERVE COMO É FACIL: A WN VIDEO ESTÁ VENDENDO
270 FITAS COM VÁRIOS LANÇAMENTOS E ACESSÓRIOS PARA A
MONTAGEM DE SUA LOCADORA POR APENAS:

R$ 2.700,00

APROVEITE! É POR TEMPO LIMITADO.
SEJA O SEU PRÓPRIO PATRÃO, MAS COMPRE NO LUGAR CERTO.

VENHA NOS CONHECER E COMPROVE TUDO O QUE PODEMOS LHE OFERECER COM A MAIOR TRANQUILIDADE

- ESTACIONAMENTO PARA CLIENTES AO LADO DA LOJA.
- FITAS COM A QUALIDADE WN VIDEO.
- FACILIDADES NO PAGAMENTO COMO VOCÊ NUNCA VIU.
- TRANQUILIDADE DE RECEBER A MERCADORIA EM QUALQUER LUGAR.

SÓ A WN VIDEO PODE OFERECER ESSAS VANTAGENS AOS SEUS CLIENTES.

BRINDES
1 ESTOJO
EXPOSITORES
DE PAREDE E CENTRAL
PAPELARIA
SUPORTE PORTA POSTER
KIT WN
POSTER A VONTADE
ACESSÓRIOS COMPLETOS
E MUITO MAIS!

SE VOCÊ PENSA QUE JÁ VIU PREÇOS BARATOS, É PORQUE NÃO VIU OS PREÇOS DA WN VIDEO.

COLECIONADOR
NÃO DEIXE DE CONHECER A WN VIDEO. TEMOS MUITAS RARIDADES PARA VOCÊ.

LIGUE JÁ: 6959-7959
E SOLICITE A NOSSA
LISTAGEM.

WN

TELEVENDAS: 6959-7959
RUA DR. GABRIEL PIZZA, 334 - 02036-010
SÃO PAULO - SP - (AO LADO DO METRO SANTANA)
SEGUNDA À SEXTA DAS 9 ÀS 19h
SÁBADO DAS 9 ÀS 16 h
TELEFAX: (011) 290-8143

RPZ/262-7618

Quais são e onde estão disponíveis os filmes que mais se destacara

OS 100 MAI

Listas preparadas por críticos e intelectuais com os melhores filmes de todos os tempos há aos montes. Mas o American Film Institute (AFI) achou um belo jeito de sair de sua atual pindaíba: para crescer e aparecer na mídia, preparou uma relação com os cem maiores filmes americanos do último século em que pouquíssimos críticos tiveram a chance de votar. Quem participou da eleição (feita com base em uma pré-seleção de quatrocentos títulos) foram profissionais de cinema, celebridades, políticos – inclusive o presidente Clinton e a primeira-dama Hillary – e um espectador para cada estado americano. A jogada deu certo: divulgada no final de junho, a relação virou o assunto do momento. Confira o resultado e veja se você se encaixa entre os críticos ou os defensores da já famosa "lista do AFI".

1 CIDADÃO KANE (S) Continental
2 CASABLANCA (S) Warner
3 O PODEROSO CHEFÃO (S) CIC
4 ...E O VENTO LEVOU (D)
5 LAWRENCE DA ARÁBIA (D)
6 O MÁGICO DE OZ (S) Warner
7 A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM (D)
8 SINDICATO DE LADRÕES (D)
9 A LISTA DE SCHINDLER (S) CIC
10 CANTANDO NA CHUVA (S) Warner
11 A FELICIDADE NÃO SE COMPRA (S) Continental
12 CREPÚSCULO DOS DEUSES
13 A PONTE DO RIO KWAI (D)
14 QUANTO MAIS QUENTE MELHOR (S) Warner
15 GUERRA NAS ESTRELAS (S) Abril/Fox
16 A MALVADA
17 UMA AVENTURA NA ÁFRICA (S) Continental
18 PSICOSE (S) CIC
19 CHINATOWN (S) CIC
20 UM ESTRANHO NO NINHO (S) Warner
21 AS VINHAS DA IRA
22 2001: UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO (S) Warner
23 O FALCÃO MALTÊS (S) Warner
24 TOURO INDOMÁVEL (D)
25 E.T., O EXTRATERRESTRE (S) CIC
26 DOUTOR FANTÁSTICO
27 UMA RAJADA DE BALAS (D)
28 APOCALYPSE NOW (S) CIC
29 A MULHER FAZ O HOMEM
30 O TESOURO DE SIERRA MADRE
31 NOIVO NEURÓTICO, NOIVA NERVOSA
32 O PODEROSO CHEFÃO 2 (S) CIC
33 MATAR OU MORRER (D)
34 O SOL É PARA TODOS (D)
35 ACONTECEU NAQUELA NOITE (S) Continental
36 PERDIDOS NA NOITE (D)
37 OS MELHORES ANOS DE NOSSAS VIDAS (D)
38 PACTO DE SANGUE
39 DOUTOR JIVAGO (D)
40 INTRIGA INTERNACIONAL (D)
41 AMOR, SUBLIME AMOR (S) Warner
42 JANELA INDISCRETA (D)
43 KING KONG (S) Continental
44 O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO (S) Continental
45 UMA RUA CHAMADA PECADO (S) Warner
46 LARANJA MECÂNICA (S) Warner
47 TAXI DRIVER (D)
48 TUBARÃO (S) CIC
49 BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (D)
50 BUTCH CASSIDY (D)
51 NÚPCIAS DE ESCÂNDALO
52 A UM PASSO DA ETERNIDADE (D)
53 AMADEUS (D)
54 SEM NOVIDADE NO FRONT
55 A NOVIÇA REBELDE (S) Abril/Fox
56 M.A.S.H (D)
57 O TERCEIRO HOMEM (S) Continental
58 FANTASIA (D)
59 JUVENTUDE TRANSVIADA (S) Warner
60 OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (S) CIC
61 UM CORPO QUE CAI (S) CIC
62 TOOTSIE (D)
63 NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS (S) Continental
64 CONTATOS IMEDIATOS DO TERCEIRO GRAU (D)
65 O SILÊNCIO DOS INOCENTES (S) Columbia
66 REDE DE INTRIGAS (D)
67 SOB O DOMÍNIO DO MEDO (D)
68 SINFONIA EM PARIS (S) Warner
69 OS BRUTOS TAMBÉM AMAM (S) CIC
70 OPERAÇÃO FRANÇA (D)
71 FORREST GUMP, O CONTADOR DE HISTÓRIAS (D)
72 BEN-HUR (S) Warner
73 O MORRO DOS VENTOS UIVANTES (S) Continental

Se você não conseguiu localizar os filmes disponíveis em venda direta nas grandes lojas e magazines, ligue para as respectivas distribuidoras: • Abril/Fox 0800 12-0199 • CIC (011) 816-0852 • Columbia TriStar (011) 5503-9899 • Continental (021) 262-5212 • Flashstar 0800 16-9911 • Warner (011) 820-6777

...E O VENTO LEVOU

LAWRENCE DA ARÁBIA

m neste século segundo a polêmica lista do American Film Institute

ORES FILMES

74 EM BUSCA DO OURO (S) Continental
75 DANÇA COM LOBOS (S) Abril
76 LUZES DA CIDADE (S) Continental
77 LOUCURAS DE VERÃO (D)
78 ROCKY, O LUTADOR (S) Warner
79 O FRANCO-ATIRADOR (D)
80 MEU ÓDIO SERÁ TUA HERANÇA (S) Warner
81 TEMPOS MODERNOS (S) Continental
82 ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE (S) Warner
83 PLATOON (S) Flashstar
84 FARGO (D)
85 DIABO A QUATRO (D)
86 O GRANDE MOTIM (S) Warner
87 FRANKENSTEIN (S) Continental
88 SEM DESTINO (D)
89 PATTON, REBELDE OU HERÓI (D)
90 O CANTOR DE JAZZ (S) Continental
91 MINHA BELA DAMA (S) Abril
92 UM LUGAR AO SOL (D)
93 SE MEU APARTAMENTO FALASSE (S) Warner
94 OS BONS COMPANHEIROS (D)
95 PULP FICTION – TEMPO DE VIOLÊNCIA (D) Abril
96 RASTROS DE ÓDIO (D)
97 LEVADA DA BRECA
98 OS IMPERDOÁVEIS (S) Warner
99 ADIVINHE QUEM VEM PARA JANTAR (D)
100 A CANÇÃO DA VITÓRIA

(S) - Sell Thru (D) - Disponível nas locadoras

Continental

CIDADÃO KANE

SEMPRE O Nº 1

Hoje *Cidadão Kane* talvez não surpreenda tanto. Mas, em 1941, ele trouxe incríveis inovações técnicas e estéticas – como câmeras que iam de um cenário a outro sem perder o foco. Com a força de suas imagens, o primeiro filme de Orson Welles reinventou o cinema como poucos antes ou depois dele.

A OPINIÃO DE QUEM ESCREVE SOBRE CINEMA TODOS OS DIAS

Rubens Ewald Filho – *TVA*: "A lista não tem avaliação crítica, é só uma grande pesquisa de opinião. O que importa é que esta jogada de marketing vai permitir o acesso ao público dos cem selecionados, que estarão à disposição na Blockbuster, fruto de um acordo do AFI com as distribuidoras".

Marina Person – *CineMTV*: "Me chamou a atenção a quantidade de comédias e a pouca representatividade dos anos 80 e 90. Onde estão *Blade Runner* ou *Veludo Azul*? Além disso, faltaram clássicos como *Lolita* e *Ninotchka*. E o que *Rocky* está fazendo ali? É impossível agradar a todos".

Celso Sabaddin – *TV Bandeirantes*: "Por mais que eu tenha ficado feliz com a inclusão, por exemplo, de *Guerra nas Estrelas*, ou espantado com a presença de *Rocky*, a impressão é de que esta seleção consagra o já famoso".

Inácio Araújo – *Folha de S.Paulo*: "A lista é muito subjetiva. Pessoalmente, não lhe dou maior importância. É mais fácil votar em filmes que foram muito vistos. A relação indica, pelo visto, como um segmento do país observa sua herança cultural".

Hugo Sukman – *O Globo*: "É uma lista do senso comum. Ela revela a profunda ligação do americano com seu cinema. A relação, porém, não tem critérios, é leiga e patética".

Columbia

de volta ao passado no set de

MAUÁ

Viagem no tempo: no Consulado de Portugal, Rio de Janeiro, atores e técnicos trabalham duro para transformar a vida do visconde de Mauá em filme

IMPERADOR E O REI

Em sua quarta parceria, Paulo Betti e o diretor Sérgio Rezende contam a saga de um dos homens mais poderosos do Brasil Imperial

Por Roberto Sadovski

Bel Pedrosa

Estar no centro do Rio de Janeiro é como entrar em uma máquina do tempo que transporta os passageiros direto para o Brasil Imperial, com seus palacetes imponentes que abrigam parte da história do país. Esse clima é acentuado quando se entra na Câmara dos Vereadores, um prédio que, durante a semana, recebe arquitetos, engenheiros e trabalhadores empenhados em sua restauração. Mas não hoje. É sábado, 13 de junho, e o local está tomado por iluminadores, técnicos de som, câmeras e muita correria. Bem-vindo ao século 19. Bem-vindo às filmagens de *Mauá – O Imperador e o Rei*.

A reportagem de SET é conduzida até uma sala escura, de atmosfera lúgubre, na qual se encontram os atores Paulo Betti e Othon Bastos e o diretor Sérgio Rezende, responsável por um dos maiores êxitos do cinema nacional dos últimos anos, o drama *Guerra de Canudos*. Na cena que está sendo rodada agora, Irineu Evangelista de Souza, mais conhecido como o visconde e barão de Mauá (interpretado por Betti), confronta o visconde de Feitosa (Bastos), um legislador do imperador Dom Pedro 2º.

"Corta", grita Sérgio. Os técnicos posicionam as câmeras para rodar outro plano da mesma cena. Do lado de fora, caminhões descarregam entulho de uma construção próxima, e o barulho incomoda o diretor. "Alguém por favor peça ao pessoal lá fora para nos dar alguns minutos de silêncio", reclama. "*Nenhum* caminhão fazia um barulho assim cem anos atrás." Enquanto a equipe trabalha, Sérgio caminha pelo set, muda objetos de cena de posição e conversa com seus atores. "Ação."

DA FORTUNA À FALÊNCIA *Mauá – O Imperador e o Rei* conta a vida de Irineu Evangelista de Souza, um dos homens mais poderosos do Brasil Imperial, que fez fortuna investindo em estradas de ferro e em bancos, sofreu uma perseguição sem precedentes empreendida pelo governo inperial e morreu em 1889, praticamente falido. "Mas não é uma biografia", ressalta o diretor, "e sim uma ficção que se baseia em fatos reais." Por esse motivo, o filme não acompanha a trajetória de Mauá até sua morte, mas até o momento em que ele perdeu toda a sua fortuna – além de mostrar sua infância e adolescência em flashback, e de detalhar seu relacionamento com a mulher, May, interpretada por Malu Mader.

O filme é também a primeira produção na qual Sérgio trabalha como diretor contratado. Totalmente avesso a perguntas sobre orçamento, ele se diz à vontade com a situação: sem a preocupação com dinheiro, sobra-lhe mais espaço para se dedicar unicamente à direção. "Em contrapartida", comenta, "não tenho poder sobre certos aspectos do filme. Mas a experiência está sendo bastante positiva".

Câmeras em posição, atores em marcação, e o trabalho recomeça. Mauá se aproxima de Feitosa e lhe pergunta por que o imperador está tão empenhado em diminuir o poder de seu banco, espalhando rumores sobre sua →

de volta ao passado no set de

MAUÁ O IMPERADOR E O REI

falta de segurança. "Um homem não pode ser dono da economia do Brasil", devolve o legislador. "Corta", diz Sérgio, já se preparando para o próximo plano. Entre uma cena e outra, a conversa invariavelmente termina em Copa do Mundo. Naquela manhã jogaram Espanha e Nigéria, e a lembrança da derrota da Seleção Brasileira para a equipe africana nos Jogos Olímpicos de 1996 ainda está fresquinha na mente dos brasileiros. Alheio à preocupação de sua equipe, Sérgio se preocupa em terminar a cena – e em pedir ajuda divina para que o incômodo barulho do caminhão, que teima em poluir o som da filmagem, seja finalmente interrompido.

PREENCHENDO ESPAÇOS EM BRANCO As filmagens de *Mauá – O Imperador e o Rei*, uma produção de 6 milhões de reais, foram iniciadas em março. Desde então, a equipe trabalhou em Arroio Grande, no Rio Grande do Sul, na cidade inglesa de Liverpool e no Rio de Janeiro. "É uma filmagem complicada", conta Ricardo Pinto e Silva, que produz o filme ao lado de Joaquim Vaz de Carvalho. "As cidades pelas quais Mauá passou estão descaracterizadas. São paredes pichadas e fios de alta-tensão que mudaram a cara dos lugares."

Ao final da tarde, Sérgio se dá por satisfeito. Paulo Betti, então, deixa de lado as roupas de época para conversar com a reportagem de SET. Ele conta que o filme não é baseado em uma obra isolada, e sim em um apanhado de tudo o que já foi registrado sobre o personagem. Além disso, completa o ator, o visconde é radicalmente diferente de seu papel em *Guerra de Canudos* – dois personagens completamente diversos que viveram na mesma época. "Li vários livros sobre Mauá, e até sua correspondência", afirma Betti. "Era um homem cheio de idéias revolucionárias e românticas e, ao mesmo tempo, muito prático nos negócios."

Sérgio Rezende, por sua vez, enfatiza que seu filme é uma obra de ficção, aproveitando para lembrar o processo que está movendo contra o escritor Jorge Caldeira, autor de *Mauá – Empresário do Império*, que chegou a acusar a produção de plágio. "Isso é mesquinharia intelectual", brada o diretor. "É ridículo alguém se dizer dono da imagem de um homem que morreu há mais de um século. Além disso, o que ele fez foi exatamente o que fizemos: pesquisar a vida do visconde para construir uma história em cima dos fatos." Sérgio ressalta que é preciso criar situações humanas para que o personagem exista – como fez com o Antônio Conselheiro de *Canudos*, com o protagonista de *Lamarca* e com o Tenório Cavalcante de *O Homem da Capa Preta*. "Todos os filmes são inventados, até os que utilizam figuras históricas. Recolhemos os fragmentos de suas vidas para depois preencher os espaços em branco."

PAUSA PARA O FUTEBOL Dez dias depois das cenas rodadas no centro do Rio, a equipe de *Mauá* muda de endereço: agora a algazarra das câmeras e das luzes está armada no Consulado de Portugal. É o último dia de filmagem antes de um intervalo que deve durar até setembro. Nesse meio-tempo, Paulo Betti vai cuidar de outros compromissos profissionais, como as filmagens do longa *Oriundi*, ao lado de Anthony Quinn, e obrigações com a TV Globo.

A atmosfera do consulado, uma bela mansão no bairro do Botafogo, é radicalmente diferente do clima na Câmara dos Vereadores. Os ambientes sombrios dão lugar a amplas janelas que deixam a luz do sol dominar o local. É nesse cenário que Mauá irá se encontrar com o imperador Dom Pedro 2º (o ator Rodrigo Pena), já em uma das últimas cenas do filme. Embora o ritmo do trabalho tenha sido tranqüilo durante mais de três meses, hoje o ambiente está particularmente tenso: poucas horas mais tarde a Seleção Brasileira entra em campo contra o time da Noruega. Na sala ao lado da qual está sendo rodado o filme, um imenso telão espera a chegada dos torcedores.

Sérgio Rezende orienta os atores, coloca a câmera em posição e segue em frente. Bastante otimista em relação à carreira de *Mauá* – que deve chegar às telas no primeiro semestre do ano que vem –, o cineasta é taxativo quando o assunto é a entrada do cinema nacional no exterior: ele diz que faz filmes para o público brasileiro. "Nunca foi minha intenção correr mundo", ressalta. "O espaço para a produção nacional no país está aberto, então temos de fazer filmes para o grande público, competindo em termos de igualdade com o cinemão americano que domina as telas."

O clima no último dia de filmagens era tenso. Mas não por causa do filme: a Seleção Brasileira estava prestes a entrar em campo para o jogo contra a Noruega

Bel Pedrosa

IMPERADOR DE RUBRO-NEGRO A equipe de *Mauá* movimenta gruas e refletores, as câmeras rodam mais uma vez, e o visconde conversa com o imperador. Na sala ao lado, porém, a tênue voz de um locutor esportivo não deixa ninguém esquecer que também é dia de torcer pela seleção. Faltando meia hora para o início do jogo, Sérgio dá uma pausa nas filmagens, e todos vão se preparar para torcer. Primeiro tempo, nenhum gol. Dom Pedro 2º veste uma camisa do Flamengo. Final da partida, dois a um para a Noruega. É hora de colocar a tristeza de lado, esquecer a realidade e voltar para o mundo da fantasia, para o final do século passado, para dar vida a um pedaço da história brasileira. E daqui a um mês é a vez de *Mauá – O Imperador e o Rei* entrar na prorrogação. ■

Parceiros em sintonia: Sérgio Rezende e Paulo Betti trabalham juntos pela quarta vez em *Mauá*

Dobradinha à Brasileira

Bom humor e profissionalismo são os segredos de uma das mais bem-sucedidas duplas do novo cinema nacional

Em uma das cenas cruciais de *Mauá – O Imperador e o Rei*, o visconde de Mauá entra na sala de seu inimigo, Feitosa, um dos legisladores do imperador Dom Pedro 2º, para confrontá-lo. O clima está pesado. Uma tomada, duas tomadas, e o diretor Sérgio Rezende ainda não está satisfeito com o resultado. Mas bastam duas palavras trocadas com Paulo Betti para que o tom da cena fique exatamente ao gosto do cineasta.

A harmonia entre diretor e ator, uma constante durante a produção de *Mauá*, não existe ao acaso: ela é fruto da parceria certeira forjada entre Paulo Betti e Sérgio Rezende. Trabalhando lado a lado pela quarta vez, a dupla alia o bom humor que mantém a atmosfera do set sempre tranqüila ao profissionalismo absoluto quando as câmeras começam a rodar. "Nenhuma de nossas colaborações foi intencional", diz Rezende, "mas elas sempre deram certo, e por isso continuamos a trabalhar juntos".

A primeira vez que Sérgio Rezende e Paulo Betti se encontraram no cinema foi em *Doida Demais*, de 1989, uma aventura *caliente* protagonizada por Vera Fischer. Depois vieram o polêmico e bem-sucedido *Lamarca*, de 1994, e *Guerra de Canudos*, lançado também com bastante sucesso no ano passado.

"Quando fui chamado para dirigir *Mauá*", lembra Sérgio, "o primeiro nome em que pensei foi o do Paulo". O cineasta ressalta que o ator não é a única presença constante em seus sets de filmagem: Antônio Mendes Soares, diretor de fotografia de *Canudos* e *Mauá*, está a seu lado já há sete filmes, assim como boa parte da equipe técnica.

Paulo Betti, um dos atores mais ativos no cinema nacional, diz que seu relacionamento com o cineasta é baseado na confiança mútua. Entusiasmado com o novo filme – "uma produção que tem a mesma grandeza de *Canudos*" –, o ator planeja se dedicar cada vez menos à televisão e mais ao cinema. De preferência, ao lado do parceiro: "Gostaria de fazer todos os filmes de Sérgio Rezende". Pelo jeito, esse é um sonho fácil de realizar. ■

John Wayne
O Maior

Por *Suzana Uchôa Itiberê*

"Um filme com ele não precisa de muita coisa: só índios para ele matar, bandidos para ele esmurrar e uma mulher temperamental para ele dominar", disse certa vez um produtor. Reacionário e às vezes racista, ele enfurecia os críticos, que tentavam ferir seu sucesso dizendo que ele só sabia interpretar a si mesmo. Mas ele representou tão bem que ninguém descobriu o homem inseguro e carente que se escondia sob a máscara do durão – e que dizia que, como ator, só sabia vender a sinceridade: "Seja qual for o papel, sou sempre eu, John Wayne, passando por aquela experiência". E era de John Wayne, então, que o público gostava. Em 1995, dezesseis anos após sua morte, ele ainda era o favorito da América, à frente de Clint Eastwood e Mel Gibson. Prova de que ele era maior que seus filmes, seus diretores, suas convicções – e até do que a morte.

Logo cedo, seu pai lhe ensinou: "Se você entrar numa briga, entre para ganhar"

Quando John Wayne tinha cinco anos, ganhou um irmãozinho. Sua mãe, a irlandesa Molly, anunciou que o recém-nascido se chamaria Robert Emmett, em homenagem ao avô. Aquilo o deixou confuso. Afinal, ele era Marion Robert Morrison, e sabia que havia recebido o nome de ambos os avós – Marion Michael Morrison e Robert Emmet Brown. Seu apelido, inclusive, era Bobby. A surpresa maior, contudo, veio com a notícia de que passaria a se chamar Marion Michael Morrison. Dali em diante, o bebê é que seria Bobby. Não havia dúvida de que Molly tinha um preferido, e ela sempre fez questão de demonstrá-lo.

No futuro, a mãe do astro jamais se mostraria orgulhosa do filho. Nas visitas aos sets, chegava reclamando da viagem, do serviço de bordo e de tudo o que Wayne poderia ter feito, mas não fizera, para ela se sentir melhor. "A senhora não acha que deveria ser um pouco mais carinhosa com ele?", questionou a secretária do ator. "Eu não dou a mínima", retrucou Molly.

Quem o via com seu 1m93, o andar firme e a voz grave sentia-se na presença de um homem forte e decidido. "Não há nada em Hollywood que uma dúzia de John Waynes não possa curar", dizia um produtor. Para os críticos, não havia diferença entre o vaqueiro que cavalgava poeirentas estradas desertas e o jovem ator que perseguiu com a obstinação de um pioneiro sua chance no cinema – nem entre o mocinho implacável que destruía os inimigos e o sujeito que liderou uma cruzada contra seus adversários políticos.

Ele decerto possuía muitas das características dos tipos que personificou, mas não era *igual* a eles: John Wayne era, por definição, um personagem. Por trás daquele admirável pilar de vigor havia Marion Morrison, um sujeito que nunca superou a infância de rejeição, que buscava aceitação, exigia carinho e sofria de uma incontrolável insegurança. "Meu pai era muito temperamental", conta sua filha, Aissa. "Ele sempre perguntava se eu o amava de verdade." Aissa lembra que a postura invocada e os acessos de raiva de Wayne eram logo seguidos por sentidos pedidos de desculpas. Era um homem de extremos.

CHAPÉU NA CAMA, SINAL DE AZAR Supersticioso, ele tremia quando via um chapéu em cima da cama. Para o ex-garoto pobre, aquilo não era só um mau presságio – significava desemprego. Abrir o guarda-chuva dentro de casa, nem pensar. Quando jogava pôquer e uma carta caía virada para cima, fazia seu dono rodear a cadeira três vezes. Se lhe passassem o sal sem antes colocá-lo na mesa, reclamava que estavam lhe passando a má sorte.

Esses traços, porém, sempre permaneceram na obscuridade. O próprio ator tratou de consolidar a pinta de durão e de transformar seu nome em sinônimo de transparência, simplicidade e, acima de tudo, praticidade. Aquela carência toda não se encaixava com a figura do homenzarrão forte e determinado e, por isso, Marion Morrison decidiu assumir-se John Wayne.

Entre os amigos, sempre foi chamado de Duke. Ganhou o apelido aos nove anos, quando morava perto de Los Angeles. Para ajudar o pai, o farmacêutico escocês Clyde – em constantes dificuldades financeiras –, o pequeno Marion comprou uma bicicleta

OS FILMES DO mito americano

1930 The Big Trail
1931 Girls Demand Excitment
Three Girls Lost
Assim São os Homens (*Men Are Like That*)
Estância em Guerra (*Range Feud*)
Maker of Men
1932 O Cavaleiro do Texas (*Texas Cyclone*)
A Lei da Coragem (*Two-Fisted Law*)
Homem de Peso (*Lady and Gent*)
Pena de Talião (*Ride Him Cowboy*)
A Grande Estrada (*The Big Stampede*)
Ouro Mal-Assombrado (*Haunted Gold*)
1933 Na Trilha do Telégrafo (*The Telegraph Trail*)
Na Terra de Ninguém (*Somewhere in Sonora*)
His Private Secretary
Serpente de Luxo (*Baby Face*)
O Vale da Aventura (*The Man from Monterey*)
Na Pista do Traidor (*Riders of Destiny*)
Justiça Selvagem (*Sagebrush Trail*)
1934 Sorte de Verdade (*The Lucky Texan*)
Armando o Laço (*West of the Divide*)
A Lei do Gatilho/Coração de Aço (*Blue Steel*) Video
O Torneio da Morte (*The Man from Utah*)
A Ferro e Fogo (*Randy Rides Alone*)
Sombra de Sangue (*The Star Packer*)
Pra Lá da Estrada (*The Trail Beyond*)
Fronteiras Sem Lei (*The Lawless Frontier*)
Sob o Céu do Arizona (*'Neath Arizona Skies*)
1935 Texas Terror
Rainbow Valley
O Caminho do Deserto (*The Desert Trail*)
The Dawn Rider
O Vale do Paraíso (*Paradise Canyon*)
Da Derrota à Vitória (*Westward Ho*)
Terras Virgens (*The New Frontier*)
País Sem Lei (*The Lawless Range*)
1936 O Regime Sinistro (*The Oregon Trail*)
Ordem à Bala (*The Lawless Nineties*)
O Rei do Rio Pecos (*King of the Pecos*)
Limpando a Zona (*The Lonely Trail*)
Tenacidade (*Winds of the Wasteland*)
Sentinelas do Mar (*The Sea Spoilers*)
Conflito (*Conflict*)
1937 Pequeno Inferno (*California Straight Ahead*)
Em Plena Batalha (*I Cover the War*)
O Ídolo da Torcida (*Idol of the Crowds*)
Aventuras Marítimas (*Adventure's End*)
Trunfos na Mesa (*Born to the West*)
1938 Traições no Deserto (*Pals of the Saddle*)
Bandidos Encobertos (*Overland Stage Raiders*)
Forças e Facas (*Santa Fe Stampede*)
Ronda de Sangue (*Red River Range*)
1939 No Tempo das Diligências (*Stagecoach*) Video
Os Três Camaradas (*The Night Riders*)
Três Cavaleiros do Texas (*Three Texas Steers*)
Bandido Inocente (*Wyoming Outlaw*)
A Nova Fronteira (*New Frontier*)
O Primeiro Rebelde (*Allegheny Uprising*)

de segunda mão e foi entregar jornais. Em sua rota diária, era acompanhado pelo cão que batizara Pequeno Duke. Acostumados a ver o garoto passar com seu cachorro, os bombeiros locais começaram a chamá-los de Pequeno e Grande Duke. Com o tempo, o adjetivo desapareceu, e o apelido pegou para sempre.

Ele certamente preferia Duke a Marion, nome que lhe rendeu muitas desavenças na escola – os colegas o provocavam dizendo que, com aquele nome, ele deveria usar saias. Em uma das brigas, acabou de olho roxo. "Naquele dia, meu pai me ensinou uma lição", lembra. "Ele disse: se você entrar numa briga, entre para ganhar. Se alguém lhe atingir com um vaso, retruque com uma cadeira."

Apesar da aparência rude – "até dormindo John Wayne mantém o jeito de caubói", observou o diretor Henry Hathaway –, ele era educadíssimo, característica que dizia ter herdado de Clyde, a quem admirava profundamente. "Meu pai era a pessoa mais doce e paciente que conheci", elogiava. "O temperamento forte, porém, ganhei de minha mãe." Molly era o homem da casa. Ambiciosa e perfeccionista, ela não se conformava com o espírito pacato e sonhador do marido. Quando Wayne nasceu, em 26 de maio de 1907, a família vivia na pequena Winterset, em Iowa, mas a tuberculose de Clyde obrigou os Morrison a mudar-se para Palmdale, na Califórnia, onde o clima era melhor. A casa que os esperava no deserto de Mojave era uma calamidade. Não havia gás ou eletricidade nem água encanada – só ratos. A família suportou as péssimas condições por um ano, até Clyde conseguir emprego numa farmácia de Glendale.

Conflito

Divulgação

As brigas entre Molly e Clyde eram diárias. Wayne refugiava-se no cinema. "Perdi a conta de quantas vezes vi *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, com Rodolfo Valentino", conta. Nos anos 20, Duke descobriu seu talento para o futebol americano. Quando não estava treinando, ia beber com os amigos. Outro hábito era a leitura. Devorava livros de mistério de Agatha Christie, Rex Stout e Raymond Chandler. Seu maior fascínio, porém, residia nos escritos do premiê inglês Winston Churchill, que venerava. "Ele reergueu uma nação abatida. Devolveu-lhes a dignidade."

O jeito para o futebol chamou a atenção do técnico Howard Jones, que lhe ofereceu uma bolsa de estudos em Direito na Universidade de Southern California. Em casa, as coisas iam de mal a pior. Quando os pais anunciaram o divórcio, Wayne não se surpreendeu; sua reação foi se afastar de ambos. Durante as férias, preferia qualquer trabalho a voltar para casa. Howard Jones ajudou novamente. Ele sabia que o astro do faroeste Tom Mix adorava futebol, e fez-lhe a seguinte proposta: se Mix empregasse seus jogadores na Fox durante o verão, ele lhe arranjaria ingressos especiais. Negócio fechado.

A função de Wayne nada tinha a ver com atuar. Seu trabalho era levar cenários de um set para outro. Um dia, Duke deparou com Mix e aproveitou para agradecer o emprego. Mas o astro virou-lhe a cara, sem dizer uma palavra. "Havia muitos esnobes em Hollywood", ele dizia. "Jamais nego atenção aos fãs, por isso sempre carrego comigo fotos já autografadas."

SÓ UM ESPORTISTA Naquele verão, o jovem e promissor cineasta John Ford estava à procura de rapazes fortes para figurar em seus westerns. Wayne participou de alguns, mas para Ford ele não passava de um esportista. Certa vez, o diretor pegou uma bola e desafiou Duke a provar que →

O diretor John Ford adorava provocá-lo: "Quero uma expressão, seu hipopótamo. Você não tem nenhuma?"

John Wayne

sabia jogar: mandou-o tomar posição, mas aplicou-lhe um chute no traseiro e derrubou-o na lama. "E você se diz um jogador!", provocou. Wayne pediu outra chance. Dessa vez, quem acabou na lama foi Ford, para desespero dos técnicos, que antecipavam a fúria do cineasta. O diretor, porém, soltou uma sonora gargalhada e convidou Wayne para almoçar. O encontro marcaria o início da mais íntima e duradoura de todas as amizades do ator.

Nessa época, Duke machucou o ombro surfando. Impedido de jogar, perdeu a bolsa de estudos. Para poder pagar a universidade, pediu a John Ford que o empregasse em período integral. Nunca mais voltaria à faculdade. Duke continuou carregando cenários e fez bicos como dublê até Ford dar-lhe pequenos papéis em filmes como *Hangman's House* e *Minha Mãe*. "Ele não era fácil de dirigir e não aceitava ordens", observou Ford. "Mas logo notei que tinha algo de especial."

Quando soube que Gary Cooper não faria o próximo filme de Raoul Walsh, *A Grande Jornada*, Ford apresentou-lhe seu protegido. "Esse filho da mãe sabe andar como um homem!", exclamou Walsh. Wayne revelaria que, para criar aquele gingado singular, imaginava ter uma pêra entre as nádegas. Não demorou para que Walsh convencesse o diretor de produção, Winfield Sheehan, a contratar o novato. "Marion parece nome de fadinha. Um caubói precisa de algo mais másculo", criticou Sheehan. Walsh pensou em Antonhy Wayne, um herói de guerra, mas concluiu que era italiano demais. Alguém sugeriu John, e assim surgiu o nome que depois simbolizaria o americano ideal: dono do espírito indomável dos velhos pioneiros que edificaram o país, sempre ao lado do bem e contra o mal. Infelizmente, o mais caro faroeste produzido até aquela data foi um enorme fracasso. Mas Ford estimulou Wayne a não desistir e a aceitar todos os papéis que lhe oferecessem – só assim ganharia experiência.

"SEU OVO COZIDO!" O conselho foi aceito. De 1930 a 1939, Wayne apareceu em setenta filmes, a maioria westerns de segunda, além de uma série de curtas e média-metragens produzidos por estúdios menores. "Ele sabia fazer três grandes cenas e não encher o saco da platéia no resto do tempo", elogiava Howard Hawks, diretor de *Rio Vermelho*. Coube ao próprio Ford salvar o amigo de uma carreira desastrosa, ao escalá-lo para protagonizar *No Tempo das Diligências*, uma obra-prima que deu vida nova ao western. Duke virou estrela da noite para o dia.

"Ford foi um pai para mim. Se não fosse por ele, eu ainda estaria fazendo faroestes de terceira", disse. O diretor, porém, era do tipo que raramente demonstrava entusiasmo por atores. "Você parece um ovo cozido, seu hipopótamo. Eu quero uma expressão. Você não tem nenhuma?", gritava no set de *No Tempo das Diligências*. "Eu sentia vontade de trucidá-lo", admite Wayne. "Mas sabia que o objetivo das provocações era arrancar minha melhor performance." A parceria com Ford renderia alguns

OS FILMES DO mito americano

1940 Comando Negro (*The Dark Command*) video
Fugitivos do Terror (*Three Faces West*) video
A Longa Viagem de Volta (*The Long Voyage Home*)
A Pecadora (*Seven Sinners*)
1941 O Traído (*A Man Betrayed*) video
O Carnaval da Vida/A Dama de Louisiana (*Lady from Louisiana*) video
O Morro dos Maus Espíritos (*The Shepherd of the Hills*)
1942 Dama por uma Noite (*Lady for a Night*) video
Vendaval de Paixões (*Reap the Wild Wind*)
A Indomável (*The Spoilers*)
O Caminho Fatal (*In Old California*)
Tigres Voadores/A Esquadrilha Mortal (*Flying Tigers*) video
Uma Aventura em Paris (*Reunion in France*)
Ódio e Paixão (*Pittsburgh*)
1943 Arrisca-te, Mulher (*A Lady Takes a Chance*)
Quando a Mulher se Atreve (*In Old Oklahoma*) video
1944 Romance dos Sete Mares (*The Fighting Seabees*) video
Adorável Inimiga (*Tall in the Saddle*)
1945 Um Dia Voltarei (*Flame of the Barbary Coast*) video
Espírito Indomável (*Back to Bataan*)
Fomos os Sacrificados (*They Were Expendable*)
Dakota (*Idem*)
1946 Romance e Fantasia (*Without Reservations*)
1947 Regenerado pelo Amor/O Anjo e o Bandido (*Angel and the Badman*, também produtor) video
Inferno nos Trópicos (*Tycoon*)
1948 Fort Apache – Sangue de Herói (*Fort Apache*)
Rio Vermelho (*Red River*) video
No Rastro da Bruxa Vermelha (*Wake of the Red Witch*) video
1949 O Céu Mandou Alguém (*Three Godfathers*)
Estranha Caravana/O Lutador de Kentucky (*The Fighting Kentuckian*, também produtor) video
Legião Invencível (*She Wore a Yellow Ribbon*) video
1950 O Portal da Glória/As Areias de Iwo Jima (*Sands of Iwo Jima*) video
Rio Bravo/Rio Grande (*Rio Grande*) video
1951 Águas Traiçoeiras (*Operation Pacific*)
Horizonte de Glórias (*Flying Leathernecks*)
1952 Depois do Vendaval (*The Quiet Man*) video
Aventura Perigosa (*Big Jim McLain*, também co-produtor)
1953 Atalhos do Destino (*Trouble Along the Way*)
Geleiras do Inferno (*Island in the Sky*, também co-produtor)
Hondo – Caminhos Ásperos (*Hondo*, também co-produtor) video
1954 Um Fio de Esperança (*The High and the Mighty*, também co-produtor)
1955 Mares Violentos (*The Sea Chase*)
Rota Sangrenta (*Blood Alley*, também co-produtor)
1956 Sangue de Bárbaros (*The Conqueror*)
Rastros de Ódio (*The Searchers*) video

dos momentos mais geniais do cinema, como *Sangue de Herói*, *Rio Bravo* e *O Homem que Matou o Facínora*.

Uma das grandes lições que Duke aprendeu com Ford foi trabalhar em equipe. Quando abriu sua própria produtora, a Batjac, sempre manteve a mesma turma de técnicos e artistas. O maior projeto da companhia foi *O Álamo*, a história da fortaleza do Texas defendida por um pequeno contingente de americanos e arrasada pelas tropas mexicanas. O projeto de recontar a histórica batalha era a maior ambição de Wayne, que via no filme uma forma de externar seu patriotismo. Queria controlar todos os detalhes e assumiu a produção e a direção. Tirou dez milhões de dólares do bolso para bancar a epopéia – mas amargou um grande prejuízo nas bilheterias.

"Meu pai acordava sempre às cinco e meia da manhã, ansioso por mais um dia", conta Aissa. "Ele dizia que precisava trabalhar porque o dinheiro estava acabando." Duke tinha memórias infelizes da infância e morria de medo da pobreza. Para a filha, porém, essa era uma desculpa furada para o pouco tempo passado com a família. Ele preferia beber com os amigos ou pescar a bordo do Wild Goose, um caça-minas da Segunda Guerra que transformara em um confortável iate.

O cinema fez dele um homem rico. Além da mansão de onze quartos em Newport Beach, Califórnia, possuía um carro especial para seu tamanho, um iate, uma criação de cavalos e uma plantação de algodão, além de milhares de hectares de terras irrigadas no Arizona. Apesar da realização financeira, enfrentou sérias dificuldades na vida familiar.

Hondo – Caminhos Ásperos

Wayne era conservador. Acreditava no patriarcado, não admitia romances fora do casamento (embora não seguisse a regra à risca) e via nas mulheres apenas um complemento do homem. Também nunca negou sua preferência pelos tipos latinos – "São menos teimosas". Mas, ao contrário da imagem pouco sensível que encarnava no cinema, era um romântico incorrigível. Bastava se apaixonar e já anunciava o casamento. A primeira esposa foi Josephine Saenz, filha de imigrantes espanhóis, rica e religiosíssima. Exceto pela beleza física, os dois eram opostos. Aissa conta que seu pai, na juventude, era conhecido pelo sangue quente e pelo apetite sexual insaciável; Josie era reservada e puritana. Mesmo assim, casaram-se, tiveram quatro filhos e ficaram juntos por dez anos.

"É MUITO CEDO, QUERIDO"

Josie suportou o caso do marido com Marlene Dietrich, que parece ter encarnado para valer sua personagem em *A Pecadora*. Ao fim do primeiro dia de filmagens, Dietrich chamou Duke a seu camarin. Trancou a porta e perguntou-lhe que horas eram. Antes de ele olhar o pulso, a estrela levantou a saia e revelou um relógio preso em sua cinta-liga. Ela própria respondeu: "É muito cedo, querido". "Fiz o que qualquer outro homem teria feito naquelas circunstâncias", disse ele.

A preferência por mulheres passivas pôs fim ao namoro com Dietrich, assim como ao caso com Gail Russell, sua parceira em *O Rastro da Bruxa Vermelha*. Nessa época, Wayne estava casado com Esperanza Bauer. Conhecida como Chata, ela era uma caríssima garota de programa que conhecera no México. Quando soube a verdade sobre a moça, Duke já estava apaixonado. Além de não ter largado a profissão, ela levou a mãe na bagagem para a Califórnia. →

Aos 67 anos, topou participar de um debate em Harvar montado num tanque de guerra, mas ganhou a simpati

Chata também deixava Wayne no chinelo quando se tratava de bebida. Duke, que sempre sonhou formar uma família feliz, investiu na relação por sete anos, mas na hora do divórcio acabou no tribunal, acusado de infidelidade e agressão física. Um dia, quando Chata descrevia ao juiz como apanhava do marido, foi interrompida por uma fã do ator: "Eu não me importo, sr. Wayne, pode bater em mim quando quiser", gritou a moça. Chata morreu logo depois, vítima de uma de suas crises de bebedeira.

Duke ainda estava casado com ela quando, em 1952, veio à América do Sul à procura de locações para *O Álamo*. No Peru, conheceu a jovem Pilar Palette, uma morena belíssima – e casada. A atração foi imediata e mútua. Foi a relação mais duradoura da vida de Wayne: dezoito anos. Tiveram três filhos, Aissa entre eles. Pilar, porém, não agüentou a falta de atenção. "Ele nunca mostrou seus sentimentos", reclamava. "Duke só pedia, mas não dava em troca." Em 1973, ela o deixou. Wayne, contudo, não ficou sozinho. Sua secretária, Pat Stacy, cuidou do carente grandalhão.

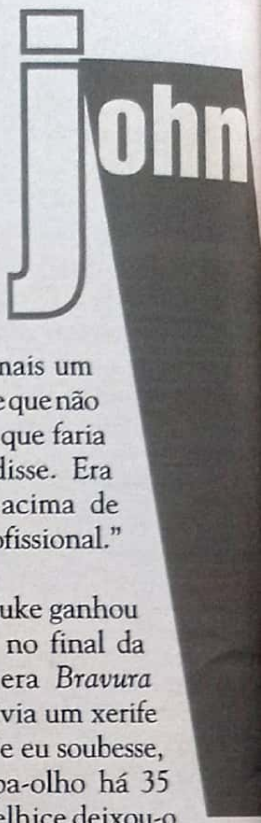
FAZENDO INIMIGOS Além de ter fama de machista, Duke era acusado de reacionário e racista. "Acredito na supremacia branca até que os negros se eduquem para atingir a responsabilidade", disse em uma polêmica entrevista à *Playboy*. Uma coisa era verdade: ele não tinha papas na língua. Foi defensor ardoroso de valores como heroísmo, patriotismo, lealdade e franqueza. "Não posso pedir a uma orquestra que toque minha música preferida porque todos teriam de ficar de pé", disse, referindo-se ao hino americano. Republicano feroz, admitia tudo em defesa da pátria. Com alguns atores que compartilhavam de suas crenças, fundou uma "aliança para a preservação dos ideais americanos" e decretou guerra aos liberais do cinema. Ele garante, no entanto, que nunca dedou os colegas na caça às bruxas liderada pelo senador Joseph McCarthy nos anos 50.

Quando lançou *Os Boinas Verdes*, a favor da Guerra do Vietnã, os opositores ficaram irados. O senador Benjamin Rosenthal foi ao Congresso dizer que o filme era uma "arma pérfida do Pentágono para apresentar uma visão positiva do combate que trucidava milhares de americanos". No fim, a malhação dos críticos funcionou como publicidade gratuita, e o público lotou os cinemas para ver o que Wayne tinha a dizer. O próprio astro, porém, nunca foi à guerra. Quando jovem, tentou entrar na Marinha, mas foi rejeitado. Durante a Segunda Guerra, foi liberado por ter quatro filhos.

O mais curioso é que a popularidade de Duke permaneceu intacta. Com cerca de 180 filmes no currículo, ele liderou inúmeras vezes as listas dos favoritos do público, e muitos de seus rivais reconheceram que ele era único. Como Jean-Luc Godard, o revolucionário do cinema dos anos 60, que num texto para a *Cahiers du Cinema* perguntava-se: como deixar de odiá-lo, quando ele se revela um dos pilares do que existe de mais conservador e detestável no Partido Republicano? E como deixar de amá-lo, quando ele abre seus braços para receber a jovem Natalie Wood no emocionante desfecho de *Rastros de Ódio*?

Em 1974, aos 67 anos, ele aceitou o desafio de participar de um encontro com os radicais da Universidade de Harvard. Compareceu montado em um tanque de guerra, pronto para defender suas posições. Com seu robusto senso de humor, acabou ganhando a simpatia dos estudantes – que, vestidos de índios, gritavam: "Renda-se, você está cercado!".

"Eu estava pronto para não gostar dele", conta Mark Rydell, diretor de um de seus últimos filmes, *Os Cowboys*. "Mas aprendi muita coisa." Embora fosse um astro, Wayne logo avisou a Rydell que deveria ser tratado apenas como mais um empregado. "Ele disse que não era dono do filme e que faria tudo o que eu pedisse. Era muito humilde e, acima de tudo, um grande profissional."



"LIQUIDEI-O!" Duke ganhou um único Oscar, e no final da carreira. O filme era *Bravura Indômita*, no qual vivia um xerife bêbado e caolho. "Se eu soubesse, teria adotado o tapa-olho há 35 anos", brincou. A velhice deixou-o enrugado, pesado e com uma calva mal camuflada por uma peruca fora de moda – "Não tenho vergonha da minha careca, mas não vejo por que obrigar as pessoas a vê-la", dizia. Ainda assim, nem cogitava sair de cena. "A única coisa que sei fazer é trabalhar. A aposentadoria vai me matar", dizia. "É possível que não se interessem mais pelos serviços deste cavalo velho e o larguem no pasto, mais trabalharei até isso acontecer."

A saúde, porém, encurtou seus planos. "Mesmo depois da primeira operação, meu pai vivia de cigarro na mão", conta Aissa. Os cinco maços, sem filtro, que fumava diariamente deixaram uma sombra do tamanho de uma bola de golfe no pulmão do ator. Em 1964, ele perdeu o pulmão esquerdo, mas recuperou-se logo. Em poucas semanas, estava no set de *Os Filhos de Katie Elder*, ao lado do amigo Dean Martin. "Liquidei-o. Comigo não há câncer que agüente. Para o inferno com o Big C!", exclamava.

d. Chegou
a dos estudantes

Wayne

Divulgação

Em 1978, teve uma válvula do coração substituída por uma de porco. O problema estava afetando sua voz. "Agora posso falar normalmente – e também andar por aí grunhindo", brincou. Pouco depois, os médicos removeram parte de seu estômago, onde localizaram um tumor maligno. O Big C estava de volta, e agora era para valer. Em maio de 1979, o câncer já estava espalhado. Ele perdeu o intestino delgado e não deixou mais o hospital. Wayne era protestante, mas no leito de morte converteu-se ao catolicismo. Queria ser cremado e jogado no mar.

"John Wayne, Americano" foi a medalha que recebeu do Congresso. No seu túmulo, porém, queria apenas uma inscrição em espanhol – *Feo, Fuerte y Formal*, que traduzia dizendo "feio, forte e cheio de dignidade". A luta terminou no dia 11 de junho de 1979. A vitória foi do inimigo, que, durante quinze anos, ele domara com os remédios e a própria vontade. Duke tinha 72 anos.

Em seus últimos filmes, ele parecia debochar da própria decadência física. Em *El Dorado*, termina de muletas. Em seu derradeiro trabalho, *O Último Pistoleiro*, faz um velho herói vítima de câncer, que prefere morrer a tiros do que no hospital. O mais significativo de todos eles, porém, é *Os Cowboys*, no qual, ciente da proximidade da morte, transmite seu conhecimento a um grupo de pupilos, para que possam substituí-lo nas pradarias do Oeste. Era só um filme: do lado de cá da tela, John Wayne continua insubstituível. ■

OS FILMES DO mito americano

1957 Asas de Águia (*The Wings of Eagles*)
Estradas do Inferno (*Jet Pilot*)
A Lenda dos Desaparecidos (*Legend of the Lost*, também co-produtor)
1958 A Vênus de Carne (*I Married a Woman*, ponta)
O Bárbaro e a Gueixa (*The Barbarian and the Geisha*)
1959 Onde Começa o Inferno (*Rio Bravo*) video
Marcha de Heróis (*The Horse Soldiers*) video
1960 O Álamo (*The Alamo*, também diretor e produtor) video
Fúria no Alasca (*North to Alaska*)
1961 Os Comancheros (*The Comancheros*) video
1962 O Homem que Matou o Facínora (*The Man Who Shot Liberty Valance*) video
Hatari! (*Idem*) video
O Mais Longo dos Dias (*The Longest Day*)
A Conquista do Oeste (*How the West Was Won*) video
1963 O Aventureiro do Pacífico (*Donovan's Reef*)
McLintock – Quando um Homem É um Homem (*McLintock!*, também co-produtor) video
1964 O Mundo do Circo (*Circus World*) video
1965 A Maior História de Todos os Tempos (*The Greatest Story Ever Told*, ponta) video
Primeira Vitória (*In Harm's Way*)
Os Filhos de Katie Elder (*The Sons of Katie Elder*) video
1966 A Sombra de um Gigante (*Cast a Giant Shadow*, ponta, também co-produtor)
1967 Gigantes em Luta (*The War Wagon*, também co-produtor) video
El Dorado (*Idem*) video
1968 Os Boinas Verdes (*The Green Berets*, também co-diretor e co-produtor) video
1969 Heróis do Inferno (*Hellfighters*)
Bravura Indômita (*True Grit*) video
Jamais Foram Vencidos (*The Undefeated*) video
1970 Chisum – Uma Lenda Americana (*Chisum*) video
Rio Lobo (*Idem*) video
1971 Jake, O Grandão/O Grande Jake (*Big Jake*, também co-produtor) video
1972 Os Cowboys (*The Cowboys*)
Cancel My Reservation (ponta)
1973 Os Chacais do Oeste (*The Train Robbers*, também co-produtor)
Cahill – O Xerife do Oeste (*Cahill – U.S. Marshal*, também co-produtor) video
1974 McQ – Um Detetive Acima da Lei (*McQ*) video
1975 A Morte Segue Seus Passos (*Brannigan*)
Justiceiro Implacável (*Rooster Cogburn*) video
1976 O Último Pistoleiro (*The Shootist*) video

Bravura Indômita

CIC

10 COISAS QUE NÃO PODEM FALTAR EM UM FILME DE AÇÃO

O segredo do sucesso está na mistura, mas estes são os ingredientes que têm de estar na receita de qualquer roteirista

1 UM COMEÇO ACELERADO O espectador deve ficar estarrecido desde o primeiro minuto. Uma fuga fenomenal ou uma explosão sem precedentes podem ser decisivas para o desenlace da trama. Mas também não faz mal se a cena inicial nada tiver a ver com o resto, como nas séries *007* e *Máquina Mortífera*.

2 SOM DE ÚLTIMA GERAÇÃO Requisito básico para que as cenas de ação não façam feio é o dolby digital: só ele permite ouvir com nitidez os tiros cruzando a tela, o monstro armando o bote no fundo da sala ou a ponta de uma caneta rasgando uma folha de papel.

3 UM VILÃO MALVADO É preciso definir logo quem é do bem e quem é do mal. O vilão pode ser exagerado e maniqueísta, mas tem de ter carisma e encher a tela, como o Coringa de *Batman*.

4 UM PARCEIRO FIEL O herói costuma ter um parceiro, que em casos extremos pode ser um alienígena (*Missão Alien*) ou um animal (*K9*). Para efeito cômico, é imprescindível que a dupla tenha um choque de personalidade. Já o mocinho que prefere agir por conta própria provavelmente pertence à categoria dos solitários traumatizados.

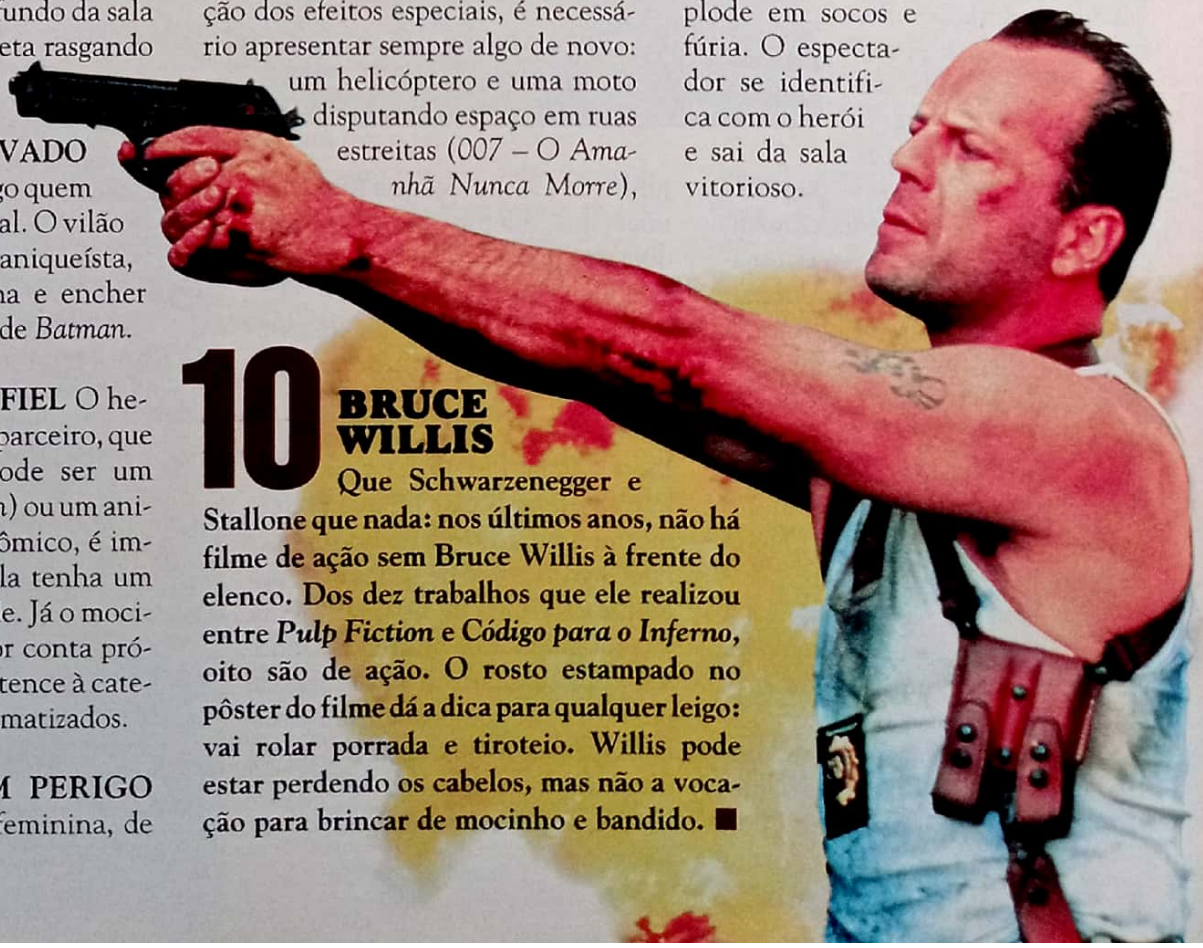
5 MULHERES EM PERIGO Uma personagem feminina, de preferência bonita, é sempre bem-vinda. Ela pode ser a mulher do herói, que o aguarda carente em casa (Jamie Lee Curtis em *True Lies*), uma bela jovem que se envolve sem querer no caos (Téa Leoni em *Bad Boys*) ou uma parceira na resolução da trama (Rene Russo em *Máquina Mortífera 3* e *4*). Onde há adrenalina pode haver também testosterona.

6 UMA PERSEGUIÇÃO ALUCINANTE A grande perseguição é um dos momentos mais aguardados. Com a rápida evolução dos efeitos especiais, é necessário apresentar sempre algo de novo: um helicóptero e uma moto disputando espaço em ruas estreitas (*007 – O Amanhã Nunca Morre*), duas lanchas em altíssima velocidade (*A Outra Face*) ou seres humanos fugindo de aliens debaixo d'água (*Alien – A Ressurreição*).

7 ARMAS DE TODOS OS CALIBRES O que é um justiceiro sem uma arma? Vale tudo: uma clássica Magnum 44, arco e flecha, a força do raciocínio, taco de beisebol, telepatia, artilharia futurista, sabres de luz – o que importa é eliminar o inimigo com categoria e astúcia.

8 SANGUE E SUOR Vão longe os tempos em que o mocinho nunca perdia o chapéu e quase não amarrotava a roupa: para ser um herói contemporâneo, é preciso suar, rasgar a roupa, ficar bem sujo, ganhar umas boas esfoladuras e até sangrar – pelo menos um pouco.

9 UM FINAL TRIUNFANTE Desafio para qualquer roteirista, o clímax deve fechar o filme com chave de ouro. O confronto entre os dois lados da lei geralmente se dá no corpo-a-corpo, quando o ódio acumulado explode em socos e fúria. O espectador se identifica com o herói e sai da sala vitorioso.

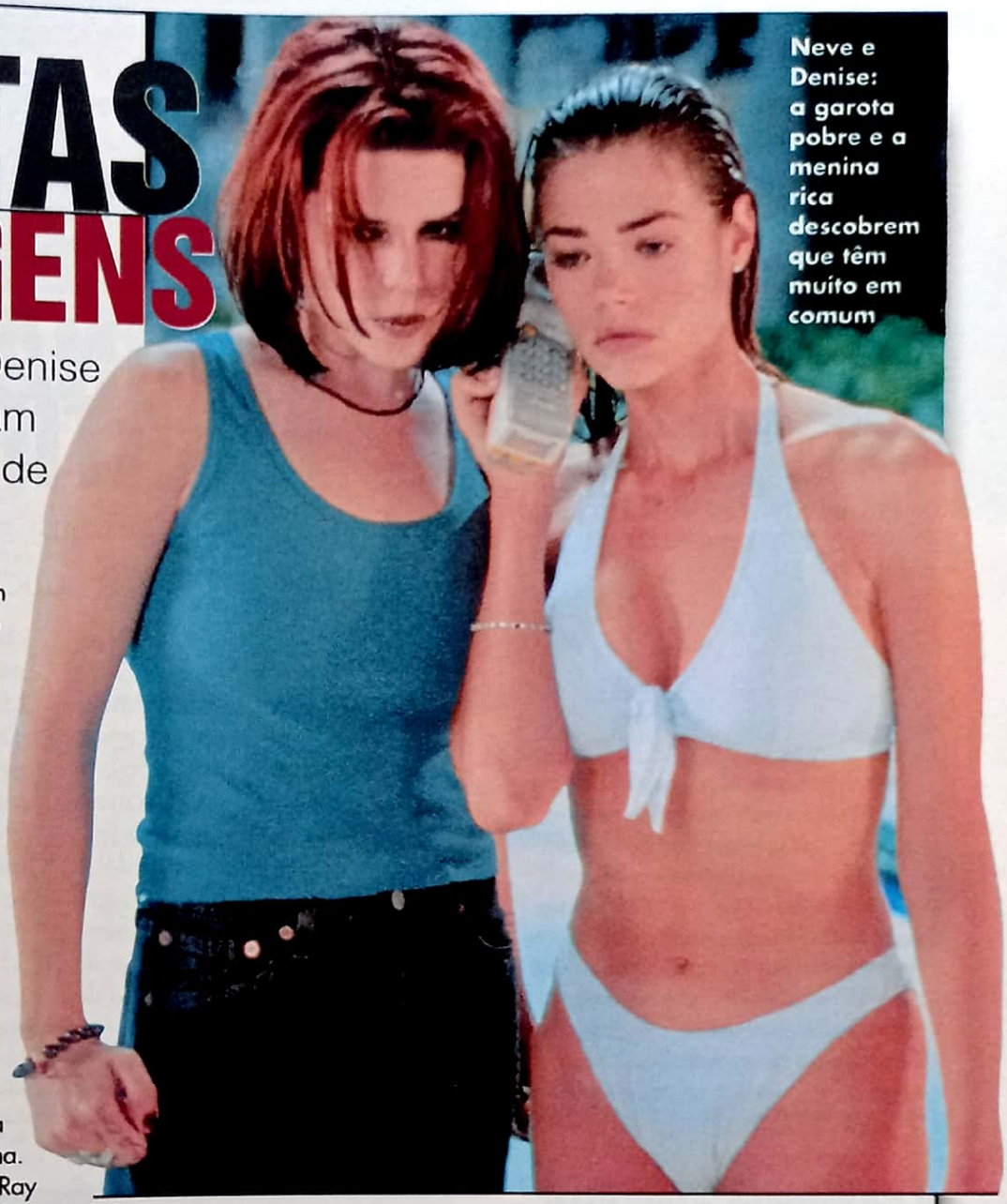


10 BRUCE WILLIS **Que Schwarzenegger e Stallone que nada: nos últimos anos, não há filme de ação sem Bruce Willis à frente do elenco. Dos dez trabalhos que ele realizou entre *Pulp Fiction* e *Código para o Inferno*, oito são de ação. O rosto estampado no pôster do filme dá a dica para qualquer leigo: vai rolar porrada e tiroteio. Willis pode estar perdendo os cabelos, mas não a vocação para brincar de mocinho e bandido.** ■

SET RECOMENDA

GAROTAS SELVAGENS

Neve Campbell e Denise Richards encabeçam esta trama sensual de suspense e traição



Neve e Denise: a garota pobre e a menina rica descobrem que têm muito em comum

Nada é o que parece ser em *Garotas Selvagens*, o novo filme do diretor John McNaughton – que a princípio parece uma minissérie de televisão, mas logo se torna um thriller envolvente e sensual. Sam Lombardo (Matt Dillon) ensina iatismo em uma cidadezinha da costa da Flórida. Apesar de suas alunas se jogarem em seus braços, ele parece ser um homem de princípios – até que é acusado de ter estuprado Kelly Van Ryan (Denise Richards), filha de uma ricaça local. Para piorar a situação, a acusação é repetida por Suzie Toller (Neve Campbell), uma caipira revoltada que passa os dias fumando maconha. A quarta peça nesse cenário é Ray Duquette (Kevin Bacon), um policial desconfiado de que existe muita sujeira por trás do caso.

Daí em diante, *Garotas Selvagens* evolui para um coquetel de assassinato, intriga e muito sexo – incluindo um par de cenas *calientes* entre Campbell e Richards – que o torna sério candidato a filme mais sensual do ano. Mesmo assim, não é uma produção pesada, daquelas que maltratam a platéia com um punhado de cenas gratuitas. Muito pelo contrário: demonstrando um insuspeito senso de humor, o diretor McNaughton (responsável pelo violentíssimo *Henry – Retrato de um Assassino*) conduz *Garotas Selvagens* com sarcasmo e ironia, criando uma atmosfera sacana que prende o público.

Matt Dillon está perfeito no papel do bonitão feito de vítima, bem como a gracinha Denise Richards (de *Tropas Estelares*), que mostra ser algo mais que uma Barbie em tamanho natural. Mas as grandes surpresas são Neve Campbell, aqui fazendo um papel de bagaceira distante anos-luz da boazinha Sidney de *Pânico*; e Bill Murray, hilariante como um advogado sem o mínimo escrúpulo. Com um elenco afiado e uma história deliciosamente ambígua, o jeito é se entregar ao prazer proibido que é *Garotas Selvagens*.

Dillon: um cara sério (será?) que entra numa fria

Fotos: Columbia TriStar

(Wild Things, EUA, 1998) ***Direção****: John McNaughton.* ***Com*** *Kevin Bacon, Matt Dillon, Neve Campbell, Denise Richards, Theresa Russell, Robert Wagner, Bill Murray. 107 min.*

WILD MAN BLUES

Para matar a curiosidade sobre a outra face do cineasta Woody Allen, a de clarinetista, marido e irmão, é só assistir a este perspicaz documentário de Barbara Kopple. A diretora seguiu Allen em sua turnê européia por sete países, nos quais se apresentou com seu grupo de jazz estilo Nova Orleans. Acompanhado da mulher, Soon-Yi Previn, e da irmã Letty Aronson, o também ator revela ser um osso duro de roer.

(EUA, 1998) ***Direção****: Barbara Kopple. 104 min.*

DE CASO COM O ACASO

Playarte

Gwyneth e Hannah: vida paralela

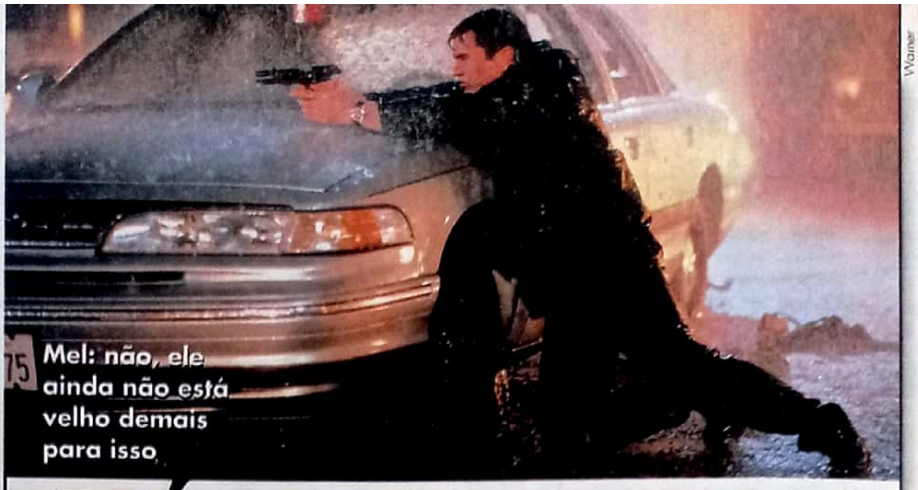
Helen acaba de ser despedida e ruma para a estação de metrô, onde perde o trem; mas, por um capricho do diretor, há um "desvio" do destino e a mesma Helen pega aquele trem, o que a leva a iniciar uma vida completamente diferente. Brincando com as trilhas antagônicas de Helen "A" e Helen "B", este romance conta com boas atuações, uma história diferente e um clima simpático.

(Sliding Doors, EUA/Inglaterra, 1998) ***Direção****: Peter Howitt.* ***Com*** *Gwyneth Paltrow, John Hannah, John Lynch. 98 min.*

O PRINCIPAL SUSPEITO

Para pagar seus estudos, Ewan McGregor aceita o emprego de vigia noturno em um necrotério. Depois de uma sucessão de mortes que indicam que há um assassino serial em ação, ele se torna o principal suspeito. Refilmagem do ótimo thriller dinamarquês *Perigo na Noite*, do mesmo Ole Bornedal, o longa provoca arrepios em quem não assistiu ao original.

(Nightwatch, EUA, 1998) ***Direção****: Ole Bornedal.* ***Com*** *Ewan McGregor, Patricia Arquette, Nick Nolte. 105 min.*



Warner

Mel: não, ele ainda não está velho demais para isso

MÁQUINA MORTÍFERA 4

A equipe da série volta a se reunir para combater a máfia asiática em Los Angeles

Mel Gibson disse para quem quisesse ouvir que não estava interessado em fazer outra continuação de uma das mais lucrativas séries do cinema. Mas como é o dinheiro quem dá as cartas em Hollywood, um salário que pode chegar a 40 milhões de dólares o fez mudar de idéia: o astro lidera o elenco de *Máquina Mortífera 4*, novamente ao lado de Danny Glover e com direção de Richard Donner.

No novo filme, os policiais Riggs (Gibson) e Murtaugh (Glover) têm de combater a máfia asiática – aqui liderada pelo astro do cinema chinês Jet Li, que faz sua estréia norte-americana. A gestação de *Máquina 4* foi supersônica: o filme começou a ser rodado em janeiro para estar pronto em 10 de julho – seu lançamento nos Estados Unidos. Quando as câmeras começaram a rodar, o roteiro ainda estava sendo escrito. Para bancar a brincadeira, a Warner colocou quase 150 milhões de dólares na produção – uma aposta arriscada, já que o charme da série parece ter ficado lá atrás, no comecinho da década.

(Lethal Weapon 4, EUA, 1998) ***Direção****: Richard Donner.* ***Com*** *Mel Gibson, Danny Glover, Joe Pesci, Rene Russo, Chris Rock, Jet Li.*

MENINO MALUQUINHO 2 - A AVENTURA

O garoto Samuel Costa está de volta como o personagem criado pelo cartunista Ziraldo. Desta vez, Maluquinho e seus amigos encontram uma figura mística do folclore brasileiro – o Tatá-Mirim – e armam a maior confusão numa cidade do interior de Minas Gerais. Aventura leve e ingênua, que deve agradar em cheio à criançada.

(Brasil, 1998) ***Direção****: Fernando Meirelles e Fabrizia Pinto.* ***Com*** *Samuel Costa, Stênio Garcia, Marta Overback.*

Rio Filme

Samuel: às voltas com o folclore

Mel Gibson jurou que não faria mais um Máquina Mortífera, mas cedeu diante do cachê monumental

Fábio Barreto tenta repetir o sucesso de *O Qu4trilho* com a beleza dos atores e das paisagens de **Bela Donna**

A EXPERIÊNCIA 2

A ficção científica *A Experiência*, de 1995, ganha sua inevitável continuação. Desta vez, a criatura interpretada por Natasha Henstridge ajuda uma equipe de cientistas a capturar um astronauta contaminado por um vírus alienígena. Mais sangrenta do que o original, esta seqüência afunda em um roteiro fraco que não deve atrair nem os fãs do gênero.

(Species 2, EUA, 1998) ***Direção****: Peter Medak.* ***Com*** *Natasha Henstridge, Michael Madsen, Justin Lizard.*

FUGINDO DO PASSADO

Paul e Susan: confusão

Paul Newman é Harry Ross, um detetive que trabalha para um astro de Hollywood em decadência, ameaçado por uma chantagista. Durante a investigação, Ross se apaixona pela mulher do amigo e descobre a podridão por trás do glamour de Los Angeles. Apesar dos personagens interessantes e bem desenvolvidos, o filme não decola por causa do roteiro confuso.

(Twilight, EUA, 1998) ***Direção****: Robert Benton.* ***Com*** *Paul Newman, Susan Sarandon, Gene Hackman, James Garner. 96 min.*

GET RECOMENDA O OURO DE ULYSSES

O apicultor Ulysses é um homem solitário, sufocado em seu passado. Sua vida muda completamente quando seu filho é mandado para a prisão e ele é obrigado a cuidar das netas. O filme de Victor Nunez é de uma delicadeza impressionante e, se peca pela falta de ritmo em alguns momentos, é absolvido pelo brilhante trabalho de Peter Fonda como o protagonista.

(Ulee's Gold, EUA, 1997) ***Direção****: Victor Nunez.* ***Com*** *Peter Fonda, Patricia Richardson, Christine Dunford, Tom Wood, Jessica Bell, Vanessa Zima. 111 min.*

POR UMA VIDA MENOS ORDINÁRIA

O diretor Danny Boyle, de *Trainspotting*, decepciona em seu novo filme, que mostra Ewan McGregor como um sujeito que, ao ser demitido, rapta a filha do patrão (Cameron Diaz). Os dois se apaixonam e são ajudados pelos anjos Holly Hunter e Delroy Lindo. Boyle reuniu um time de primeira, mas o resultado ficou aquém do talento dos envolvidos.

(A Life Less Ordinary, EUA, 1997) ***Direção****: Danny Boyle.* ***Com*** *Ewan McGregor, Cameron Diaz, Delroy Lindo, Holly Hunter. 103 min.*

Ewan e Cameron: rapto e amor

BELA DONNA

Eduardo Moscovis e a canadense Natasha Henstridge vivem um romance no Ceará

O novo filme de Fábio Barreto dificilmente repetirá o sucesso que foi *O Qu4trilho*. Apoiado numa produção de Primeiro Mundo, o cineasta esbarrou num roteiro sem imaginação e deixou às deslumbrantes paisagens do litoral cearense a tarefa de conduzir a história. *Bela Donna*, uma adaptação livre do romance *Riacho Doce*, de José Lins do Rego, mostra um casal de estrangeiros que se muda para uma inóspita praia cearense. O marido, Frank (Andrew McCarthy), foi contratado por um empresário para encontrar petróleo. Mas sua mulher, a inquieta e solitária Donna (Natasha Henstridge, de *A Experiência*) se apaixona pelo pescador Nô (Eduardo Moscovis).

Esse fiapo de roteiro é amarrado por tórridas cenas de amor entre o casal de protagonistas – que incluem ângulos de Moscovis nunca mostrados pelas novelas da Globo. O filme é belíssimo, com uma fotografia primorosa, mas se torna cansativo pelo roteiro insípido. Do jeito que está, *Bela Donna* mais parece um ótimo filme institucional do estado do Ceará.

(Brasil/EUA, 1998) ***Direção****: Fábio Barreto.* ***Com*** *Natasha Henstridge, Eduardo Moscovis, Andrew McCarthy, Florinda Bolkan, Sophie Ward, Ângelo Antônio.*

Rio Filme

Natasha e Moscovis: ângulos que a TV não mostra

O MUNDO É REDONDO COMO UM PRATO

Alguns atores são excelentes pilotos de fogão, outros precisam cuidar sempre da silhueta. Mas a gula é o delicioso pecado de todos

Sophia hoje tem dinheiro para comer o que quiser, mas se contém. Já Brando acumula muitos quilos a mais

PlayArte LFI

A preocupação com a aparência física é uma constante na vida dos atores. Marlon Brando, porém, é uma assustadora exceção. Em meu livro de memórias, *Hollywood Nua e Crua*, relembro um almoço com Brando, no qual o vi comer quatro porções de torta de maçã com sorvete logo depois de ingerir um enorme filé mignon com batatas fritas, creme de espinafre, pãezinhos com manteiga e patê e dois grandes copos de suco de abacaxi.

Embora igualmente gulosos, alguns colegas seus fazem dieta para não se transformar em aberrações. Com sangue italiano correndo nas veias, John Travolta e Sophia Loren orgulham-se de ser excelentes cozinheiros, mas só pilotam o fogão uma vez por mês. Na autobiografia que publicou há alguns anos, Sophia comenta uma grande ironia: "Quando criança, durante a guerra, passei fome e sonhava com o dia em que tivesse uma mesa farta. Agora que tenho dinheiro suficiente para comprar os melhores bombons do mundo, não posso comê-los por medo de engordar".

Elizabeth Taylor integra o time dos exagerados, mas hoje ela se interna em spas toda vez que sente o fantasma da obesidade se aproximando. Duas das maiores paixões de Liz são a cerveja preta e o chili com carne. Quando ela está trabalhando fora de Hollywood, o restaurante Chasen's lhe envia por avião seus pratos favoritos. Os mexicanos chegaram a ficar ofendidos: mesmo sendo o México a terra do chili, Liz importou seu prato predileto quando acompanhou o marido Richard Burton à cidade mexicana de Puerto Vallarta, durante as filmagens de *A Noite do Iguana*.

Apesar de comer frugalmente, Marlene Dietrich era a melhor *chef* de Hollywood. Sempre que queria conquistar um homem (ou uma mulher), a elegante estrela punha o avental e ia para a cozinha. Suas receitas foram copiadas até por restaurantes de Paris. Ela se orgulhava em especial das alcachofras recheadas com bacon que mandava para o amante Yul Brynner, que as devorava nos intervalos da peça *O Rei e Eu*.

Mas nem todos cozinhavam por prazer. Antes de conquistar um lugar ao sol, alguns atores penaram nas lides de forno e fogão. Ainda adolescente, Madonna fritava *donuts* em uma lanchonete do Brooklyn. Até hoje, ela não suporta o cheiro das deliciosas rosquinhas. O comediante Bill Murray foi pizzaiolo em Chicago, mas não ficou enjoado. Seus filhos ainda o consideram o melhor do mundo. "E nem sou italiano", gaba-se Bill.

Já Warren Beatty, um ex-solteirão renitente, deve mesmo ter sido fisgado pelo estômago. Ele sucumbiu ao casamento com a atriz Annette Bening em 1992. Ele tinha 55 anos; ela, 34. Qual o segredo de Annette? Para levantar dinheiro para os estudos, a futura atriz foi cozinheira de um navio mercante, cargo que exerceu durante um ano. Graças a esse aprendizado culinário, ela agora prepara os melhores pratos para o marido e os dois filhos.

Dulce Damasceno de Brito foi correspondente em Hollywood dos Diários Associados e de O Cruzeiro de 1952 a 1968.

Top Tape

Heinrich Harrer (Pitt) e o jovem Dalai Lama descobrem o valor da amizade

Brad Pitt conhece um belo e admirável mundo novo em

SETE ANOS NO TIBET

A cada novo filme, o cineasta francês Jean-Jacques Annaud parece se impor ainda mais como o sucessor do inglês David Lean. Assim como o mestre que concebeu obras-primas do porte de *Lawrence da Arábia* e *Passagem para a Índia*, Annaud também é um bom contador de enredos, um eventual professor de história, um pintor de imagens impactantes e um retratista sensível. Essas qualidades estão expressas no belo e injustiçado *Sete Anos no Tibet*.

O filme apresenta o alpinista austríaco Heinrich Harrer, que viveu uma aventura sem precedentes durante a Segunda Guerra. Ainda vivo, hoje com 85 anos, Harrer viu seu nome estampado, recentemente, em manchetes que davam conta de sua participação no movimento nazista. Essa notícia pode ter prejudicado a carreira internacional do filme, já que Annaud construiu seu épico em torno de um personagem basicamente apolítico e intensamente ariano – a escolha do loiro e carismático Brad Pitt, portanto, foi mais do que proposital. Se essa acusação, para muitos, justificou o fato de o filme ter sido jogado para escanteio, pior para quem não o viu. *Sete Anos no Tibet* é um espetáculo para os olhos e para a alma.

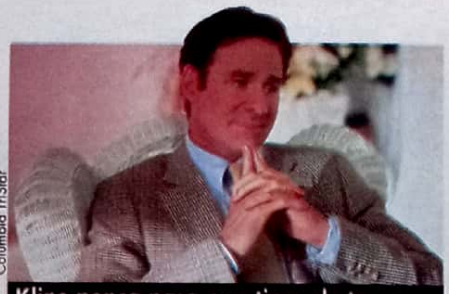
O arrogante e individualista Harrer chegou ao Himalaia, em 1939, para desvirginar o pico do monte Nanga Parbat. As péssimas condições meteorológicas o impediram de realizar seu sonho – e, enquanto a guerra se alastrava pela Europa, o alpinista permaneceu preso por anos em um campo de concentração inglês. Depois de fugir na companhia do também alpinista Peter Aufschnaiter (o grande ator David Thewlis), Harrer se tornou o primeiro ocidental a viver na proibida capital do Tibet, Lhasa, onde tomou contato com uma cultura radicalmente diferente – pacífica, espiritualizada e nada competitiva. Sua vida mudou de forma decisiva quando se tornou uma espécie de tutor informal do Dalai Lama, o líder espiritual tibetano, então com quatorze anos.

A amizade entre os dois é o núcleo do filme. Recorrendo a imagens épicas, Annaud revela como viajar pelo mundo com mente e alma abertos para o novo é uma premissa necessária para o amadurecimento pessoal. O novo, aliás, exerce função importante na obra de Annaud, da descoberta do fogo em *A Guerra do Fogo* ao abandono dos dogmas medievais em *O Nome da Rosa*. Não há narrador melhor, portanto, para definir como uma viagem que começou em busca de um dos pontos mais altos do mundo se transformou na descoberta da verdade mais íntima de uma pessoa. *Sete Anos no Tibet* é cinema, aventura e aprendizado. Nada melhor.

Christian Petermann

★★★

(Seven Years in Tibet, EUA/Inglaterra, 1997) Direção: Jean-Jacques Annaud. Com Brad Pitt, David Thewlis, B.D. Wong, Lhakpa Tsamchoe, Mako. 135 min. Top Tape.



Columbia TriStar

Kline pensa para que time ele torce

SERÁ QUE ELE É?

comédia ★★★★

O filme se inspira em um fato verídico: ao receber o Oscar de ator por *Filadélfia*, Tom Hanks agradeceu a um professor homossexual. Aqui, um jovem ator (Matt Dillon) faz o mesmo em relação ao professor Howard (Kevin Kline, em atuação notável). Só que Howard não abriu o jogo na pequena cidade em que vive. A dúvida sobre sua sexualidade perturba sua noiva (Joan Cusack) e toda a população, inclusive seus alunos, que até a entrega do Oscar o tinham em alta estima. Com cenas hilariantes, como aquela em que Howard tenta seguir um curso intitulado "Explorando sua Masculinidade", o roteiro tira bom partido das reações dos personagens. De forma leve e comunicativa, o filme evidencia a luta contra as convenções.

Alfredo Sternheim

(In & Out, EUA, 1997) **Direção**: *Frank Oz.* **Com** *Kevin Kline, Joan Cusack, Matt Dillon, Debbie Reynolds, Tom Selleck, Wilford Brimley. 90 min. Columbia TriStar.*

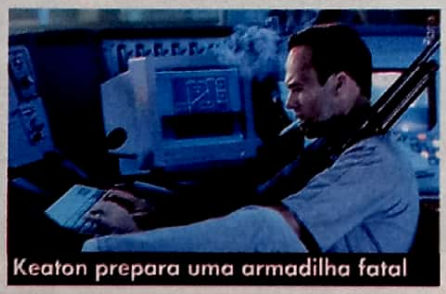
MEDIDAS DESESPERADAS

suspense ★★

Quem viu *O Reverso da Fortuna* e *Mulher Solteira Procura*, dois dos trabalhos anteriores de Barbet Schroeder, pode se decepcionar com *Medidas Desesperadas*, um filme repleto de tiroteios e explosões. Andy Garcia é Frank Conner, um policial cujo filho sofre de leucemia. Nos arquivos do FBI, ele descobre um único doador de medula compatível: Peter McCabe (Michael Keaton), um assassino psicopata. Não é preciso ser vidente para antever que o condenado fugirá da sala de cirurgia. Quantas pessoas terão de morrer para que um garoto seja salvo? A pergunta, feita por um dos tiras, seria a deixa perfeita para que o diretor preparasse um thriller mais elaborado. Desta vez, porém, ele se contentou com pouco.

Suzana Uchôa Itiberê

(Desperate Measures, EUA, 1998) **Direção**: *Barbet Schroeder.* **Com** *Andy Garcia, Michael Keaton, Brian Cox, Marcia Gay Harden, Eric King, Efrain Figueroa. 100 min. Paris.*



Keaton prepara uma armadilha fatal

AMIGOS PARA SEMPRE

infantil ★★ INÉDITO NO CINEMA

Certa manhã, Toupeira tem sua casa destruída pelas terríveis Doninhas, que compraram aquelas terras do irresponsável Sr. Sapo. Com a ajuda de Rato e de Texugo, o pobre animal tenta recuperar seu lar, e todos se envolvem em grandes confusões. Meio engraçada, meio esquisita, esta incursão do grupo Monty Python pelo território infantil baseia-se em um livro inglês de 1908.

(The Wind in the Willows, Inglaterra, 1997) **Direção**: *Terry Jones.* **Com** *Steve Coogan, Eric Idle. 90 min. Columbia TriStar.*

VEM DANÇAR COMIGO 2

romance ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Esta segunda incursão de Eleanor Bergstein pelo universo da dança deveria se chamar *Dirty Dancing 2* – Eleanor escreveu o roteiro do primeiro *Dirty*. Romântica e envolvente, a história apresenta três casais que se enfrentam nas pistas de uma escola. Ao som de deliciosos hits dos anos 80 e 90, essas pessoas só querem acertar o ritmo, não só da dança, mas também do amor.

(Let It Be Me, EUA, 1995) **Direção**: *Eleanor Bergstein.* **Com** *Campbell Scott, Jennifer Beals, Yancy Butler. 110 min. Paris.*

O HOMEM QUE SABIA DE MENOS

comédia ★★★ INÉDITO NO CINEMA

O início deixa claro, assim como no suspense *O Homem que Sabia Demais*, de Hitchcock, que em breve ocorrerá um atentado – mas a semelhança fica aí. Bill Murray é um turista que se envolve em uma trama de espionagem em Londres. O grande achado desta fita ágil e divertida é o protagonista pensar que tudo faz parte de um espetáculo de teatro interativo.

(The Man Who Knew Too Little, EUA, 1997) **Direção**: *Jon Amiel.* **Com** *Bill Murray, Peter Gallagher, Joanne Whalley. 94 min. Warner.*

UM CAIPIRA EM NY

comédia romântica ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Ed vem do interior, pesquisa os mistérios genéticos do arroz e, apesar de nem ter trinta anos, já comprou um jazigo no cemitério. É, enfim, um sujeito para o qual ninguém olharia duas vezes. É quando Ed se apaixona por Lee, uma garota que canta baladas e se choca quando alguém mata camundongos. Nas entrelinhas, um brado: viva a sociedade alternativa!

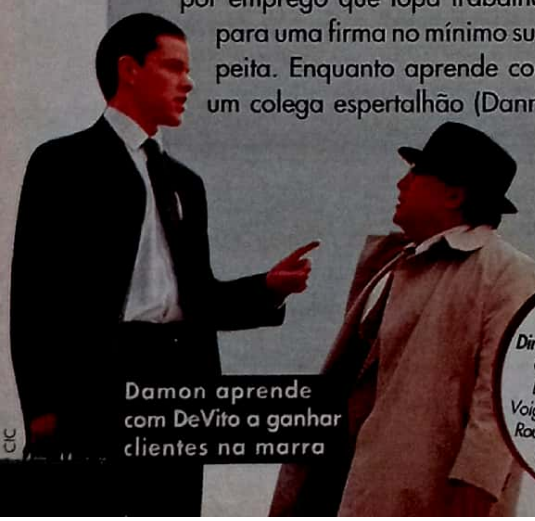
(Ed's Next Move, EUA, 1998) **Direção**: *John Walsh.* **Com** *Matt Ross, Callie Thorne, Kevin Carroll. 87 min. Abril.*

Columbia TriStar

O HOMEM QUE FAZIA CHOVER ★★★

drama Autor de *A Firma* e *Tempo de Matar*, John Grisham é conhecido do público de cinema como aquele cara que fala de advogados jovens e idealistas que desafiam os corruptos e poderosos. Agora é a vez de Francis Coppola "atacar" Grisham, mas com resultados muito superiores. O jovem em questão aqui é Rudy (Matt Damon, de *Gênio Indomável*) e está tão louco por emprego que topa trabalhar para uma firma no mínimo suspeita. Enquanto aprende com um colega espertalhão (Danny DeVito) a ganhar clientes na marra, assume um caso promissor: um rapaz está à morte com leucemia porque a seguradora insistiu em lhe negar os custos do tratamento. Duas movimentadas horas depois, Rudy consegue expor no tribunal os métodos sórdidos da empresa. Mas aqui não há aquela sensação de triunfo típica de Grisham. Há, sim, desilusão e a certeza de que, quando se está no topo, descer é inevitável, como bem sabe o cineasta que a cada filme que faz é comparado ao jovem que criou *O Poderoso Chefão*. Desta vez, Coppola não fez só um filme delicioso e envolvente, que extrai o melhor de cada ator. Fez também um pedido de que não julguem sempre sua competência pela genialidade de que vez por outra ele é capaz.

Isabela Boscov



CIC

Damon aprende com DeVito a ganhar clientes na marra

(John Grisham's The Rainmaker, EUA, 1997) **Direção**: *Francis Ford Coppola.* **Com** *Matt Damon, Danny DeVito, Claire Danes, Jon Voight, Mary Kay Place, Mickey Rourke, Danny Glover, Virginia Madsen, Roy Scheider. 135 min. CIC.*

MÁQUINA DE GUERRA

INÉDITO NO CINEMA

comédia ★★★

O diretor Richard Benjamin, de *Um Dia a Casa Cai*, acertou o tom desta crítica às engrenagens do poder no governo norte-americano. Esta sátira mostra as tentativas de um militar em provar ao Congresso que um general da Defesa quer produzir um tanque de guerra fajuto. Destaque para Kelsey Grammer, da série *Frasier*, como o cínico general.

(The Pentagon Wars, EUA, 1998) **Direção**: *Richard Benjamin.* **Com** *Kelsey Grammer, Cary Elwes. 104 min. Warner.*

GORDY

INÉDITO NO CINEMA

infantil ★★

Contemporâneo de *Babe – o Porquinho Atrapalhado*, este filme apresenta a saga do porquinho Gordy, que se transforma em um milionário herói nacional enquanto tenta reencontrar seus parentes, que estão ameaçados de virar salsicha. Apesar dos efeitos especiais e da simpatia do protagonista, porém, há cantoria country demais e criatividade de menos.

(EUA, 1995) Direção: Mark Lewis. **Com** *Doug Stone, Michael Roescher, Kristy Young. 90 min. Abril.*

O BRAVO

INÉDITO NO CINEMA

drama ★★★

A maior qualidade desta estréia de Johnny Depp na direção é sua ousada opção por não fazer concessões: em meio a um clima sufocante e alegórico, o ator interpreta um índio que, para tirar sua família da indigência, aceita ser morto diante das câmeras de um cineasta em troca de dinheiro – uma solução no mínimo discutível. Lento e intimista, o filme requer paciência e cumplicidade.

(The Brave, EUA, 1997) **Direção**: *Johnny Depp.* **Com** *Depp, Marlon Brando, Elpidia Carrillo, Frederic Forrest. 123 min. Paris.*

BUENA SORTE

aventura ★★

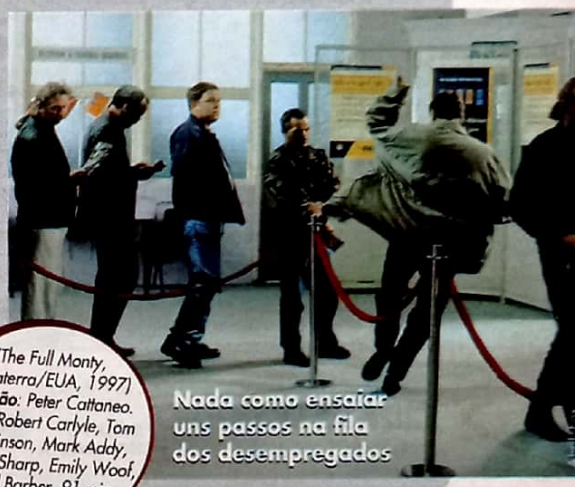
A diretora Tânia Lamarca perde-se na condução desta trama ingênua sobre Edgar (Marcos Palmeira), um vaqueiro marcado por um trauma de infância e que descobre o envolvimento do tio com a matança ilegal de cavalos. Apesar de artesanalmente correta, esta aventura dotada de humor mas carente de tensão aposta tudo nas imagens deslumbrantes do campo brasileiro.

(Brasil, 1997) **Direção**: *Tânia Lamarca.* **Com** *Marcos Palmeira, Gracindo Júnior, Karina Barum. 105 min. Columbia TriStar.*

OU TUDO OU NADA ★★★★

comédia **Poucos riem tão bem da própria desgraça como os ingleses. Problema de âmbito internacional, o desemprego é aqui o ponto de partida para um filme divertido e quase sempre alto-astral. *Ou Tudo ou Nada*, uma das mais gratas surpresas do último ano, é o anão que seduziu o gigante: com recursos modestíssimos e um elenco pouco conhecido – o nome mais famoso é o de Robert Carlyle, o psicopata Begbie de *Trainspotting* –, o filme conquistou Hollywood e meio mundo, transformando-se em um produto surpreendentemente lucrativo. O irresistível tom irônico já começa com a exibição de um velho documentário que apresenta a cidade industrial de Sheffield em franco progresso. Um quarto de século depois, a cidade está falida e o desemprego predomina. Um grupo de amigos unidos na miséria decide, não sem antes relutar um pouco, montar um show de strip-tease para levantar fundos. Em vez de corpos malhados, o diretor coloca no palco cidadãos comuns, meio barrigudos, meio calvos, levando o espectador a se identificar quase que de imediato: essa química que rola espontaneamente é apenas um dos trunfos de um filme tão charmoso quanto esperto.**

Christian Petermann



Nada como ensaiar uns passos na fila dos desempregados

(The Full Monty, Inglaterra/EUA, 1997) **Direção**: *Peter Cattaneo.* **Com** *Robert Carlyle, Tom Wilkinson, Mark Addy, Lesley Sharp, Emily Woof, Paul Barber. 91 min. Abril/Fox.*

CONTRATO DE RISCO

INÉDITO NO CINEMA

comédia policial ★★★★

Lee e Dosmo invadem a casa de Becky, põem a moça para dormir e ameaçam seu marido de morte. Por quê? Será que a linda e loura Helga tem mesmo algo a ver com a história? Por que Lee depois tenta eliminar Dosmo? E por que a dupla de policiais que acudiu Becky insiste em investigar casas de massagem? E qual a ligação de Allen, um yuppie que sofreu uma crise renal, com essa confusão toda? A graça de *Contrato de Risco* é justamente esta: as perguntas não param de pipocar, e logo acabam envolvendo meia Los Angeles. Com seu humor saboroso e seu talento para complicar sem confundir, o diretor estreante John Herzfeld conseguiu um feito raro: um filme que funciona como comédia, como romance e como suspense.

Isabela Boscov

A loira Helga: intriga

(Two Days in the Valley, EUA, 1996) **Direção**: *John Herzfeld.* **Com** *Danny Aiello, James Spader, Teri Hatcher, Eric Stoltz. 104 min. Columbia TriStar.*

Warner/MGM

Fishburne tenta intimidar o caolho Garcia

HOMENS PERIGOSOS

drama ★★★

INÉDITO NO CINEMA

Os hábitos criminosos da máfia na década de 30 servem de pano de fundo para *Homens Perigosos*, que apresenta o pouco conhecido gângster negro Ellsworth "Bumpy" Johnson (Laurence Fishburne), partidário da violência como única forma de dar poder à comunidade negra. O filme exagera na sanguinolência ao mostrar o confronto de Bumpy com o racista "Dutch" Schultz (um Tim Roth deliciosamente vulgar) e o chefão caolho "Lucky" Luciano (Andy Garcia). Mesmo assim, o filme tem atrativos: a produção luxuosa, a presença ora suave, ora animalesca de Fishburne e a interpretação de Cicely Tyson como a exótica gângster Madame Rainha.

Christian Petermann

(Hoodlum, EUA, 1997) **Direção**: *Bill Duke.* **Com** *Laurence Fishburne, Tim Roth, Andy Garcia, Cicely Tyson. 130 min. Warner/MGM.*

REVIRAVOLTA ★★★

suspense Ao dirigir *Reviravolta*, Oliver Stone acreditava estar fazendo um filme comercial, um sucesso certeiro: com um elenco estelar e um roteiro simples, não havia como amargar outro fracasso nas telas. O filme, porém, naufragou – e o culpado não é outro se não o próprio cineasta. A história nada tem de original: a caminho de Las Vegas para pagar uma dívida de jogo, um forasteiro acaba preso em uma cidadezinha no meio do nada. Desesperado, ele se envolve cada vez mais com a bizarra fauna de personagens do local – o delegado autoritário, o mecânico amalucado, a mulher misteriosa –, não conseguindo mais deixar o lugar. O diretor foi além do experimentalismo de *Assassinos por Natureza* e fez de *Reviravolta* um espetáculo visual perturbador, misturando várias técnicas de filmagem e indispondo com isso muitos de seus espectadores. Stone continua mostrando o grande cineasta que é, mas ainda não foi desta vez que ele reencontrou a fórmula do cinema para as multidões.

Roberto Sadovski

Penn (*à esq.*) atrapalha a relação de Phoenix e Claire

(U Turn, EUA/França, 1997) **Direção:** *Oliver Stone.* **Com** *Sean Penn, Jennifer Lopez, Nick Nolte, Powers Boothe, Claire Danes, Joaquin Phoenix, Billy Bob Thornton, Jon Voight. 125 min. Columbia TriStar.*

KAMIKAZE TAXI

drama ★★ INÉDITO NO CINEMA

A premissa é interessante: um rapaz jurado de morte por gângsteres pega o táxi de um imigrante peruano, e ambos fogem da yakuza, a máfia japonesa. O filme discute a delicada situação dos latinos no Japão e a escória política local. Apesar das eletrizantes cenas de ação, o grito fica parado no ar. Além de ser longo e verborrágico demais, o roteiro não chega a lugar algum.

(Japão, 1995) **Direção:** *Masato Harada.* **Com** *Koji Yakusho, Kazuya Takahashi, Mickey Curtis, Reiko Kataoka. 140 min. PlayTime.*

SPAWN

aventura ★★

Assassinado a mando de seu chefe, o soldado Al Simmons faz um pacto com o demônio e volta à Terra dotado de poderes extraordinários. Sob o nome de Spawn, ele combate o maligno Violador – também uma cria do inferno – e tenta, a todo custo, recuperar sua humanidade. Mesmo insosso, *Spawn – O Soldado do Inferno* diverte pelo espetáculo de efeitos especiais.

(Spawn, EUA, 1997) **Direção:** *Mark Dippé.* **Com** *Michael Jai White, John Leguizamo, Martin Sheen, Nicol Williamson. 97 min. Warner.*

CIDADE DO ÓDIO

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

À primeira vista, este seria, à semelhança de *Cães de Aluguel*, mais um filme sobre um golpe que dá (muito) errado. O roteiro melancólico, porém, traz para a Los Angeles de hoje os valores puros e brutos do típico faroeste americano: traição, vingança e redenção. Harvey Keitel reassume o papel que o notabilizou nos últimos anos, o do durão solitário que é fiel a um código de honra rigoroso. Para vingar a morte do irmão e reaver sua parte em dinheiro, fruto de um assalto, ele segue os passos do jovem e enlouquecido Skip (Stephen Dorff, de *Sangue e Vinho*, repetindo os maneirismos de sempre). O ajuste de contas é de uma violência ímpar, o que pode incomodar alguns espectadores. Mas a seriedade com a qual o diretor conduz o filme o coloca acima da média.

Christian Petermann

Keitel planeja uma vingança

(City of Industry, EUA, 1997) **Direção:** *John Irvin.* **Com** *Harvey Keitel, Stephen Dorff, Famke Janssen, Timothy Hutton, Michael Jai White, Elliott Gould, Reno Wilson. 97 min. Abril.*

Sonja sofre nas mãos do pai

ADEUS, MINHA FILHA

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Selecionado para a mostra competitiva do Festival de Berlim deste ano, este drama australiano partilha com o vencedor *Central do Brasil* o tema do reencontro afetivo com o pai e as próprias raízes. Sonja (Kerry Fox) é descendente de eslovênios que emigraram para a Austrália, foi abandonada pela mãe suicida aos três anos e espancada pelo pai alcoólatra até os dezesseis, quando saiu de casa. Vinte anos depois, grávida e traumatizada, ela volta às montanhas da Tasmânia para resgatar sua identidade e a relação com o pai. Richard Flanagan, que dirigiu e adaptou seu romance para o cinema, trabalha bem os flashbacks, a densidade dramática dos personagens e a direção de atores. O ritmo, porém, é irregular, e o desfecho deixa a desejar.

Fátima Gigliotti

(The Sound of One Hand Clapping, Austrália, 1997) **Direção:** *Richard Flanagan.* **Com** *Kerry Fox, Rosie Flanagan, Kristof Kaczmarek, Evelyn Krape, Melita Jurisic. 95 min. PlayTime.*

ENFEITIÇADOS PELA PAIXÃO

drama ★★ INÉDITO NO CINEMA

A "loba" do título original é uma ninfomaníaca que assusta os moradores de uma pequena cidade italiana, tirando um padre do sério. Depois, fica obcecada por um soldado e casa-o com a filha. Dublado em inglês, lembra *O Monge e a Filha do Carrasco*, mas incomodam o pudor nas cenas eróticas e a impessoalidade de um filme de olho no mercado estrangeiro.

(La Lupa/The She-Wolf, Itália, 1995) **Direção:** *Gabriele Lavia.* **Com** *Monica Guerritore, Raoul Bova, Michele Placido, Giancarlo Giannini. 105 min. Paris.*

A MALDIÇÃO DE QUICKSILVER

terror ★★★

Mick Garris, diretor de *Sonâmbulos*, adaptou um conto de Stephen King e outro de Clive Barker, amarrando-os na figura do misterioso Quicksilver (Christopher Lloyd), um colecionador de objetos que conta histórias trágicas. O melhor é o segundo, de Barker, uma surreal e hilariante revolta das mãos, que passam a ter vontade própria. Co-produzido por John McTiernan.

(Quicksilver Highway, EUA, 1997) **Direção:** *Mick Garris.* **Com** *Christopher Lloyd, Matt Frewer, Missy Crider, Veronica Cartwright. 90 min. Abril/Fox.*

LÍNGUA ASSASSINA

comédia ★★★ INÉDITO NO CINEMA

Esta comédia de ficção científica é irresistivelmente insana. Graças à radiação de uma pedra rosa que caiu do céu, uma mulher passa a ter como parceira sexual sua enorme e perversa língua falante. Além disso, seus quatro poodles se transformam em *drag queens*. Afetado e frenético, o filme ganha pontos por assumir seus excessos sem a menor vergonha.

(Killer Tongue, Espanha/Inglaterra, 1996) **Direção:** *Alberto Sciamma.* **Com** *Melinda Clarke, Jason Durr, Robert Englund. 98 min. Alpha.*

O PACTO

suspense ★★★ INÉDITO NO CINEMA

O filme *Os Suspeitos* faz escola. Quatro amigos se reúnem 22 anos depois de terem cometido um delito. Na possibilidade de o caso ser reaberto, os atuais senhores acima de qualquer suspeita tentam manter as aparências e encontrar uma solução para o impasse. Com um ótimo elenco à disposição, o diretor não perde o fio da meada e conduz a trama com surpreendentes reviravoltas.

(The Lesser Evil, EUA, 1997) **Direção:** *David Mackay.* **Com** *Colm Feore, Tony Goldwyn, Arliss Howard, David Paymer. 96 min. PlayArte.*

ANJOS REBELDES 2

INÉDITO NO CINEMA

suspense ★★★

Flashstar

Temas esotéricos dão o tom deste *Anjos Rebeldes 2*, continuação do suspense gótico de 1994 protagonizado por Christopher Walken – que retorna no papel do arcanjo Gabriel, de volta à Terra para impedir o nascimento do novo messias. Será travada uma outra batalha entre anjos e mortais. Sem maiores pretensões, o filme é um passatempo interessante.

(The Prophecy 2, EUA, 1998) **Direção:** *Greg Spense.* **Com** *Christopher Walken, Russell Wong, Jenniffer Beals, Eric Roberts. 87 min. Flashstar.*

MUITO CANSADO PARA MORRER

INÉDITO NO CINEMA

comédia ★★★

Exibida no Festival de Sundance deste ano, esta curiosa produção ambientada em Nova York apresenta o sedutor Takeshi Kaneshiro, de *Amores Expressos*, no papel de um *bon vivant*. Depois de sonhar com a Morte (Mira Sorvino), ele recebe a notícia de que tem doze horas de vida. Esta original comédia *noir* cita clássicos do cinema e conta com uma fotografia elaborada.

(Too Tired to Die, EUA, 1998) **Direção:** *Wonsuk Chin.* **Com** *Takeshi Kaneshiro, Mira Sorvino, Jeffrey Wright, Ben Gazzara. 97 min. Flashstar.*

LEMBRANÇAS VIVAS

drama ★★★ INÉDITO NO CINEMA

O ator Emilio Estevez, de *Tocaia*, volta à ativa como diretor para cutucar as feridas provocadas pela Guerra do Vietnã. Na pele de um ex-combatente, Estevez regressa ao lar atormentado pelas lembranças do conflito, mas depara com a indiferença de sua família. A situação se agrava quando descobre que sua ex-namorada se casou. Baseado na peça teatral de James Duff, também autor da adaptação, o filme tem certo impacto dramático – propiciado pelo ótimo elenco, com destaque para Kathy Bates – e uma deliciosa trilha sonora embalada pelos sucessos de Crosby, Stills & Nash. Estevez, que interpreta o filho de Martin Sheen, seu pai na vida real, revela-se um bom diretor de atores, mas não consegue evitar que o roteiro verborrágico chova no molhado.

Miguel Barbieri Jr.

PlayArte

Retrato de família

(The War at Home, EUA, 1996) **Direção:** *Emilio Estevez.* **Com** *Estevez, Kathy Bates, Kimberly Williams, Martin Sheen. 123 min. PlayArte.*

Warner

BATMAN & MR. FREEZE

desenho ★★★

É difícil entender o que se passa na cabeça dos executivos da Warner: os mesmos profissionais que dão sinal verde para atrocidades como *Batman & Robin* – que quase sepultou o personagem no cinema – comandam uma divisão de desenhos animados capaz de produzir achados como este *Batman & Mr. Freeze – Abaixo de Zero*. A equipe responsável pela série de televisão do Cavaleiro das Trevas concebeu uma aventura eletrizante, com um vilão trágico e um final bombástico: Mr. Freeze rapta a filha do comissário Gordon (secretamente a heroína Batgirl) na tentativa de salvar sua mulher, acometida por uma doença incurável. Não é nenhuma obra-prima, mas dá gosto de ver.

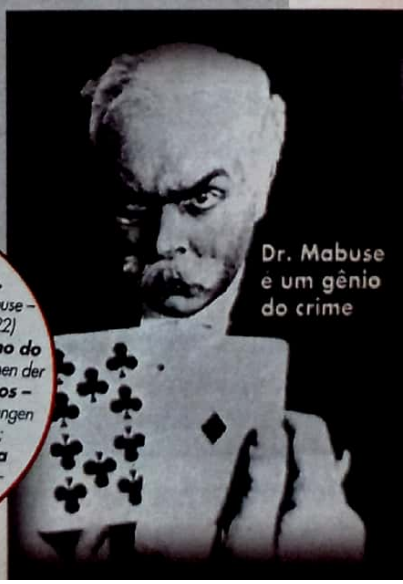
Roberto Sadovski

(Batman & Mr. Freeze: Subzero, EUA, 1998) **Direção:** *Boyd Kirkland. Dublado em português. 70 min. Warner.*

PACOTE FRITZ LANG ★★★★

clássico **Até agora mais conhecida no Brasil por *Metrópolis* e *M – O Vampiro de Düsseldorf*, a fase alemã do diretor Fritz Lang (1890-1976) ganha um excepcional reforço com este pacote de cinco obras-primas realizadas em apenas três anos. Quatro delas – a exceção é a segunda parte de *Dr. Mabuse* – têm no roteiro a assinatura da mulher do cineasta, a romancista Thea von Harbou. Lang tinha apenas 31 anos, mas já havia dirigido seis filmes, quando rodou *A Morte Cansada* (também exibido como *Pode o Amor Mais que a Morte*), sobre um casal que, em visita a uma pequena cidade, cai nas malhas de um homem misterioso, dono de um terreno ao lado do cemitério. As tintas expressionistas se acentuam em *Dr. Mabuse*, ambiciosa tentativa de registrar o angustiante quadro social alemão no pós-guerra. O personagem-título – que voltaria em dois filmes sonoros de Lang, em 1932 e 1960 – é um gênio do crime, especialista em hipnotismo e em disfarces. Em *Os Nibelungos*, superprodução voltada para o mercado internacional, von Harbou pôs no liquidificador alguns mitos nórdicos e tirou dali uma saga de paixão protagonizada por reis, príncipes e princesas. Uma "genuína manifestação da mente alemã", segundo o diretor.**

Sérgio Rizzo


Dr. Mabuse e um gênio do crime

A Morte Cansada *(Der Müde Tod, 1921) 84 min.;* ***Dr. Mabuse – O Jogador*** *(Dr. Mabuse – Der Spieler: Ein Bild der Zeit, 1922) 127 min.;* ***Dr. Mabuse – O Inferno do Crime*** *(Dr. Mabuse – Inferno: Menschen der Zeit, 1922) 93 min.;* ***Os Nibelungos – A Morte de Siegfried*** *(Die Nibelungen – Siegfrieds Tod, 1924) 117 min.;* ***Os Nibelungos – A Vingança de Kriemhild*** *(Die Nibelungen – Kriemhilds Rache, 1924) 123 min. Em p&b.*

CINEMA para guardar

Um clássico de Stanley Kubrick inédito em vídeo e um ótimo dicionário de atores são os destaques do mês

Fotos: Divulgação

A BRUTALIDADE DA GUERRA

sell-thru A Warner está lançando, pela primeira vez em vídeo, um dos melhores filmes de guerra já realizados, o clássico *Glória Feita de Sangue*, de Stanley Kubrick. O quarto longa-metragem do grande mestre estreou em 1957, mas, além de não ter envelhecido, continua sendo fonte de inspiração para muitos cineastas. Kirk Douglas dá talvez a melhor interpretação de sua carreira como o coronel Dax, que tenta manter o ânimo de seus subordinados franceses durante a Primeira Guerra. Desmotivados e escondidos em trincheiras enlameadas, os soldados são enviados em uma missão suicida. O filme é perturbador: a câmera funciona como narradora e passeia incansável pelo labirinto de corredores cavados, levando o espectador a se identificar com as vítimas da barbárie. Um libelo contra a estupidez humana, esta obra de Kubrick é um elogio à coragem e uma lição de cinema. Preço não estipulado.

ARTE & CINEMA

sell-thru

A Continental lança a caixa *O Surrealismo e o Dadaísmo no Cinema*. São dois filmes de Luís Buñuel – *Um Cão Andaluz*, em parceria com Salvador Dalí, e *L'Âge d'Or* –, o belo *O Sangue de um Poeta*, de Jean Cocteau, e duas *Antologias Surrealistas*, com curtas de mestres como Man Ray e René Clair. Preço: R$ 49 (cada fita) e R$ 120 (a caixa).

O COMEÇO DE UMA NOVA ERA

dvd

A Columbia TriStar lança seu primeiro pacote de DVDs. Com legendas opcionais em português e espanhol (e às vezes também em inglês), a distribuidora escolheu oito títulos comerciais, entre eles *Questão de Honra*, *Sintonia de Amor*, *Jovens Bruxas* e *O Pentelho* (foto). Agora será possível rever uma cena escolhida a dedo – sem demora. Preço não estipulado.

O MESTRE DA COMÉDIA

vídeo em banca

A editora Altaya coloca nas bancas, a cada quinzena, um novo fascículo com fita de vídeo da coleção *Os Grandes Filmes de Chaplin*. Com boa qualidade de imagem e de som, fazendo jus à importância das obras lançadas, a série é imprescindível aos fãs do eterno Carlitos. Os vídeos geralmente incluem um longa e um curta. Preço tabelado: R$ 16,90.

OS ATORES QUE FAZEM O CINEMA BRASILEIRO

livro O lançamento do dicionário *Astros e Estrelas do Cinema Brasileiro*, patrocinado pela Fundação Nestlé de Cultura, é de grande importância para estudantes, cinéfilos e amantes da cultura nacional. Carente de obras de referência sobre a produção cinematográfica local, o leitor tem neste trabalho do economista Antonio Leão da Silva Neto, de 41 anos, um poço de informações. Fruto de uma grande paixão pelo cinema, que levou o autor a dedicar todo o seu tempo livre, durante cinco anos, à reunião de dados, o livro tomou forma quando o próprio Antonio Leão sentiu falta de um título semelhante à disposição dos curiosos. Usando as mais diferentes fontes, dos arquivos da Cinemateca Brasileira a jornais e semanários, ele incluiu também profissionais de outras áreas que atuaram em filmes nacionais, como a cantora Emilinha Borba e o colunista social Ibrahim Sued. De atores esquecidos no tempo a pequenas surpresas – alguém se lembra que a apresentadora de TV Ana Maria Braga participou de *O Beijo da Mulher Aranha*? –, o dicionário é uma leitura que une o útil ao agradável. Preço tabelado: R$ 25.

COLEÇÕES CARAS

vídeo em banca

E a revista *Caras* continua investindo no conceito de videoteca no Brasil. A coleção Video Quality tem circulação nacional e lançará, em agosto, *Twin Peaks – Os Últimos Dias de Laura Palmer*, *Emma*, *Vem Dançar Comigo* e *A Bela da Tarde* (foto), de Luís Buñuel, acompanhados de fascículo (a R$ 5,90). A coleção de filmes da série James Bond (fascículo e vídeo a R$ 18,90) terá continuidade em São Paulo e circulará no Rio de Janeiro a partir de 2 de agosto. Enquanto em SP e no Rio a coleção Grandes Filmes, com títulos da Warner, entra em um breve recesso, a mesma será lançada no resto do país, também a partir do dia 2. São filmes como *O Cliente* e *Maverick*, que, acompanhados de uma revista-livro, custam apenas R$ 18.

Por que

SINFONIA EM PARIS

é um show de ritmo, beleza, grande música e genialidade

Por Ruy Castro

Outro dia, um crítico de cinema tentou debochar dos antigos musicais dizendo que não entendia por que, neles, o ator parava de repente de falar e começava a cantar ou dançar. Não é interessante? Nunca ocorreu a esse crítico que, nos filmes de ação, o ator também pára de repente de falar e sai dando tiros para todos os lados. O estranho seria se, nos filmes de ação, o ator parasse de dar tiros e começasse a cantar ou dançar. Mas, nos musicais, era o que eles tinham de fazer. E você pode ter certeza: para fazer isso num musical da Metro, o sujeito tinha de ser muito, *muito* bom.

Uma das provas disso está em *Sinfonia em Paris*, um musical de 1951 que, naquele ano, foi indicado para oito Oscar. Ganhou seis, entre os quais o de melhor filme, e ainda rendeu um Oscar especial para seu astro por serviços prestados à dança no cinema: Gene Kelly. Você sabe que não se pode confiar no Oscar – quando eles premiam demais um filme, é porque deve haver alguma coisa errada com ele. Mas, nesse caso, o Oscar foi na mosca. *Sinfonia em Paris* é um dos dois ou três maiores musicais do cinema, com várias seqüências (quer apostar?) impossíveis de esquecer.

Gene Kelly interpreta um americano que ficou de bobeira em Paris depois que a Segunda Guerra Mundial acabou. Primeiro, ele conhece uma francesinha jeitosa. Depois, conhece uma americana rica e bonita que quer sustentá-lo. É claro que ele se apaixona pela francesinha. Só que ela namora o seu melhor amigo. Não vou contar como a história acaba, mas saiba logo de uma vez: ela não tem a menor importância. O que importa são as canções (todas da dupla George e Ira Gershwin) e os sensacionais números de dança, a cargo de Gene Kelly e de Leslie Caron, que faz a garota.

E o que realmente importa é o seguinte: a passagem dos diálogos para as canções e danças é perfeita. É como se fosse inevitável que o ator saísse cantando e dançando. Os números musicais é que contam a história. E outra coisa: repare como você sempre verá Gene Kelly dançando de corpo inteiro e como as seqüências quase não têm cortes. Ou seja: ele dançou tudo aquilo de verdade em frente à câmera, sem truques de montagem. Quando Gene sapatear, repare nos pés dele e veja como combinam com os tectecs da trilha sonora.

Seria conveniente que você ajustasse as cores do seu televisor antes de ver o filme. *Sinfonia em Paris* tem aquele colorido exuberante do cinema dos anos 50 e seria uma pena que você o visse numa TV desbotada. Idem para com a trilha sonora – o ideal seria que a sua TV fosse estéreo e ligada ao amplificador, para que o glorioso som original saísse nas caixas. A Paris que você verá no filme, acredite ou não, é o estúdio da Metro. E o balé final, de dezessete minutos, é um show de ritmo, de beleza, de grande música e – ora, bolas, diga logo, Ruy Castro – genialidade.

Warner/MGM

Kelly e Leslie: um americano de bobeira e uma francesinha jeitosa

(An American in Paris, EUA, 1951) ***Direção:*** *Vincente Minnelli.* ***Com*** *Gene Kelly, Leslie Caron, Oscar Levant, Nina Foch, Georges Guetary, Eugene Borden, Martha Bamattre. 113 min.*

Na TNT dia 30 de agosto, às 12h

FIQUE LIGADO TAMBÉM EM...

Doutor Jivago, o clássico épico de David Lean, com Omar Sharif e Julie Christie, na TNT, dia 10, às 8h • ***Adorável Pecadora***, com Marilyn Monroe, Yves Montand e as inigualáveis canções de Cole Porter, na FOX, dia 12 e dia 28, às 7h e às 13h • ***Sete Homens e um Destino***, a ótima versão americana do clássico japonês *OS Sete Samurais*, com Yul Brynner, Steve McQueen e Charles Bronson, na TNT, dia 15, às 14h

TUDO o que eu AMO...

1 Enxergar: "Depois de *Perfume de Mulher*, pude apreciar melhor algumas coisas que damos como certas na vida – como a visão. Como é que alguém pode se resignar à cegueira, especialmente depois de ter conhecido o dom da visão?"

2 Tango: "Adoro dançar tango, e essa foi a maior razão pela qual resolvi fazer *Perfume de Mulher*. Eu achava que era um bom dançarino, mas, depois de ter aulas com profissionais – por insistência do diretor Martin Brest –, percebi que não passo de um iniciante".

3 Fama: "Eu odiava a idéia de ser famoso. Mas, depois de ficar um período sem trabalhar, constatei que a fama é uma coisa maravilhosa; ela significa que as pessoas apreciam você".

4 Liberdade: "Damos a liberdade como certa, mas, para mim, ela é a maior qualidade do nosso estilo de vida. Nos Estados Unidos, você pode expressar sua opinião sem ser perseguido. Se você pensar que nem todos no mundo têm esse tipo de liberdade, dá mais valor a ela".

5 Futebol americano: "Sei que é difícil acreditar, mas quando eu era jovem pesava quase 100 quilos e jogava futebol. Na verdade, foi graças a uma bolsa de estudos obtida com o futebol que vim para Nova York. Hoje ainda jogo sempre que posso. Já não corro tão rápido, mas ainda arremesso bem".

6 Atuar: "Francamente, não há mais nada que eu faça tão bem. Ao longo dos anos – alguns deles bem pobres – descobri que, quando você realmente ama o que faz, as coisas acabam dando certo. Nunca cogitei desistir, nem mesmo quando estava duro e sem emprego".

7 Ganhar um Oscar (depois de sete indicações, Pacino recebeu o prêmio de melhor ator por *Perfume de Mulher*): "Foi uma experiência maravilhosa. Não é uma questão de merecimento – é mais como se a sua vez tivesse chegado –, mas a maneira como as pessoas reagem é uma delícia. Todos aqueles parabéns fazem você se sentir como se tivesse ganhado uma medalha nas Olimpíadas".

8 Fazer meus próprios filmes: "Paguei do meu bolso todos os custos de *Ricardo 3º – Um Ensaio*, assim como da minha primeira produção, o média-metragem *The Local Stigmatic*, que ainda não foi lançado. Adoro *Ricardo 3º*, que combina cenas da peça de Shakespeare com seqüências documentais sobre como os atores, os diretores e as pessoas comuns vêem Shakespeare. Fazer esses filmes é a minha terapia".

9 Teatro: "Trabalhar no teatro é como andar na corda bamba. Já um filme não passa de uma linha pintada no chão".

10 Interpretar gângsteres: "Eles são *outsiders*, são anárquicos".

11 Os Alcoólicos Anônimos: "Quando passei a gostar mais de beber que de trabalhar, vi que era hora de tomar uma atitude. Tive muito apoio no AA – até a deixar o cigarro eles me ajudaram!"

12 Johnny Depp: "Nunca tive tanto prazer em trabalhar com alguém quanto com Johnny em *Donnie Brasco*".

13 Diane Keaton: "Ela é uma das minhas pessoas favoritas. Adoro a espontaneidade e o senso de humor de Diane e sempre soube que, mesmo quando nosso romance terminasse, continuaríamos amigos".

...E

1 Falar com a imprensa: "Sabe por que eu odeio isso? Porque não sei o que dizer".

2 Ficar sem dinheiro: "Aprendi o que é estar duro com o ator Charles Laughton. A primeira vez em que nos falamos foi quando ele perguntou: 'Você tem um dólar? Preciso da passagem do ônibus para voltar para casa'. Dei a ele dois dólares. Laughton me ensinou que há uma certa liberdade em não ter dinheiro, mas o fato é que sempre odiei a dureza".

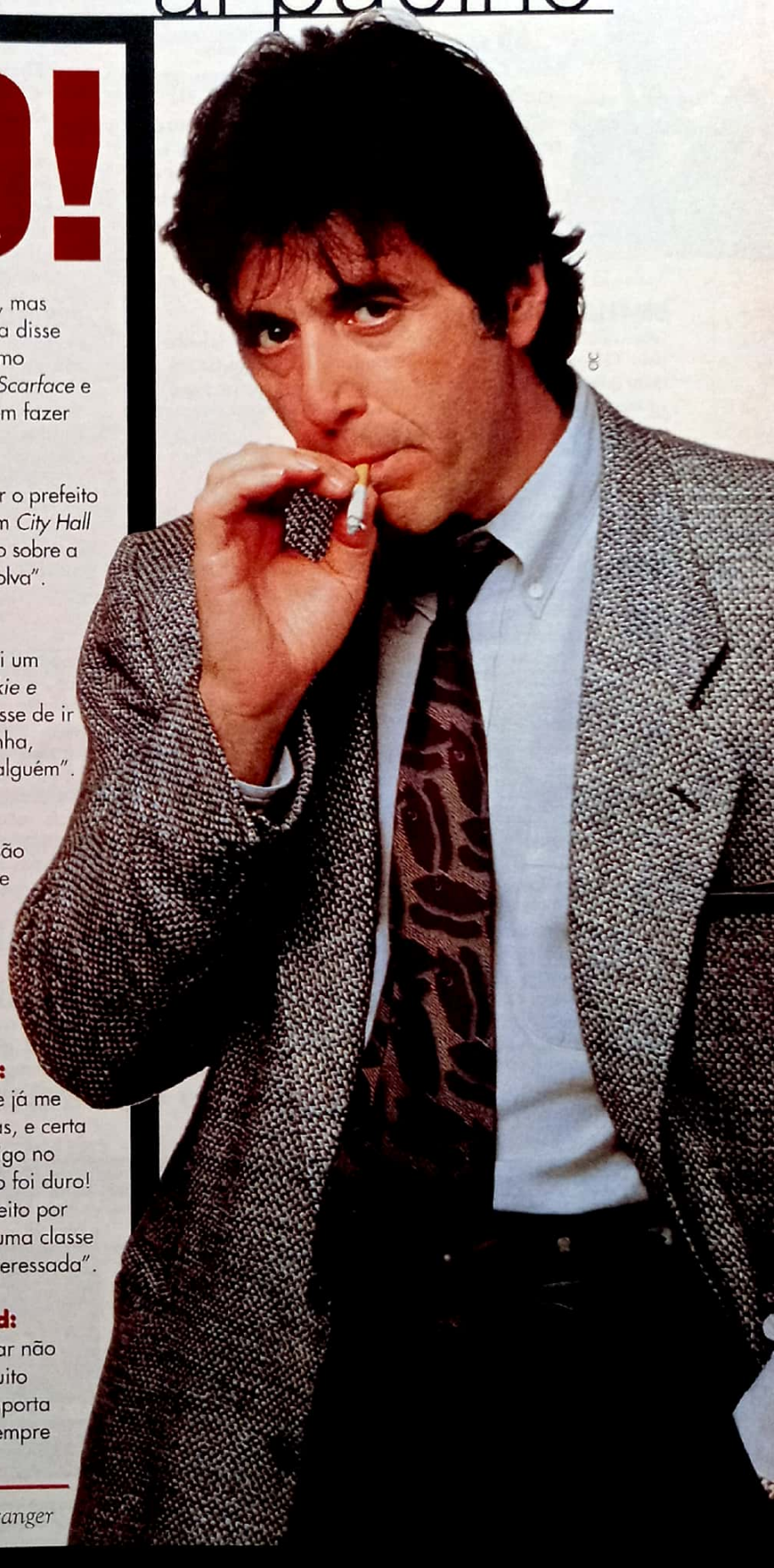
3 Novelas: "O primeiro teste que fiz na vida foi para uma novela, mas nunca tive a aspiração de fazer a mesma coisa todos os dias. Não é como o teatro, em que o texto é muito mais completo. Na verdade, por oito meses tive um papel em uma novela chamada *One Life to Live*, como um instrutor de esqui que não tinha casa nem família. Mas daí fui para Los Angeles e eles me despediram – o que foi um alívio".

4 Casamento: "Nunca me casei, e duvido que venha a fazê-lo".

5 Minha imagem na mídia: "Discordo totalmente da maneira como a mídia me retratou. Esta indústria é muito cínica. Um dia você é o queridinho de

al pacino

ODEIO!



todos, e no dia seguinte é um pária. Tive um grande sucesso comercial com *Vítimas de uma Paixão* e depois ganhei um Oscar – mas meu filme seguinte bem que poderia ter sido uma porcaria qualquer. Não posso me preocupar com o sucesso ou o fracasso e não estou nem aí para o que pensam de mim".

6 Aparecer em público: "Passei por um período de sigilo, em que não saía nem falava com as pessoas. Era uma precaução; não quero me prostituir para a imprensa. Há atores que vivem na capa de tudo quanto é revista à venda nos supermercados, mas isso me dá calafrios. Não quero virar papel de parede".

7 Beber: "Adoro *Farrapo Humano*, aquele filme em que Ray Milland fazia um alcoólatra. Eu mesmo já fui um farrapo humano, por volta de 1976. A combinação de bebida e exaustão me deixava muito temperamental, e até tentei cair fora de *Um Dia de Cão*. Hoje sou um alcoólatra sóbrio. A bebida matou vários de meus amigos e prejudicou muito minha carreira nos anos 70. Laurence Olivier dizia que a grande recompensa de atuar era um drinque nos bastidores; infelizmente, eu multiplicava essa recompensa por dez".

8 A história de que o diretor Oliver Stone me chamou de "imbecil": "Perdão à imprensa, mas aposto que ele nunca disse isso. Tivemos um ótimo relacionamento em *Scarface* e estamos pensando em fazer outro filme juntos".

9 Política: "Fazer o prefeito de Nova York em *City Hall* me ensinou uma lição sobre a política – não se envolva".

10 Cozinhar: "Representei um cozinheiro em *Frankie e Johnny*, mas, se tivesse de ir mesmo para a cozinha, acabaria matando alguém".

11 Médicos: "Tenho aversão a médicos desde que tive de operar os joelhos, quando jogava futebol. Até hoje detesto entrar em um consultório".

12 Dar aulas: "Muita gente já me pediu para dar aulas, e certa vez substituí um amigo no Actors Studio. Como foi duro! Tenho extremo respeito por quem sabe manter uma classe de trinta pessoas interessada".

13 Hollywood: "Aquele lugar não é para mim. Sou muito reservado e, não importa onde esteja, serei sempre um nova-iorquino".

Susan Granger

cartas

"Nota 10 para a matéria com Sean Connery. Confesso que também gostei muito de *Cinema em Movimento* e dei um verdadeiro mergulho de volta às grandes cenas. Enfim, só posso dizer que SET é uma revista indispensável aos que amam o cinema. Por favor, continuem fazendo a melhor revista do Brasil!"

Marcos Marcellino (Guaxupé – MG)

UM FELIZ ANIVERSÁRIO

Quero parabenizar a Redação pelo 11º aniversário de SET e dizer que a edição comemorativa estava excelente. Mas devo admitir que senti falta das *Fichas de Cine & Vídeo*.

Fernanda Gardini
(Itu – SP)

O que seria de nós, admiradores do bom cinema, se não fosse este tesouro intitulado SET? Personalidade forte e simplicidade são palavras que definiram perfeitamente Kate Winslet – atriz que conheci graças à belíssima edição de junho. Parabéns a todos de SET e obrigada pelo esforço mensal para nos apresentar sempre as melhores reportagens.

Andrea Cristiane Pscheidt
(São Bento do Sul – RS)

A reportagem *Vai um Filme Aí?* estava uma maravilha. Além de divertida, ela mostra o verdadeiro amor pelo cinema. Também gostei muito da entrevista com Meg Ryan. Mas, como nem tudo são flores, só faltou a publicação das *Fichas de Cine & Vídeo*.

Marcelo Mairinque
(São João Del Rey – MG)

NO TOM CERTO

A capa da edição de junho estava um luxo. Tom Cruise ficou ainda mais lindo (se é que isso é possível). Um verdadeiro arraso!

Raquel Sette
(Olinda – PE)

SEAN SEM IGUAL

Simplesmente sensacional o perfil de Sean Connery. Ele sozinho já vale duas vezes o preço que paguei pela edição 132.

Marília
(marilia@ivia.com.br)

Adorei a edição 132. Vocês realizaram meu sonho de ver uma matéria completa sobre Sean Connery. Parabéns pela matéria *Cinema em Movimento* e por trazerem Tom Cruise de volta. Afinal, ele estava meio sumido em meio à avalanche Leonardo DiCaprio.

Luciane B. da Silva
Natal – RN

ARRASOU!

Vocês capricharam na edição 132. A matéria *Eles Têm a Força* estava de arrasar, e Tippi Hedren estava impecável em *Nostalgia*. Parabéns a todos da Redação.

Ricardo Abdalla Barros
(Ipeúna – SP)

Sou assinante e colecionador de SET desde a primeira edição. Como cinéfilo, agradeço por ela existir e quero parabenizar o trabalho de Dulce Damasceno de Brito em *Hollywood Boulevard*. Ela consegue dar um toque de cinelândia à SET, sem deixar de ser atual.

Maurício Mignone
(edmilson@spponline.com.br)

PONTO DE VISTA

No que diz respeito à informação, a edição 132 trouxe muito pouco. Quem não sabe que Tom Cruise é um bom moço? Ou que Nicolas Cage é sobrinho de Coppola? Vocês perderam doze páginas com esses dados e, na seção Novos Filmes, publicaram resenhas minúsculas. O perfil de Sean Connery foi a única matéria que valeu a pena.

Simone Xavier
(simone98_99@yahoo.com)

DECEPÇÃO

Sou leitor de SET há anos e confesso que a edição de junho foi, de longe, a pior já publicada. É triste chegar a essa conclusão, especialmente por ser uma edição de aniversário. Espero que vocês voltem com a qualidade das edições anteriores; ler a SET era uma das minhas felicidades.

Anderson Soares Gomes
(Rio de Janeiro – RJ)

FICHAS

As Fichas de Cine & Vídeo deixaram de existir devido às mudanças editoriais pelas quais estamos passando. Esperamos que compreendam e que gostem do resultado.

A Redação

entre leitores

• Tenho material sobre diversos atores e quero trocá-lo por fotografias de Leonardo DiCaprio.
Jênniffer Regazzo
R. Jonas Batista de Castro, 5.247,
CEP 13630-000 (Pirassununga – SP)

• Vendo com urgência várias fotos e reportagens de atores e atrizes, como Brad Renfro, Tom Hanks, River Phoenix, Christina Ricci e Brad Pitt.
Raquel Olívia Fukuda de Carvalho
R. Bittencourt Rodrigues, 112/162,
CEP 01017-010 (São Paulo – SP)

• Vendo coleção de SET desde a primeira edição (julho/87) até a edição 97 (julho/95). Os fascículos estão completos, encadernados por semestre e em perfeito estado de conservação.
Eduardo do Carmo
R. Claudino Pinto, 100/131-1,
CEP 03040-040 (São Paulo – SP)

• Quero me corresponder com pessoas de qualquer parte do Brasil e que sejam fãs de cinema.
Valber Lopes
Caixa Postal 17,
CEP 68925-000 (Santana – AP)

• Tenho interesse em me corresponder com fãs da atriz Kate Winslet para trocar informações e vários materiais.
Thiago Vinícius de Morais
QI 23/lotes 2,6/ bloco G/ap. 214,
Guará II, CEP 71060-230 (Brasília – DF)

• Compro filmes selados com as seguintes atrizes: Bette Midler, Diane Keaton, Meryl Streep, Goldie Hawn, Susan Sarandon, Sally Field e Glenn Close. Dou preferência aos filmes de suspense.
Vinícius de Oliveira Biasi
Av. Alberto Byington, 750/2,
CEP 02127-000 (São Paulo – SP)

• Quero trocar correspondência e materiais com fãs dos filmes *Pânico* e *Pânico 2* e *Eu Sei o que Vocês Fizeram no Verão Passado*.
Igor Leoni Maluf
R. México, 161,
CEP 13465-000 (Americana – SP)

• Troco material de vários artistas por qualquer material sobre Sharon Stone.
Ernandes V. de Oliveira
R. Frei Pio, 61,
CEP35230-000 (Resplendor – MG)

• Compro algumas edições da SET para completar minha coleção. São elas: 45, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 120, 122, 124, 125 e 127.
Lúcio D.G. Almeida
R. 02, quadra A, casa 14,
CEP 65600-000 (Caxias – MA)

últimas edições

nº 128 fevereiro 98

nº 129 março 98

nº 130 abril 98

nº 131 maio 98

nº 132 junho 98

nº 133 julho 98

Escreva para a SET, Avenida Nações Unidas, 7221, CEP 05425-902, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 3037-4706 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/868-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

SET

Diretor Superintendente: Carlos R. Berlinck

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora-Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editores: Christian Petermann, Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboraram Nesta Edição: Alfredo Sternheim, André Barcinski, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, José Emilio Rondeau, Miguel Barbieri Jr., Ruy Castro, Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza; **Paris:** Pedro de Souza

Comercial
Gerente: Silvia Campos
Gerente de Produto de Assinatura: Luciene Lauriano

Comunicação
Gerente de Promoção e Propaganda: Sandra Galli Ponsoni

Publicidade
Diretora: Ana Serra
Executivas de Negócios: Andréa Madri, Maria Rosaria Pires
Supervisora de Publicidade: Ana Maria Lobo
Supervisora de Especiais: Malú Marot
Executivas de Contas: Marília Hindi, Mônica Nicolau, Nilda Sperandeo (agências), Alessandra Alves, Marlene S. de Araújo (diretos)
Coordenação: Igor Ismael Assan (supervisor), Cláudio J. da Silva, Tieko Kuniyuki (coordenadores jr.)

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Regionais: Marcos Venturoso
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Grupo Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de setembro

O RESGATE DO SOLDADO RYAN

Steven Spielberg lança seu melhor filme desde *A Lista de Schindler*: um relato duro, dramático e violento sobre um grupo de soldados, Tom Hanks à frente, que cruza as linhas inimigas durante a Segunda Guerra para resgatar um colega.

Editora Abril

SET

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 5º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-4706

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tels.: (061) 223-21347/ 321-0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tels.: (085) 254-1666 / 6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte MG - CEP 30110-907 - Tel.: (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • INFORMÁTICA EXAME
VIP EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR • FLUIR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • MANEQUIM
PONTO CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA
ANA MARIA • HORÓSCOPO • CARÍCIA • SAÚDE
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
Entretenimento
CONTIGO • SHOWBIZZ • SET

SET edição 134 (ISSN 0104-1592), agosto de 1998, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. **Assinatura:** sua satisfação é a sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume, 769 - Lapa - CEP 05066-900 - São Paulo - SP. **Números atrasados** (as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque): ao preço da última edição em banca, mais custo de postagem, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A - Caixa Postal 2505, Osasco - SP, tel.: (011) 810-4800, fax: (011) 868-3018, dinap.na@email.abril.com.br. Horário de atendimento: de 2ª a 6ª, das 8h às 19h. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard, Diners, American Express e Solo. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **SET** não admite publicidade redacional.

ANER **Central de Atendimento ao Assinante:** IVC
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

A PAIXÃO SEGUNDO OS FRANCESES

Um crítico americano disse, certa vez, que quem fosse capaz de resistir ao insuspeito charme de *O Boulevard do Crime* não mereceria conhecer Paris. Um dos maiores épicos que a França já realizou e um dos filmes europeus mais cultuados de todos os tempos, essa obra-prima dirigida por Marcel Carné em 1945 é considerada uma resposta ao clássico americano *...E o Vento Levou*, que tomara os cinemas do mundo todo de assalto seis anos antes. Os bastidores de *Boulevard* são tão fascinantes quanto o próprio filme: ele foi feito durante os últimos dias da ocupação nazista na França, o que obrigou Carné a disfarçar seu trabalho de mera diversão. Um olhar mais atento, porém, logo revela que, com um elenco repleto de integrantes da Resistência e um roteiro escrito pelo marxista Jacques Prévert, aqui há uma sutil parábola da Paris sitiada por um regime ditatorial. O mímico Baptiste Debureau (magnificamente interpretado por Jean-Louis Barrault, na foto ao lado de Maria Casarès) é o pivô de uma intriga melodramática que se desenrola entre 1820 e 1830, em um mundo de espetáculos populares prestigiados tanto por aristocratas quanto por miseráveis. Trágico e passional, é poesia em estado puro.

PRENDA O CINTO DE SEGURANÇA.

KIEFER SUTHERLAND
(O Silêncio do Lago / Linha Mortal)

ROBERT SEAN LEONARD
(A Época da Inocência / Sociedade dos Poetas Mortos)

KELLY McGILLIS
(A Testemunha / Top Gun - Ases Indomáveis)

KRISTY SWANSON
(Buffy, A Caça-Vampiros / Manequim - A Magia do Amor)

PÂNICO NO AR

(GROUND CONTROL)

VOCÊ VAI VIVER MOMENTOS DE PURA TENSÃO!

DUBLADO E LEGENDADO

EXCLUSIVAMENTE NA SUA LOCADORA EM AGOSTO.

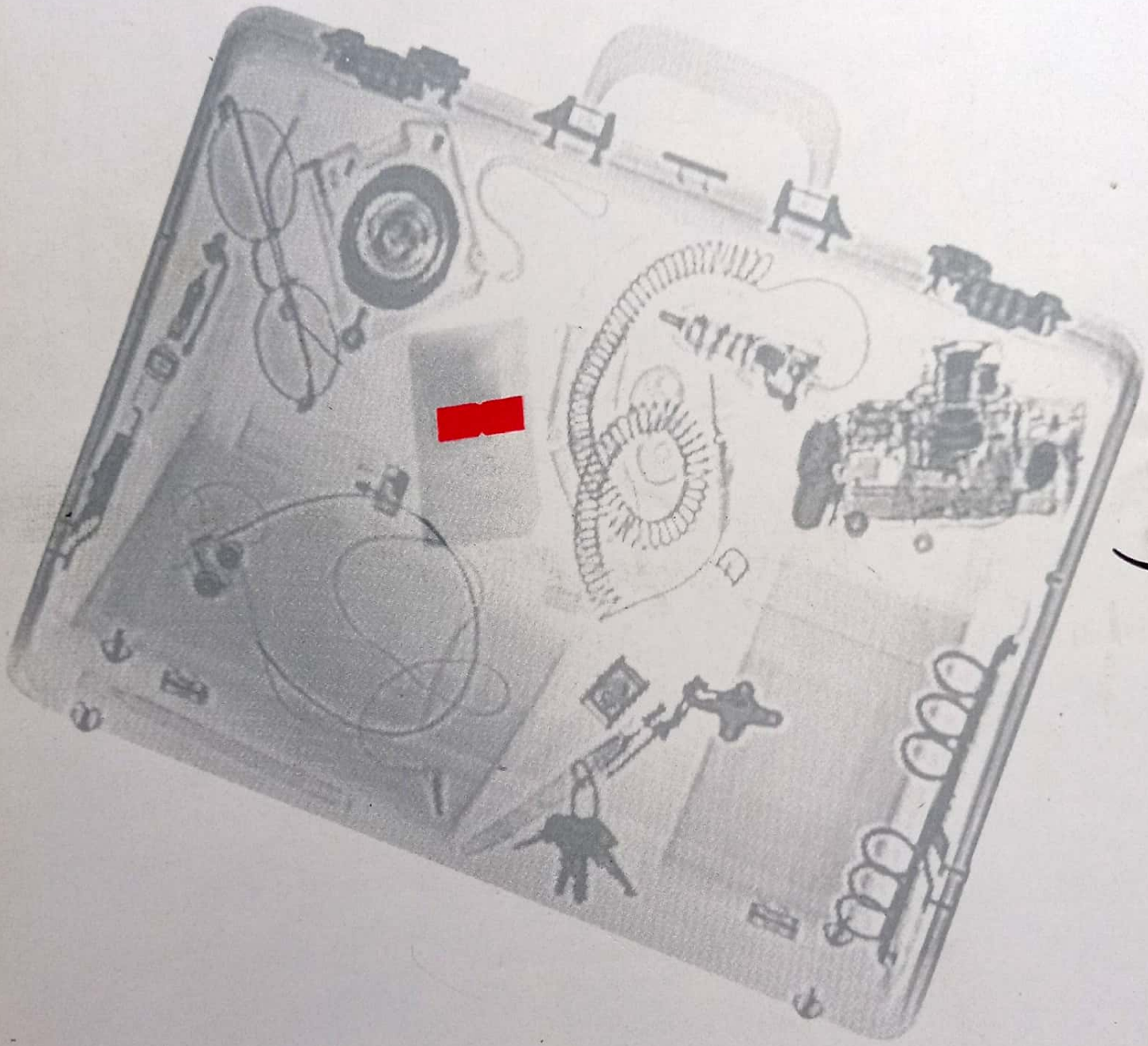
☎ (011) 290-0200

playtime

DPZ

carlton.

um raro prazer.



**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
EVITE FUMAR NA PRESENÇA DE CRIANÇAS.**

alcatrão: 11 mg
nicotina: 0,9 mg
monóxido de
carbono: 12 mg